Universidade de São Paulo

ECA – Escola de Comunicações e Artes

Programa de Pós-Graduação em Artes

Dissertação de Mestrado

A CIRANDA DAS CRIANÇAS

*IMPROVISAÇÃO E JOGO TEATRAL
COMO ESTÉTICA E LINGUAGEM
NAS ENCENAÇÕES DO PASÁRGADA*

JOSÉ GERALDO ROCHA

Dissertação submetida como requisito parcial exigido pelo Programa de Pós-Graduação em Artes, área de concentração em Artes Cênicas, linha de pesquisa Pedagogia do Teatro, sob a orientação da Profª. Drª. Ingrid Dormien Koudela, para a obtenção do título de Mestre em Artes

São Paulo – 2016

ROCHA, José Geraldo

A CIRANDA DAS CRIANÇAS: IMPROVISACÃO E JOGO TEATRAL COMO ESTÉTICA E LINGUAGEM NAS ENCENAÇÕES DO PASÁRGADA.

São Paulo, 2016 - 225 páginas

Dissertação – Mestrado, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – USP

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ingrid Dormien Koudela

JOSÉ GERALDO ROCHA

A CIRANDA DAS CRIANÇAS

*IMPROVISACÃO E JOGO TEATRAL
COMO ESTÉTICA E LINGUAGEM
NAS ENCENAÇÕES DO PASÁRGADA*

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Artes, Área de concentração Artes Cênicas, da Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo.

Banca Examinadora:

Presidente (orientadora): _____

Prof^a. Dr^a. Ingrid Dormien Koudela - ECA/USP

Titular: _____

Titular: _____

Titular: _____

Suplente: _____

Suplente: _____

Suplente: _____

Dedicatória

À

BOLLA, companheira inseparável
que compartilhou todas as histórias e me incentivou a registrar essa jornada
para não cairmos no esquecimento.

Seu amor e dedicação ao nosso ofício de fazer teatro infantil
me arrebatava diariamente e me impulsiona para continuarmos

À

memória de meu pai GERALDINO,
velho boiadeiro nas andanças do mundo, e à
minha mãe EDINA, que cantava lindas canções e me fazia dormir,
sonhando com histórias infantis.

Minha eterna gratidão por terem moldado minha vida.

Agradecimentos

À Profª. Drª..Ingrid Dormien Koudela
que apontou o caminho e fez junto a caminhada,
mostrando os obstáculos e os desvios.

Ao Prof. Dr. Renato Gonda, poeta da palavra e da imagem,
amigo que pacientemente leu meus escritos,
revisou e formatou nas regras da estética e da academia.

À Profª. Drª..Sandra Gregher, minha nora e amiga,
pelo incentivo e paciência de escuta.

Aos meus filhos, Janaina, Thiago e Amaranta
e ao meu genro Ricardo (ator dos bons),
por acreditarem e representarem muitas dessas histórias.

Ao meu neto Gabriel e às minhas netinhas, Lara e Cecilia,
que muitas vezes interromperam o meu trabalho de escrita
e me levaram pra mostrar a vida correndo solta lá fora...

Aos meus irmãos, Rê, Gerson e Nô
que me abastecem de carinho e afeto.

Aos amigos queridos, familiares e artistas que passaram pelo Pasárgada
e me ensinaram a jogar o jogo no teatro de grupo.

À CAPES pelo apoio financeiro.

RESUMO

Este trabalho é um recorte investigativo sobre a improvisação e o jogo teatral como estética e linguagem nas encenações do Grupo Pasárgada, ao longo de quatro décadas e meia de atuação, propondo novos olhares e caminhos sobre o teatro para crianças e jovens e sua contribuição para a cena teatral contemporânea.

Na presente Dissertação de Mestrado, destaco em três textos escritos e encenados por mim, exemplos de minha atuação prática e teórica, embasada no jogo teatral e no conceito de modelo de ação de Bertolt Brecht, como método de aprendizagem em seu caráter coletivo e pedagógico.

Destaco também a importância do vasto universo da cultura popular brasileira, com seus jogos tradicionais, contos populares, cantigas de roda, brincadeiras infantis e seu significado presente em praticamente toda a minha obra.

Apresento ainda, como registro, a continuidade dessa investigação através de uma dramaturgia em processo, tematizando A Cruzada das Crianças, de Marcel Schwob e o poema homônimo de Bertolt Brecht, sobre crianças em tempos de guerra – os ecos do passado – buscando revelar a invisibilidade que a criança vem ocupando através dos séculos, sendo vítima da mais completa indiferença e da mais cruel das exposições.

Palavras-chave: Teatro Infantil; Dramaturgia; Jogo Teatral; Improvisação; Música no Teatro; Brincadeiras Infantis; Cultura Popular, Pedagogia do Teatro.

ABSTRACT

This work is an investigative cut on improvisation and theatrical play as aesthetic and language in stagings of Pasargadae Group, over four and a half decades of work, proposing new looks and ways of theater for children and young people and their contribution to contemporary theater scene.

In this Master's Dissertation highlight in three texts written and staged for me examples of my practical and theoretical performance, based on the theatrical play and action model concept of Bertolt Brecht as a learning method in their collective and pedagogical.

I also highlight the importance of the vast universe of Brazilian popular culture, with its traditional games, folk tales, nursery rhymes, children's play and its present meaning in almost all my work.

I present also as a record, the continuation of this research through a playwriting process, thematising the Children's Crusade, written by Marcel Schwob and the eponymous poem by Bertolt Brecht, on children in times of war – the echoes of the past – seeking reveal the invisibility that the child has occupied over the centuries, victim of the most complete indifference and the cruelest of exhibitions.

Keywords: Children's Theatre; Dramaturgy; Theatrical Game; Improvisation; Music in the Theater; Children Play; Popular Culture, Theatre Pedagogy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
-----------------	----

CAPÍTULO I

Pasárgada: História de um grupo de teatro para todas as idades	14
Fundação da Cooperativa Paulista de Teatro.....	27
Uma identidade e uma entidade.....	27

CAPÍTULO II

O fazer teatral do Grupo Pasárgada	30
Primeiros passos	30
Recortes de textos dirigidos e encenados	33
1. Velho Retrato Novo ou Velhos Retratos.....	34
O processo de criação e da encenação	37
A proposta da encenação – Fragmentos de cenas	36
Cena IV	41
Cena VI	45
2. Labirinto de Filó.....	48
A poética do Pasárgada.....	49
A música no espetáculo	56
A cenografia, o figurino, os adereços.....	58
O enredo.....	60
3. Que bicho é esse???	65
Interface de possibilidade para a encenação	66
Exercício de escrita – Intertextualidade com literatura e dramaturgia	69
Descrição do processo.....	69
Prólogo	69
Cena I	71
Cena II	74
Cena III	75
Cena IV	78
Cena V	80
Cena VI	83
Cena VII	85
Cena VIII	90
Cena IX	92
Epílogo	96

CAPÍTULO III

Companhia do Trabalho Alegre – Um experimento de aprendizagem	100
Procedimentos metodológicos	100
Referências e proposta de estudo	102

Construção de muitas cirandas em fragmentos	103
Fragmento I	
Sangue na sapatilha para Pina Bausch – Heiner Müller	103
Fragmento II	
Sobre um desenho japonês (...) – Bertolt Brecht	106
Fragmento III	
O conto da criança pobre – Irmãos Grimm	107
Fragmento IV	
A menina na janela – Georg Büchner	110
Fragmento V	
Crianças e bufões – Georg Büchner	112
Fragmento VI	
O menino e o bispo – Bertolt Brecht	116
Fragmento VII	
Se os tubarões fossem homens – Bertolt Brecht	118
Descrição dos protocolos	119
Fragmento VIII	
Montagem a partir de jogos infantis	121
Fragmento IX	
A ciranda das crianças	122
CAPÍTULO IV	
A Historicização da Cruzada das Crianças	126
A literatura em fragmentos de Marcel Schwob	128
A cronologia sobre a Cruzada das Crianças	129
Os ecos do passado	131
Marcel Schwob e a dimensão de sua obra	132
Os Goliardos, crítica e contexto social	134
Carmina Burana – As canções de Beuren	136
Diálogo intertextual com Marcel Schwob	138
A Ciranda das Crianças – Cenas em construção	139
Cena – Goliardo	139
Cena – O caminho da cidade prometida	141
Cena – Praga de crianças e ratos	144
Cena – Diálogo contemporâneo	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
BIBLIOGRAFIA.....	157
REFERÊNCIAS	
Teses, Dissertações e Artigos	159
Músicas / Filmes.....	160
ANEXOS	161
Velho Retrato Novo, ou Velhos Retratos	162
CD de músicas	183
Labirinto de Filó	184
DVD de cenas	200
Que Bicho é Esse???	201
DVD de cenas	225

A CIRANDA DAS CRIANÇAS

*IMPROVISACÃO E JOGO TEATRAL
COMO ESTÉTICA E LINGUAGEM
NAS ENCENAÇÕES DO PASÁRGADA*

José Geraldo Rocha

“Sou antiga, mas não sou velha, porque dentro de mim continua vivinha a criança que fui e isto me permite estar em sintonia com crianças e jovens, com quem procuro repartir minhas curtições de ontem e de hoje. Meu prêmio maior é saber que meus livros irão para as mãos das crianças, e se elas sorrirem, ou se emocionarem ou ficarem pensativas, eu ficarei feliz”.

Tatiana Belinky

INTRODUÇÃO

Este projeto de mestrado tem como referência minha prática e atuação como professor, pedagogo, ator, escritor, dramaturgo e diretor teatral. No exercício de cada uma dessas funções, o teatro sempre teve papel decisivo na minha vida, como instrumento de educação de crianças e jovens e a encenação de espetáculos com grupos teatrais amadores e profissionais.

Apresento este trabalho em quatro capítulos. No primeiro capítulo, relato minha vivência com teatro popular musical de grupo, para crianças, jovens e adultos, realizados especificamente com o Grupo Pasárgada, fundado por mim e outros artistas na década de 70 como alunos da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, o qual dirijo até hoje. Neste capítulo também faço referência a *Panos e Lendas*, texto de minha autoria e de Vladimir Capella, encenado no final da década de setenta, (1978), recorrendo à dissertação de mestrado de Fábio Superbi “Três Décadas de Panos e Lendas”, UNESP – São Paulo 2007 – “*como marco na história do teatro infantil*” (conforme citação de Superbi). Esse recorte é fundamental como contribuição para pesquisadores e interessados no Teatro para crianças e jovens, como registro da continuidade do meu trabalho e do Pasárgada, após esse período enfocado nesta Dissertação. Finalizo o capítulo com um breve relato sobre a fundação da Cooperativa Paulista de Teatro, visto que o Pasárgada foi um dos grupos fundadores dessa entidade.

No segundo capítulo, faço um recorte sobre três textos que escrevi e encenei em épocas distintas: *Velho Retrato Novo, ou Velhos Retratos* (1986), *Labirinto de Filó* (2012) e *Que Bicho É Esse???* (2014). Nesses textos, utilizo como critério de análise a música – a sonoridade da palavra em prosa e verso, a história e a narrativa, a linguagem e a estética e outros elementos que formam uma colcha de retalhos, fundamentando o meu processo de trabalho. Nesse capítulo destaco, em cada um dos textos, o jogo teatral como elemento lúdico nas canções, a música em cena, a poesia e o lirismo, cantigas, brinquedos e brincadeiras infantis, parlendas e contos populares, cenografia e figurinos e a transformação cênica de objetos e adereços. Também relato método de trabalho

de atuação em grupo na encenação dos espetáculos, contextualizando texto, dramaturgia, concepção de direção, criação musical e preparação de elenco.

No terceiro capítulo, destaco um experimento de aprendizagem com a Cia do Trabalho Alegre, orientado pela Prof^a. Dr^a. Ingrid Koudela, com um grupo de alunos pesquisadores na Escola de Comunicação e Artes (ECA 2006), com procedimentos metodológicos na peça didática de Bertolt Brecht e modelos de ação exercitados com jogos teatrais. A proposta de trabalho da Companhia era fomentar pesquisadores de várias áreas, para trabalhar com os fundamentos da peça didática e dos jogos teatrais, fora dos muros da Universidade. O processo de atuação acontecia em vários espaços: dentro da sala de aula da ECA, no descampado ao lado do Teatro Laboratório, em meio a pedras e vegetação rasteira que permitiam uma brincadeira de esconde-esconde, com espaço de livre expressão e descontração, voltado para o jogo infantil, as cantigas e as brincadeiras de rua.

Nesse clima de atuação coletiva, o Grupo Cia do Trabalho Alegre, vivenciou uma experiência participativa, com textos de vários autores e recortes de versos e canções da cultura popular brasileira. Os encontros desse processo de pesquisa e experimentação foram registrados nesse capítulo, divididos em fragmentos, conforme relato de procedimentos.

E, finalizando o trabalho, encerro com o capítulo quarto, problematizando o conceito de modelo de ação para uma dramaturgia em processo sobre a historicização da Cruzadas das Crianças, na intertextualidade entre a obra de Marcel Schwob e o poema de Bertolt Brecht, que tratam do mesmo tema em diferentes momentos históricos. Os ecos do passado, revisitados nas cenas em construção, refletem sobre a realidade das crianças do século XXI, como maneira de verificar novas formas de manifestação social e elaboração simbólica da questão da violência contra a criança no mundo contemporâneo.

CAPÍTULO I

PASÁRGADA: HISTÓRIA DE UM GRUPO DE TEATRO PARA TODAS AS IDADES

O Pasárgada surge em 1971, formado por ex-alunos da Escola de Arte Dramática da Fundação das Artes de São Caetano do Sul – Belmiro Arruda, Claudio Campana, Darci Spironello, João José Araujo, José Carlos Machado, José Geraldo Rocha, Marilu Dominguez, Neide Calegari, Plínio Teixeira, Richards Paradizzi e Tadeu Faleiros, orientados pelos professores –Timochenco Wehbi (Timó), Dilma de Mello, Jefferson Del Rios, Jura Otero e outros.

Nasce de vários contextos – social, político e de expectativas compartilhadas como momento de repressão política, viver coletivamente como característica da época, movimento de luta dos trabalhadores, escola com projeto de arte inovador e finalmente, um ponto de encontro, “a” Pasárgada, um espaço para acolher tamanha sintonia de ideias, vontades e motivações: a casa onde praticamente metade do grupo morava, um espaço libertário, onde tudo era permitido, até o exercício do ócio e do diletantismo. Tomamos o nome emprestado do reino persa de prodígios e maravilhas governado por Ciro, o Grande, no período de 400/500 a/c e reescrito poeticamente por Manuel Bandeira:

*“Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei,
Terei a mulher que eu quero,
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada”*

Na Pasárgada, no início da década de setenta, rolavam soltos vinho barato, fumo, sexo, teatro e poesia. Uma vontade louca de transgredir, sair ileso da repressão e da truculência do período sombrio daqueles tempos. Na Pasárgada, nos sentíamos verdadeiramente amigos do rei, protegidos e donos do nosso próprio destino para experimentar e vivenciar nossas dúvidas e incertezas com gosto de paixão e loucura, acreditando que o teatro era a grande saída para fugir da mesmice e descobrir o inusitado.

Estava pronta a alquimia perfeita para fazer o teatro que queríamos para operários, estudantes e crianças. O ABC Paulista, naquele momento, caracterizava-se como foco de resistência, sobretudo pelos metalúrgicos que, mesmo com a ditadura, brigavam por conquistas econômicas, políticas e sociais, instaurando o processo de greve e contestação através da luta de classe.

Nesse período, a Pasárgada era frequentemente invadida por policiais armados de metralhadoras que achavam que ali era um foco de terroristas. Algumas vezes, eles chegavam, viam um livro do Brecht e ameaçavam: *“Onde está escondido o filho da puta desse comunista que escreveu essa merda”*. Por força das circunstâncias era difícil conter o riso diante de tanta estupidez. Outras vezes, nos ameaçavam dizendo que estavam invadindo para estourar um aparelho. Tínhamos nossa convicção política de esquerda, mas nenhum de nós estava envolvido com a luta armada. Como conseguimos sair ilesos, só mesmo Baco, Dionísio e os Santos de todas as divindades poderão um dia explicar.

Na Casa morava gente de todas as tribos. À meia-noite, em cima do telhado, um poeta declamava versos para lua, um ator lia um texto em voz alta fazendo exercício de técnica vocal, um casal transava no quarto e a vontade de fazer teatro preenchia a falta de pão e comida. Tudo aquilo nos dava uma sensação de que podíamos tudo: um reino de liberdade total, um processo de “des-repressão” fora e dentro. Começava pelas coisas mais simples, como deixar crescer cabelo, barba, usar mochila, sandália de dedo e dividir um ovo com abóbora quando a fome era coletiva.

Toda essa contestação também foi partilhada com as pessoas que davam sustentação intelectual ao grupo, o Timó, o Jeferson, a Dilma e a Jura. Assim foi a PASÁRGADA, criada em 1971, como uma espécie de comunidade na Rua Lourdes, na Vila Gerti, em São Caetano do Sul, próxima da Fundação das Artes,

onde moravam 20 pessoas fixas e 40 flutuantes. Construímos uma noção de pertencimento àquele espaço que se tornou marcante e definitivo para o resto de nossas vidas, como amigos, artistas, criadores e companheiros inseparáveis. Destaco uma grande amiga e pessoa especial que estimulou e contribuiu para a formação do Grupo Pasárgada, Maria do Carmo Fávero, (Carminha) que veio a ser assistente do Eugenio Kusnet quando ele foi professor na Escola de Teatro da Fundação das Artes.

Algumas experiências teatrais foram importantes como embriões do Pasargada, o espetáculo infantil *Sabe Tudo e o Espião*, de Ricardo Gouveia, dirigido por Aziz Bajur, com alunos do primeiro ano, apresentado para escolas da região, e a vinda de Timochenco Wehbi para dar aula na Escola. O Timó vinha da ECA, além de ser um jovem dramaturgo, premiado com o texto *A Vinda do Messias*, encenado pela Berta Zimmel. Ele convida alguns alunos para participar de um trabalho experimental, tendo como referência um texto seu, inédito e autobiográfico: *A Última Chuva de Verão*.

Timochenco Wehbi em conversa com alunos
da Escola de Teatro da Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Dessa convivência, o Grupo passa a fazer teatro estudantil e experimental e esse processo se amplia com a chegada da Dilma de Melo, também vinda da ECA, que monta *A Farsa de Inês Pereira* de Gil Vicente. Em seguida, chega o Jeferson Del Rios, também para dar aula na Escola, propondo a montagem de *Júlio César* de Shakespeare. Um trabalho intenso, aulas sobre História de Roma, palestras, gestos, posturas, figurinos, adaptação do texto para uma versão contextualizada no momento político da época. Toda essa efervescência artística, pedagógica e cultural explode em pouco mais de dois anos de convivência intensa, atuação, descobertas essenciais e experiências únicas; o pessoal do Living Theater vem ministrar um workshop, o Paulo Autran vem assistir o *Júlio César*, à luz de velas (naquele dia inundou a cidade e auditório da Escola ficou às escuras), o Fauze Arapi e outros artistas também vêm fortalecer e alimentar o fazer teatral que o Pasárgada estava construindo.

Nesse contexto, surge a decisão do Grupo de fazer teatro também para criança, porque o panorama do teatro infantil no período era de “pecinhas” sem conteúdo, historinhas cheias de maniqueísmo e conceito moralista – forma predominante e clássica de tratar a criança sem nenhum respeito e capacidade crítica e mental. Havia algumas honrosas exceções, como Ronaldo Ciambroni, Jurandyr Pereira, Roberto Lage e mais alguns poucos. O Grupo resolve buscar uma forma de falar às crianças de um jeito mais direto e menos “historinha de fada”, montando o infantil musical *O Castelo de Mulumi*, de Jurandyr Pereira, que foi um sucesso de público, e permaneceu em cartaz por um ano e meio. Outra parte do Grupo monta *O Dia de Pierrô*, de Timochenco Wehbi, que foi um grande fracasso de bilheteria. Encenado no Teatro Paulo Machado Carvalho, 1600 lugares, uma iluminação precária, os atores faziam apresentação para 12, 15, 20 pessoas, no máximo. O espetáculo, dirigido por Dionísio Amadi, que também foi professor na Fundação das Artes, ficou somente um mês cartaz.

Luis Tavares, Plínio Teixeira, Claudio Campana, Belmiro Arruda, Richards Paradizi,
Neide Calegari, José Geraldo Rocha, João Araujo e ZéCarlos Machado
- em *Sabe Tudo e o Espião* de Ricardo Gouveia - Direção de Aziz Bajur

Esse período caracteriza-se como um dos marcos da fundação do Grupo Pasárgada. Alguns atores são convidados para fazer teatro em São Paulo, outros desistem da profissão, outros resolvem morar definitivamente em São Caetano do Sul, montando o espetáculo de poesia. *Garanto que uma Flor Nasceu*, de Plínio Teixeira e José Geraldo Rocha, para levar a estudantes do ensino médio. O espetáculo é sucesso de público, em uma hora e meia, o grupo de atores do Pasárgada encenava uma viagem pela história da poesia brasileira desde a poesia tupiniquim de Anchieta e Gregório de Matos até nossos dias, passando pelos poetas das escolas literárias como Oswald e Mario de Andrade, Vinicius de Moraes, até a poesia concreta de Décio Pignatari.

Plínio Teixeira, Valnice Vieira Bolla, Neide Calegari e Zé Carlos de Aquino
em *Garanto que uma Flor Nasceu*, de Plínio e José Geraldo Rocha

Remontagem de *Garanto que uma Flor Nasceu*,
com Valnice Vieira Bolla, Valdete Cantarelli,
José Geraldo Rocha e Vladimir Capella

Caminhando junto com o espetáculo *Garanto que uma Flor Nasceu*, o núcleo do Pasárgada, começou a pesquisar textos, cujos temas se aproximassem da proposta de fazer teatro para crianças, mas não havia textos disponíveis e que atendessem às expectativas do grupo. O caminho foi escrever para o grupo. O primeiro roteiro foi *Histórias do Baú Encantado*, que marcou a opção por um teatro lúdico, de jogo e improvisações, que falava diretamente com a criança, independente de faixa etária.

“O trabalho do ator teatral é mostrado como similar ao brinquedo infantil. Fazer teatro implica improvisar, dar asas à imaginação (...) uma vez bem explorada a capacidade de fazer de conta, intrínseca ao ser humano, levaria como decorrência “natural” a realização do espetáculo.” (Pupo, M. No Reino da Desigualdade. 2014, p.124)

Ator 4 – Olha a roupa perfeita para o lobo da floresta.

Ator 1 – Nada disso, essa é do Príncipe Encantado. O lobo é feio e malvado.

Ator 4 – Mas ele tem que ser lindo para enganar o Chapeuzinho!

Ator 2 – Não precisa ser tanto não.

Ator 1 – Então enfia essa capa por cima de tudo e ninguém fica sabendo se ele é lindo ou não. E põe este chapéu também.

Ator 3 – Pronto eu já estou de vovó, agora já podemos começar a peça.

Ator 4 – E o cenário, não vai ter cenário?

Ator 1 – Cenário não tem, a gente vai ter que fazer de conta.

Ator 2 – Estes panos nestes paus são as árvores da floresta.

Ator 3 – E a casa da vovó fica deste lado. O baú é a caminha dela.

Ator 4 – E o lobo fica zanzando pela floresta, espalhando perigo.

Ator 3 – E o som? Precisa ter um sonzinho de fundo, para a gente imaginar melhor as coisas

(*Histórias do Baú Encantado*, de Plínio Teixeira, Carlos Seidl e José Geraldo Rocha) ¹

¹ A partir desta citação, todos os textos reproduzidos de minha autoria estarão grafados em azul - textos poéticos, textos de cenas teatrais, letras ou músicas.

“ (...) o aspecto lúdico era introduzido no espetáculo para adoçar a lição a ser aprendida. Além de negligenciada, a relação de jogo era geralmente confundida com teatro pastelão e a participação da plateia se dava ao nível dos programas de auditório. ” (Koudela, I. D. Jogos Teatrais, p. 93)

Valnice Bolla e Neide Calegari em *Estórias do Baú Encantado*, de Carlos Seidl, Plínio Teixeira e José Geraldo Rocha. Encenação do Grupo Pasárgada, dirigida por Geraldo Rocha em teatros e escolas do ABC, em 1973.

O Grupo mergulha de cabeça nessa proposta, intuitivamente, um salto meio sem rede proteção, sem saber muito bem o que estava fazendo, o que foi descoberto algum tempo depois com o encontro do método de Viola Spolin, sobre o jogo teatral e o jogo improvisacional.

Em seguida, o Pasárgada monta *O Palhaço imaginador*, de Ciambroni, com direção de João Luiz de Oliveira Joy, explorando a proposta de jogo e improvisação em cena que dava continuidade ao projeto de linguagem estética e pesquisa do Grupo. Geralmente esses textos eram roteiros, um pré-texto para um espetáculo que podia ter uma hora ou mais dependendo da prontidão e da sintonia dos atores com as crianças.

“O Palhaço Imaginador (1972) de Ronaldo Ciambroni é o primeiro espetáculo que parte da observação do jogo espontâneo da criança e dele retira valores para a formulação da especificidade do teatro para crianças.”
(Koudela, I. D. *Jogos Teatrais*, p. 94)

Simultaneamente ao surgimento do Palhaço Imaginador como observação do jogo espontâneo da criança, o Pasárgada vinha pesquisando a linguagem do jogo e do lúdico no teatro para crianças, com a montagem do *Estórias do Bau Encantado* de Plínio Teixeira, Carlos Seidl e José Geraldol Rocha. O Grupo tinha duas montagens no repertório: *O Castelo de Mulumi* e *Leopoldina Júnior*, e sentia a necessidade de questionar a linguagem e a estética desses espetáculos enquanto forma, conteúdo e respostas das crianças.

Mesmo tendo sido muito bem recebidos, *O Castelo de Mulumi* fez aproximadamente 100 apresentações em nove meses de temporada, para um público estimado de 15 mil crianças na região do ABC, enquanto *Leopoldina Júnior* teve uma temporada menos longa, de 4 meses de duração para um público de 2 mil crianças, também no ABC.

O questionamento para a continuidade dos próximos trabalhos vinha em um momento de renovação e busca de uma linguagem que pudesse atender as expectativas, na medida em que a proposta de teatro convencional não mais satisfazia a busca e a necessidade do Grupo. O *Baú...* foi a ruptura e criou um

desconforto muito grande, pelo enfrentamento que teve com críticos e a maioria dos professores da rede de ensino, que nos acusavam de estar fazendo tudo menos teatro. Na visão deles, teatro tinha que ter uma história que passasse uma mensagem, personagens que transmitissem valores e cenários que preenchessem todo o palco, com figurinos, coloridos e brilhantes. Em contraponto, *Histórias do Baú Encantado* era exatamente o avesso. Não tinha cenário, mas objetos colocados no palco para determinar o espaço cênico, como cabos de vassouras com panos pendurados, figurinos improvisados com adereços e apliques, uma capa, um chapéu virado do avesso, e uma proposta de jogo que se sustentava num roteiro de meia dúzia de páginas como exercício dos atores na relação de jogo e imaginação com as crianças.

Em 1976, O Grupo Pasárgada sai do ABC e vem se fixar em São Paulo, apresentando o texto/roteiro de Vladimir Capela e José Geraldo Rocha, *A Peça do seu José*, musical infantil dirigida por Capela. Esse espetáculo seguia a linha fundamentada no jogo teatral e na improvisação. Em um momento, a história não tinha fim e um ator dizia que o autor da história dizia que era para os atores continuarem como cada um quisesse. Alguns críticos foram assistir ao espetáculo, apresentado no Teatro Ruth Escobar e perceberam algo novo acontecendo. O espetáculo foi bem recebido e marcou a vinda do Pasárgada para São Paulo.

No ano seguinte, 1978, como referência de *Teatro para Crianças e Jovens*, o Grupo monta *Panos e Lendas*, de Vladimir Capela e José Geraldo Rocha, com direção de Capela e torna-se um marco na história do Teatro Infantil Brasileiro.

TEATRO
Edgar Rizzo

"A PEÇA DO SEU JOSÉ" UM BELO ESPETÁCULO INFANTIL

Uma cena do bom espetáculo infantil do Grupo Pasárgada

Mais uma vez a publicidade falhou e um número relativamente pequeno de crianças teve a oportunidade de ver a peça que o Grupo Pasárgada da cidade de Santo André apresentou no fim da semana passada no Teatro do Centro de Convivência.

O texto, de Vladimir Cappela e José Geraldo Rocha, elementos do próprio grupo, funcionou mais como um roteiro, do que como um texto rígido, onde a naturalidade e a espontaneidade dos atores foram exploradas até as últimas consequências. O "seu José" é um autor que remete ao grupo um texto inacabado onde relata uma disputa entre o sol e a chuva que se convencionou chamar de "Solchu" e que envolve um grande jogo imaginativo. Nessa disputa sairia vencedor aquele que tivesse mais imaginação. A partir daí, utilizando-se de muito material comum, facilmente encontrável e manuseável, os atores elaboram jogos deveras criativos. Um ator encara o sol a atriz a chuva e os outros dois fazem um ajudante e um juiz. E em cena vão aparecendo situações curiosas: barcos, rios, céu estrelado, jardim zoológico, acampamento turístico, navios. Tudo isso dentro de um ritmo perfeito, célebre, muito agradável e com boa música. E as crianças não se desligaram um minuto de todos os movimentos, encantando-se com o elefante feito com um enorme pano amarelo, e câmaras de ar, com a girafa de orelhas de latas coloridas, com as fontes de véus e a cachoeira de pano azul, com o casal de fantoches desenhados nos pés dos artistas, que manejavam tudo com a maior graça, com uma alegria inusitada em espetáculos para crianças, embora tão necessária. Há que se ressaltar ainda o grande jogo de autêntica expressão corporal, onde os corpos agiam em função única e exclusivamente do próprio espetáculo, tomando as formas mais diversas e curiosas. Uma verdadeira demonstração de como usar elementos descartados, fora de uso, em outras funções, ou seja como brinquedos, sendo que estes nos pareceram muito bonitos e atraentes para criança de qualquer idade. E depois do espetáculo, temos a certeza de que ele continuou em casa, pois nenhum espectador mirim deixou de fazer alguma ex-

periência que aprendeu no teatro. Está aí uma amostra do verdadeiro teatro infantil que pode ser visto por garotinhos até de dois anos.

O trabalho dos atores foi muito bom, muito consciente. Antes do espetáculo eles descem até a platéia para conversar com os menores e com os pais, eliminando logo de início qualquer receio, familiarizando os pequenos com o fenômeno teatro. A maquiagem é feita diante das vistas extasiadas, assim como todas as transformações. No final, sente-se um clima de "que pena, acabou", clima este que induz a criança a dar continuidade ao espetáculo no próprio lar.

Rodrigo, de três anos, que está se tornando frequentador assíduo das peças infantis, não quis dormir após o almoço, no domingo, para ficar brincando de teatro e procurou logo um lençol para fazer o elefante. Aí está uma prova da validade de "a história do seu José".

O Grupo Pasárgada existe desde 1972 quando montou a peça "O Dia do Pierrot" de Timochenco Webl e "O Castelo de Molumi" de Jurandir Pereira. Depois montou "Leopoldina Jr" de Ronaldo Ciambromi (1973), "Garanto que uma flor nasceu" de José Geraldo Rocha, e "Estórias do Baú encantado" de J. Geraldo Rocha e Plínio Teixeira (1974); "O Palhaço imaginador" de Ronaldo Ciambromi (1975) e agora esta.

FICHA: — "A Peça do Seu José" de Vladimir Cappela e José Geraldo Rocha com direção de Vladimir Cappela. Elenco: — Iedo Ribas — Valnice Vieira — Vladimir Cappela e José Geraldo Rocha.

Expressão corporal de Carminha Fávero. Esteve em cartaz no Teatro Interno do Centro de Convivência Cultural nos dias 11 e 12 de março numa promoção da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal.

OBSERVAÇÃO — Seria muito interessante se os Grupos de Teatro Infantil apresentassem músicas adequadas aos teatros antes dos espetáculos, pois as mesmas ajudariam a criar um clima alegre e descontraído entre os jovens espectadores.

José Geraldo Rocha

Autor de uma peça sozinho e de outras três com parceria, José Geraldo conquistou o **Mambembe** de melhor autor de teatro infantil, em São Paulo, com a peça **Com Panos e Lendas**, escrita em co-autoria com Vladimir Capella.

Suas outras peças são **A Engrenagem Partida e Estórias do Baú Encantado** (junto com Carlos Seidl e Plínio Teixeira) **Garanto que uma flor nasceu** (junto com Plínio Teixeira) e **A peça de seu José** (em parceria com Vladimir Capella). Em sua caminhada do teatro amador para o profissional já exerceu as funções de autor, diretor, ator, assistente de direção, sonoplastia, iluminador e produtor executivo.

Vladimir Capella

Co-autor de **Com Panos e Lendas**, junto com José Geraldo Rocha, Vladimir Capella escreveu ainda **Madalena**, em parceria com Afonso Gentil, e **A peça de seu José**, novamente com José Geraldo Rocha. Tem trabalhado como compositor, diretor musical, diretor e ator. Desenvolvendo um trabalho junto ao teatro amador de São Paulo dá aulas para os empregados da CESP.

Valnice Vieira

Prêmio Mambembe pelos figurinos de **Com Panos e Lendas** a dupla Nora Vianna/Valnice Vieira trabalhou junto pela primeira vez. Enquanto Nora estreava em 1978 nesta atividade, Valnice fez seu primeiro figurino anos atrás quando atuava como atriz em teatro experimental na peça **Pic-nic no front**, de Arrabal. Valnice passou então a criar as roupas para diversas peças, especializando-se em montagens para crianças: **Estórias do Baú Encantado**, **Garanto que uma flor nasceu**, **O Palhaço Imaginador** e **A peça de seu José**. Valnice Vieira, além de figurinista, prosseguiu na sua carreira de atriz.

Nora Vianna

Nora Vianna, com uma formação mais ligada às artes plásticas, tem cursos de desenho, gravura, serigrafia, artes gráficas, artes plásticas, arte dramática e improvisação. Em Porto Alegre, já participou de três mostras de desenhos.

Quarta-feira, 21-2-79 — O ESTADO DE S. PAULO

O Mambembe 78: para Cortez, Sônia Mamede, Antunes, Boal...

Sônia Mamede, melhor atriz.

Raul Cortez, o melhor ator.

Boal, o melhor autor.

Antunes, o melhor diretor.

Raul Cortez acaba de acrescentar mais um prêmio à sua coleção: ontem, ele foi indicado pela comissão julgadora do Troféu Mambembe como o melhor ator de 1978 por sua atuação em Quem Tem Medo de Virgínia Woolf, a peça de Edward Albee que voltará a ser encenada no teatro Municipal, em temporada popular, a partir de primeiro de março. Esse prêmio foi divulgado ontem pelo Serviço Nacional do Teatro e foi votado por uma comissão integrada por Sábato Magaldi, Jairo Arco e Flexa, Clóvis Garcia, Carmelinda Guimarães, Carlos Ernesto de Godoy, Fausto Fuser, Paulo Lara e Hilton Viana.

O Troféu Mambembe, setor São Paulo, também foi conferido a Augusto Boal, premiado como o autor do ano pela peça Murro em Ponta de Faca. Antunes Filho ganhou o prêmio de melhor diretor do ano pelo espetáculo Macunaíma, que continua em cartaz no Teatro São Pedro. O prêmio de melhor atriz ficou com Sônia Mamede por seu trabalho em Revista do Hentil, agora em temporada popular no Municipal. O prêmio de cenografia ficou com Gianni Ratto "pelo conjunto de obras". Naum Alves de Souza, o cenógrafo de Macunaíma, ficou com o prêmio de melhor figurino, também por esse espetáculo baseado em Mario de Andrade, que recebeu outro prêmio: o de ator revelação, conferido a Carlos Augusto de Carvalho. O prêmio de produtor ficou com Ruth Escobar pela "Revista do Hentil". Tácito Borralho ficou com o troféu Mambembe da categoria especial por ter escrito, dirigido e interpretado a peça O Cavaleiro do Destino. E o Grupo Casulo, que mon-

— Wladimir Capella e José Geraldo Rocha —, como os melhores autores da peça nacional, por Com Panos e Lendas;

2-Tato Fischer, como o melhor diretor por As Aventuras de Don Xicote Mula Manca e Seu Fiel Amigo e Companheiro Zé Chupança;

3-João Acaíabe, como o melhor ator por Vamos Jogar o Jogo do Jogo;

4-Lizete Negreiros, como a melhor atriz por Vamos Jogar o Jogo do Jogo;

5-Antonio, Fernando Negrini e Natalia Miranda, pela cenografia de Do Outro Lado do Espelho;

6-Nora Viana e Valnice Viçeira, pelos figurinos de Com Panos e Lendas;

7-Grupo Teatro Pasárgada, pela produção de Com Panos e Lendas;

8-Zeca Sampaio, pela sua revelação como ator em O Burro Ódórico e o Circo Corre Mundo;

9-Celuta Machado, Miguel Magno e Ricardo de Almeida, na categoria especial, pela tradução e adaptação de Do Outro Lado do Espelho;

10-Waldemar Sillas, na categoria personalidade, pelo conjunto de trabalhos.

"(...) os anos de 1970, nos quais um boom de espetáculos dirigidos à criança ocorre nas capitais brasileiras, assistem também à emergência de associações, encontro entre artistas e educadores e discussão de critérios de premiação, tendo em vista examinar criticamente a especificidade dessas criações, debatê-la e lutar por padrões mais complexos que pudessem nortear a realização dos espetáculos. Nasce naquele momento a preocupação de superar a indigência e de propor um tratamento estético mais rico dos temas apresentados, enfatiza-se o caráter lúdico da encenação, na medida que o jogo é manifestação por excelência da atividade infantil."

(Koudela I. D. e Almeida Jr, J. S. Léxico de Pedagogia do Teatro, 2005, p. 161)

FUNDAÇÃO DA COOPERATIVA PAULISTA DE TEATRO

A Cooperativa Paulista de Teatro surge no final da década de setenta, decorrente da prática dos coletivos de fazer teatro em grupo e da necessidade de participação e aglutinamento para concorrer num mercado de trabalho desigual com o chamado “teatro empresarial”. O que poderia garantir a legitimidade para essa opção era a junção de coletivos de trabalho para participar de editais públicos, reconhecimento, garantia de continuidade e sustentabilidade econômica, e ao mesmo tempo criar espaço e novas possibilidades para o teatro em grupo que estava surgindo naquele momento.

UMA IDENTIDADE E UMA ENTIDADE

O único modelo de cooperativas existente no período era o de produtores agrícolas, ligados ao INCRA – Instituto Nacional de Reforma Agrária. A CPT, para existir, vincula-se a esse Instituto e marca seu pioneirismo como a primeira cooperativa de artistas no panorama nacional. Esse artistas e núcleos vindos do teatro amador, teatro estudantil, teatro experimental e também do teatro profissional, finalmente abrem espaço no teatro paulistano com propostas, linguagens, experimentações, estética e pensamento coletivo, que serão decisivos para o futuro e a História do Teatro Brasileiro.

Os núcleos cooperativados tinham um repertório de muitos espetáculos e um grande número de integrantes (diferente dos padrões dos grupos atuais) e pertencer a um grupo era uma forma de participação e militância na vida política e social do País. Dentro do grupo, era comum haver alguém que gostava de escrever e escrevia para o grupo. Muitas vezes, escrevia-se um roteiro sobre temas diversos, que era incorporado pelo grupo e virava um espetáculo. Esse

fazer teatral marca uma tendência no início década de 1970 para muitos grupos. A CPT acaba juntando esses grupos para atuar além do seu núcleo de trabalho, como proposta de legitimar, dar sustentabilidade e segurança ao trabalho grupal, coletivo e cooperativado, fora do meio empresarial de produção.

A ideia de formação da CPT foi aglutinada por várias pessoas. entre elas; Jair Antonio Alves, Carlos Mecen, Adilson Barros, Paulo Yutaka, Celso Saiki e outros. Os grupos elegiam um ou dois representantes no conselho para acompanhar a administração da entidade, o que muitas vezes mostrava dificuldade de envolvimento, visto que a maioria dos atores cooperativados queriam somente atuar. Fazer parte do conselho administrativo da entidade, implicava abrir mão do seu trabalho no núcleo artístico. Para se dedicar a entidade, era uma escolha difícil, pois deixava o núcleo desfalcado. Nesse período inicial, a CPT esteve a ponto de fechar as portas,

“Não tinha sede, as reuniões eram nos botecos, a grana para o cafezinho era curta e os livros de atas tinham cheiro de sovaco.” (Matte, A. 2009 – 30 anos da Cooperativa Paulista de Teatro)

Atualmente, a Cooperativa tem mais de 35 anos de atividade, centenas de núcleos e milhares de filiados. Sua importância e reconhecimento no cenário do Teatro Nacional e Internacional é uma conquista sustentável. Realiza mostras, seminários, intercâmbios e festivais internacionais. Recebeu centenas de prêmios, reconhecimento de público e participa ativamente de movimentos, lutas políticas e sociais, junto às administrações públicas municipal, estadual e federal. Agregou artistas e núcleos para a implantação da Lei de Fomento para o Teatro Paulista e o Prêmio Zé Renato e até hoje se coloca na frente de luta para mobilizar e aglutinar a categoria em defesa de seus interesses artísticos e culturais. A CPT sobrevive e tem compromisso com sua história e sua continuidade. Tem um passado legítimo e responsabilidade com o futuro, cumprindo seu papel de promover constantemente a participação e a organização dos núcleos cooperados, na diversidade das suas propostas de trabalho, ampliando espaços, mercado de trabalho e novas conquistas.

Esse papel compreende agir democraticamente e olhar para o dinamismo cíclico da história em revelar a realidade, sem perder o sonho de construir um diálogo com o futuro da verdadeira arte que podemos fazer. Coletivamente. Em grupo.

CAPÍTULO II

O FAZER TEATRAL DO PASÁRGADA

PRIMEIROS PASSOS

No início da década de 70, o Grupo Pasárgada desenvolveu um jeito de fazer teatral mantido por muitos anos com produções sucessivas, com mergulho na cultura popular, brincadeiras de rua, parlendas, contos e cantos populares, tendo sempre o jogo tradicional e o jogo teatral como instrumento no processo de criação para suas encenações. Para o Grupo, sempre esteve presente o exercício de questionar, rever e buscar caminhos para um teatro que pudesse agradar e envolver crianças, jovens e adultos, em interação constante de interesse, envolvimento e magia.

Logo no início da fundação do Grupo, ainda de forma empírica e intuitiva, não sabíamos muito bem aonde o caminho do risco e da experimentação poderia nos levar. Tínhamos absoluta convicção do teatro que não queríamos fazer e nos colocávamos contra a corrente da pejorativa conceituação de “teatrinho ou pecinha infantil”, resistindo contra um preconceito que vinha de todos os lados, inclusive da chamada “classe teatral”.

Essa proposta de linguagem e estética apontava essencialmente para o rompimento com o teatro infantil tradicional, onde a fórmula imperativa era participação imposta e direcionada, completo descaso pela imaginação da criança, atores mal preparados com imitações grosseiras e exageradas, textos tradicionais de contos de fadas mal adaptados e histórias com ênfase maniqueísta e moralizante.

O Pasárgada e alguns outros grupos, surgidos no final da década de setenta, tinham como proposta a pesquisa e a busca de novas linguagens,

estética e compromisso com a criança. Como referência, o Grupo estabelece o teatro para todas as idades, o exercício de pensar e interpretar as diversas possibilidades de uma história, um jogo, uma canção, sempre em constante evolução de cena, transformação, magia, lirismo e criação em conjunto.

“O sistema de Spolin veio ao encontro da necessidade de articular o processo de criação, fornecendo instrumentos para a condução do trabalho realizado em grupo e para a leitura do jogo cênico.” (Koudela, I.D. Jogos Teatrais, p. 104)

O jogo teatral mostrou o caminho e a partir dessa revelação, as dúvidas e as incertezas foram se dissipando e esse método de trabalho passou a ser característica e referência do trabalho do Grupo. Muitas vezes estes espetáculos se sustentavam apenas em um roteiro como pretexto para desenvolver uma encenação, em conexão e sintonia com o público. Entre eles: *A Peça do Seu José*, *Histórias do Baú Encantado* e *Pequenas Histórias sem Pé nem Cabeça*.

O Pasárgada foi um dos pioneiros a introduzir música em cena, com atores cantando e tocando ao vivo vários instrumentos como: violão, acordeom, violino, percussão, viola caipira e outros. É importante relatar que a maioria dos atores não eram de músicos, não tinha formação musical, alguns sabiam tocar algum instrumento, mas esse pré-requisito era irrelevante. No processo de criação, no entanto, lembravam uma cantiga de roda, uma brincadeira infantil, uma ciranda e como ponto de partida, abriam o universo da cultura popular aos olhos de todos. É importante ressaltar que os espetáculos tinham muita música ao vivo cantada e tocada – até então, era comum o uso do “play back”, com a música gravada e a voz dos atores dublada.

Nesse processo de investigação, a cenografia, os figurinos prontos e acabados, entraram em revisão. As transformações em cena passaram a fazer parte da criação dos espetáculos, assim como adereços, bonecos gigantes e

O ESTADO DE S. PAULO

SÁBADO - 31 DE OUTUBRO DE 1981

Grupo Pasárgada: inteligência, simplicidade, talento

Uma prova do bom teatro possível para as crianças

RUI FONTANA LOPEZ

Em cartaz até o final de dezembro no Teatro São Pedro, o espetáculo musical infantil "Pequenas Histórias sem Pé nem Cabeça", de Vainice Vieira e José Geraldo Rocha, em montagem do Grupo Pasárgada. A proposição básica do grupo, que ao longo de quase dez anos de existência vem desenvolvendo interessante trabalho no campo do teatro para jovens e crianças, é privilegiar a criatividade e a simplicidade nos espetáculos que apresentam. Assim, não importa muito que suas montagens sejam modestas do ponto de vista da produção; o que importa, sim, é que o grupo quer fazer um teatro comprometido com a imaginação, a inteligência e a participação das crianças. Nesse sentido, "Pequenas Histórias sem Pé nem Cabeça" é uma realização bem-sucedida.

São poucos os espetáculos para crianças e jovens que, sem fazer uso de um texto teatral no sentido completo do termo, conseguem alcançar resultados adequados. O mais frequente é encontrarmos montagens em que o desprezo pela boa dramaturgia, sem uma contrapartida criativa e cênica satisfatória, resulta em completa ruína teatral. A montagem do Teatro São Pedro, contudo, não escorrega nessa armadilha. Embora "Pequenas Histórias sem Pé nem Cabeça" não se assente num texto ou numa estória a ser contada, o Grupo Pasárgada consegue criar um

espetáculo dinâmico, inteligente, criativo e cheio de interesse. As crianças acompanham os diversos quadros, situações e brincadeiras com alegria, atenção e envolvimento.

Em cena, diversas estórias: uma bolinha com brilho de espuma sonha crescer e brilhar como estrela no alto do céu, um garoto narra uma longa série de acontecimentos e aventuras fazendo uso de um pedaço de papel que se transforma em animais, objetos e sentimentos, coisas, seres inanimados ganham vida e interagem com os diversos personagens e assim por diante. A falta de um fio condutor à narrativa, embora dificulte um pouco a apreensão mais global da montagem, permite, por outro lado, improvisações dos atores, participação efetiva das crianças no ritmo e no desenrolar da ação e o resultado é teatro de boa qualidade.

A direção (de José Geraldo Rocha), os bonecos, cenários e figurinos (de Vainice Vieira) e o desempenho envolvente e entusiasmado do elenco aproveitam até as últimas consequências as indicações, jogos e situações propostos no texto para transformar o espetáculo numa festa colorida e movimentada nessa festa as crianças riem, pensam e exercem sua criatividade. O Grupo Pasárgada mostra em seu trabalho que é possível fazer bom teatro para crianças com poucos recursos: algumas vezes inteligência, simplicidade e talento são os requisitos suficientes.

pequenos, troca de figurinos de uma cena para outra, palco nu sem nenhum cenário, mas preenchido por centenas de metros de tecidos, como o caso de *Panos e Lendas*, e *Velhos Retratos*, entre outros.

Muitos desses textos encenados foram recortes e adaptações de contos populares, jogos e brincadeiras, se sustentando somente num breve roteiro que funcionava como pré-texto para desenvolver o processo de atuação com o elenco e propor um novo olhar sobre a criança e o teatro infantil.

A contribuição e parceria com a professora Ingrid Koudela foi decisiva e reveladora para mostrar que tínhamos descoberto uma prática de atuação, embasada teoricamente no jogo teatral proposto por Viola Spolin e ampliado por ela em Jogos Teatrais e Texto e Jogo. A partir dessa convivência e parceria, a prática do Pasárgada com referência nos jogos teatrais e na improvisação, tornou-se ferramenta de trabalho, ao longo de praticamente 45 anos de atuação.

“Ao romper a relação autoritária e abandonar a pretensão de veicular uma tese, o artista adulto encontra no próprio universo infantil a matéria para a formulação do espetáculo. Essa transformação radical gerou necessariamente uma nova concepção de processo. Os conceitos tradicionais de direção, atuação, cenografia, como atividades compartimentadas deixaram de ter sentido, sendo substituídos pelo processo de descoberta realizado em grupo, onde o jogo de improvisação incorpora esses elementos numa criação orgânica. A direção tradicional é substituída por propostas que favorecem o surgimento da relação de jogo, base sobre o qual se constrói a montagem. Em muitos casos, o texto serve apenas como pretexto ou ponto de partida e o material da encenação é extraído do processo de pesquisa e criação coletiva.” (Koudela, I.D. Jogos Teatrais, p. 104)

RECORTES DE TEXTOS DIRIGIDOS E ENCENADOS

No conjunto do trabalho produzido pelo Grupo Pasárgada, pretendo destacar três textos escritos e dirigidos em épocas e períodos distintos, enfocando, em cada um, o texto como modelo de jogo, a utilização cênica das brincadeiras e do brinquedo, a música e a poética, e a utilização dos elementos cênicos, como bonecos, figurinos e adereços.

1. VELHO RETRATO NOVO ou VELHOS RETRATOS

(Escrito e encenado pela primeira vez em 1986)

“Sou hoje um caçador de achadouros da infância.

*Vou meio dementado e enxada às costas cavar no meu
quintal vestígios dos meninos que fomos”*

Manuel de Barros

Cartaz do espetáculo

O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO TEXTO E A ENCENAÇÃO

A ideia do texto *Velho Retrato Novo* ou *Velhos Retratos* surge como memória de infância, vivida no interior da roça em tempos de menino, brincando com boizinhos feitos de chuchu e mangas verdes, presos em cercadinhos de gravetos, bonecas de espigas de milho de cabelos dourados, árvores com sombras, galhos e balanços pendurados, tatus bolinha, galinhas de ovos azuis e outros animais que também fazem parte da história.

O texto é uma homenagem ao meu pai e sua presença que nunca mais me abandonou. No meu coração ele está vivo com a mesma lembrança do passado. Companheiro inesquecível da minha infância. Com tempo, carinho e paciência, ouvia meus sonhos de aventuras e desejo, transformava esses sonhos em brincadeiras que trouxeram para o meu mundo, grandes personagens e brinquedos inesquecíveis. Sua ternura e afeto abriram minha imaginação para sempre.

“Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, deixaríamos de compreender nossa saudade.” (Benjamin, W. Rua de Mão Única – infância berlinense: 1900, p. 104)

Para permitir um distanciamento menos emotivo e pessoal, desenvolvi a história, substituindo o personagem do pai e do filho, por um avô e seu neto, vivendo emoções e lembranças que vão surgindo de um álbum de fotografias. Uma história cheia de sonhos e fantasias com personagens do passado reveladas em novos e velhos retratos. As fotos das personagens aparecem em *flashs* no decorrer das cenas num jogo constante de passado e presente, realidade e fantasia, criados pelos atores e “saindo” do álbum para ilustrar as memórias do avô.

"Quanto mais cheia de brinquedos, de investigações for a relação da criança com o brinquedo, quanto maior a intimidade, a memória afetiva dos dois parceiros de brincadeira, com maior fluência surgirão novas aventuras, maior a facilidade de construir novas aventuras, maior a facilidade de construir novas histórias." (Desgrandes, F. p.113)

31. Sábado, 20-12-86

Divirta-se

CRÍTICA

A nostalgia (um elemento tão raro, hoje) e a imaginação, com o Pasárgada.

O Grupo Pasárgada é um dos mais constantes do nosso teatro infantil, tendo já quinze anos de existência. Conhecemos o grupo, vindo, se não nos enganamos, do ABC, em 1973, com A peça do seu José, de Vladimir Capella e José Geraldo Rocha, então um espetáculo que foi considerado dos melhores do ano. No ano passado, o grupo ganhou a maioria dos prêmios com Avoar. Agora, no reformado teatro Lua Nova, o Pasárgada apresenta, desta vez sem Vladimir Capella, Velho Retrato Novo, de José Gerardo Rocha.

Se o público está acostumado a ligar o nome de Capella ao Pasárgada, o grupo, entretanto, já obteve vários bons resultados, como Pequenas histórias sem pé nem cabeça, sem a participação do premiado autor, diretor, compositor. É o que acontece, agora, com Velho retrato novo. Partindo, como sempre, de uma situação simples, um menino e seu avô, num dia de chuva, folheando um velho álbum de fotografias, José Geral-

do Rocha constrói uma história poética, recheada de nostalgia, elemento raro no nosso teatro infantil, com muita imaginação, que resulta numa constante surpresa pelo imprevisível das cenas que vão surgindo a partir das recordações e do estímulo das fotos antigas. Colocando a temática das modificações que a vida moderna, especialmente o confinamento das crianças nos apartamentos que substituíram as velhas residências, com seus quintais, seus animais domésticos, suas árvores, trouxe para a estrutura familiar e para a educação das crianças, o autor mostra como a imaginação pode, assim mesmo, ser estimulada e desenvolvida. Outro elemento, característico do grupo, é o aproveitamento do folclore brasileiro, no caso, especialmente, o personagem do "boi", dos nossos folclore populares, do Boi-bumbá do norte, do Bumba-meu-boi do nordeste, ao boi-de-mamão do sul.

O espetáculo, dirigido pelo autor, aproveita bem os elementos poéticos e de

criatividade do texto, resultando numa encenação animada, apesar do toque de nostalgia, com música ao vivo, o que já é, por si só, um elemento de qualidade. Giba Maciel, Gustavo Kuriat, Rogério Costa, responsáveis pela música, direção musical e pela execução das composições, são um dos elementos fundamentais do bom resultado. A cenografia e os figurinos de Valnice Vieira, também um dos integrantes do grupo desde que surgiu em São Paulo, tendo participado de todos os espetáculos, são coloridos e imaginativos, como sempre, feitos com material disponível. A montagem se utiliza, com felicidade, de bonecos, criados por Valnice Vieira e confeccionados por Ricardo Fernandes e o grupo. No elenco, a espontaneidade de Wendell Bezerra, a experiência de Vicente de Luca e o senso cômico de Valnice Vieira se destacam com a boa contribuição de Antonio Amadeu, Cássia Guindó e Janaina Rocha.

Clevis Garcia

“Velho Retrato Novo obedece à fórmula com a qual os jovens componentes do Pasárgada ousaram criar um elixir para todos os males de que padecia – e padece – a arte dos palcos: temas simples, tratados com sensibilidade, lirismo e música. É uma alquimia quase cíclica, que consiste em transformar verso em cena, e canção em verso, a serviço de uma trama com avô, neto, noite de chuva, álbum de fotografias, lembranças e brinquedos de antigamente, singelos ingredientes capazes de, misturados à toque de fada, proporcionar lágrimas e gargalhadas ao pequeno espectador (...) Tanto quanto a mística do teatro para crianças, o passado, na versão do poeta cênico José Geraldo Rocha, é límpido, íntimo e próximo. Mora, quem sabe, na mesma rua do presente, se não no porão da mesma casa, segredado a um velho álbum de retratos novos”. (Votolini , R. Folha da Tarde .São Paulo . 1º de agosto de 1987)

A PROPOSTA DA ENCENAÇÃO

Fragmentos de Cenas

Os fragmentos registrados pelo autor em pequenos versos e cenas, são sugeridos aos músicos e atores como proposta de encenação de uma brincadeira cantada, culminando na transformação do boizinho de chuchu em um boi-bumbá grande e festivo, dançando na roda:

(música)

*Saudade
meu boi saudade
de quando você
de tanto querer
virava um boi
de verdade...*

Avô – Pro boizinho nascer forte e valente eu cantava uma canção que era mais ou menos assim...

*Arriba meu boi
arriba meu boi
vem comigo dançar
de tudo que é roda
teu jeito de boi
conseguir inventar...*

*Ê, meu boi
ê, meu boi
ê de tudo que é roda
ê meu boi
conseguir inventar...*

(O Avô abre uma página do álbum de fotografias, assobia e, como num passe de mágica, entram em cena vários atores com panos coloridos, fitas e objetos de cena e montam um grande boi em cena. O Avô transforma a cadeira de balanço em boi, dançando pelo palco, alegre e cheio de vida.)

Cena de Jogos Infantis de Peter Brughel, o Velho de 1560, que mostra 84 atividades lúdicas (na página anterior, detalhes da pintura)

Como objeto de estudo faço referência ao texto de Monica Rodrigues Costa – sobre Jogos e Brincadeiras Infantis – publicadas na Folha de São Paulo em 16 de abril de 2000:

“De onde vem as brincadeiras? Ninguém responde com certeza. Elas são universais e fazem parte da cultura popular como a literatura oral, a música e a culinária. A brincadeira pode ser considerada uma linguagem. Sigmund Freud (1856-1939) analisou o comportamento de um menino de 18 meses, que se divertia com uma linha presa no carretel. A criança atirava o carretel para longe e perto do berço e dizia “vor” (perto) e “da” (longe). Para o psicanalista, o jogo seria a vivência simbólica da presença e afastamento da mãe. Melanie Klein (1882-1960) e outros psicanalistas trabalharam com a ludoterapia e atribuíram aos jogos e brincadeiras a função de elaborar sentimentos e vivências. Eles divertem as crianças e as preparam para a realidade. Homero fala de jogos infantis na “Odisseia”.

Em túmulos de crianças do século 4 a.C., na Grécia foram encontradas bonecas. Mas é impossível dar a palavra final sobre a origem de uma brincadeira, pois ela ganha variantes e se transforma no tempo e no espaço. ”

No processo de construção do espetáculo, muitos elementos se cruzavam constantemente, formando uma colcha de retalhos com vários tons e matizes para serem entrelaçados. Muitos desses elementos se perdiam e outros podiam ser retomados para novos contextos e situações. No caso do projeto de *Velhos Retratos*, os modelos de criação apresentados ao elenco sofriam cortes constantes, acréscimos e até eliminação por não combinar com o objetivo final da cena. Nessa elaboração, o jogo tinha o papel preponderante de alinhar e nortear o processo de trabalho do coletivo:

“No jogo teatral, através do processo de construção da forma estética, a criança e o jovem estabelecem com seus pares uma relação de trabalho em que a fonte da imaginação criadora – o jogo simbólico – é combinada com a prática e a consciência da regra do jogo, a qual interfere no exercício artístico coletivo. ” (Koudela, I. D. Jogos Teatrais, p. 49)

Retomando a escritura do texto como modelo para encenação, destaco a rubrica proposta aos atores como memória de brinquedos e brincadeiras infantis dos tempos de criança:

(Os atores improvisam uma grande movimentação pelo palco. Brincam com carrinhos de lata de goiabada, pernas de pau de madeira e latinhas, rodas de ferro ou borracha empurradas por arcos de arame, carrinhos de rolimã, cordas para cabo de guerra, corrida de pneus, sacos de estopa e outros jogos e brinquedos que a memória conseguir lembrar e a imaginação inventar.) (Rubrica in Velhos Retratos)

No momento em que o grupo recebia a proposta do jogo, a regra já vinha implícita e o tempo da cena era medido pela prontidão e o envolvimento, podendo durar horas ou somente alguns minutos até finalizar a proposta. Esse procedimento com o jogo teatral foi adotado desde as primeiras encenações do Grupo, sendo mais característicos e radicalizados nos espetáculos: *Histórias do Baú Encantado*, *O Palhaço Imaginador* e *Pequenas Histórias sem Pé nem Cabeça*, quando o texto era somente um roteiro de algumas páginas para o exercício de atuação do elenco.

Outro elemento fundamental para a construção do texto e do espetáculo foi a presença do lúdico no enredo, como a cena do *Tatu Bolinha* que perde a sua casinha é quer morar na mão do Menino. A cena era construída dentro de um teatrinho de fantoches, destacando a personagem do Tatu Bolinha, feita de dobradura de papel com pequenas hastes de madeira, tipo palito de churrasco, manipulada por um dos atores atrás de uma tapadeira. Na sequência da cena, o tatuzinho ia parar na mão do Menino e não era mais visível para a plateia que somente ouvia sua voz.

CENA IV

Menino – (*Entra correndo, vê o Tatu Bolinha*) Ué, onde é que você vai com tanta pressa, Tatuzinho?

Tatuzinho – Procurar um lugar pra eu morar.

Menino – Que aconteceu com a sua casinha?

Tatuzinho – Eu morava debaixo de uma tábua...

Menino – E aí ?

Tatuzinho – Aí, de repente ela sumiu.

Menino – Ihhhh! Que mancada! Se eu soubesse que você morava debaixo daquela tábua, eu não tinha tirado pra fazer um balanço.

Tatuzinho – (*manhoso*) Tem importância não! Deixa. Eu arranjo outra casinha.

Menino – De jeito nenhum. Eu é que vou arrumar uma casinha pra você.

Tatuzinho – Jura?

Menino – Claro! Vamos procurar?

Tatuzinho – *(desanda a falar)* Mas eu quero uma casa bem bonita viu? Não pode ser casa de tijolo que esquenta muito, casa de madeira esfria demais. Pode ser com piscina, mas tem que ser piscina aquecida...

(Menino pega o Tatu Bolinha na mão)

Menino – Sabia que o senhor é muito exigente, seu Tatu Bolinha?

Tatuzinho – Que mão quentinha que você tem, Menino!

Menino – É...

(música)

*Casa de madeira
eu não quero,
casa de tijolo
eu detesto,
casa com piscina
dá muito trabalho,
casa sem jardim
eu não tô a fim ...*

*Assim não dá,
assim não dá tatu,
assim não dá tatu,
assim não dá...*

*Se for sem parede
ele fica sem a rede,
se for casa sem teto
ele fica descoberto
e se não tiver vizinho
ele se sente sozinho ...*

*Assim não dá tatu,
assim não dá tatu,
assim não dá...*

Menino – Assim não dá, Tatu! Casa de tijolo é muito fria. De madeira é muito quente. De pedra, você tem alergia. Assim não dá! Já tô cansado de procurar.

Tatuzinho – Puxa, Menino! Você tem uma mão tão quentinha...

Menino – Eu sei. Você já falou isso um montão de vezes.

Tatuzinho – Então, Menino!

Menino – Então, o quê?

Tatuzinho – Você não tá percebendo?

Menino – Percebendo o quê?

Tatuzinho – (*dengoso*) Você tem a mão tão quentinha ...

Menino – (*fala pausado*) Você... já... falou... isso... um... montão...de vezes!

Tatuzinho – Então? Será que eu não podia... morar na sua mão?

Menino – Ah, num dá, Tatu! Eu não posso te segurar o tempo todo.

Tatuzinho – Num é o tempo todo. Quando você tiver com a mão ocupada, você me põe dentro de uma caixinha de fósforos e daí, eu fico esperando você me segurar de novo.

(*Um dos atores coloca uma caixinha de fósforos em cena*)

Menino – Sabidinho, hein? Você já pensou em tudo!

Tatuzinho – Eu sou muito bem relacionado. Você tem uma mão tão quentinha...

Menino – (*pega o tatuzinho*) É, até que vai ser bom ter um Tatu Bolinha de estimação...

“(...) existem duas espécies principais de jogo: uma na qual as crianças brincam com objetos e os fazem criar vida (jogo projetado), e a outra na qual as próprias crianças se tornam as pessoas imaginadas, animais ou coisas (jogo pessoal.)” (Slade, P. 1978, p.25)

A proposta de encenação do *Velho Retrato* passou por uma série de discussões dentro do Grupo sobre o diálogo do passado com o presente, e de como a obra poderia ser inserida na contemporaneidade. A princípio, a temática parecia “ingênua”, considerando o espaço do brincar da criança de hoje, restrito a um apartamento, com o apelo da sociedade de consumo para os brinquedos industrializados, a agitação, as contradições e até as vantagens da vida moderna.

*“Lili vive no mundo do faz de conta...
 Faz de conta que isto é um avião.
 Zzzzzuuu...
 Depois aterrizou em um piquê e virou um trem.
 Tuc tuc tuc tuc...
 Entrou pelo túnel, chispando.
 Mas debaixo da mesa havia bandidos.
 Pum! Pum! Pum!
 O trem descarrilou.
 E o mocinho?
 Onde é que está o mocinho?
 Meu Deus! Onde é que está o mocinho?!
 No auge da confusão, levaram Lili para cama, à força.
 E o trem ficou tristemente derribado no chão,
 Fazendo de conta que era mesmo uma lata de sardinha.”*

Mário Quintana²

O grande desafio foi transformar todas essas dúvidas e inquietações em material de trabalho que pudesse seduzir e envolver o elenco. Novamente o jogo foi o catalisador indispensável. Propostas de cena como: Do que você brincava quando era criança? Quem eram seus companheiros de brincadeiras? Que brinquedos você tinha? Você ganhava ou fazia seus brinquedos? Onde você brincava? E assim por diante... uma dezena de perguntas eram jogadas nos ensaios para se transformar em modelos de atuação. E na medida em que eram incorporadas, instaurava-se uma dinâmica de trabalho de jogar com as cenas sucessivamente. Vale ressaltar a competência, disponibilidade e prontidão dos atores para o jogo e a improvisação e o domínio da linguagem que já se mantinha em todas as encenações do Grupo. Algumas características de fugir do ilusionismo desnecessário eram não caracterizar as personagens como clichês ou caricaturas (exemplo: o avô com barba, peruca e cara de velho), e o objeto em transformação como uma cadeira de balanço virando um boi-bumbá.

² In Quintana, M. *Lili inventa o Mundo*. São Paulo, 2005.

“Nos ensaios acerca da infância, Benjamin compara o olhar da criança ao do artista, que inventa possibilidades, ou ao do colecionador que, em sua relação afetiva com os objetos, lhes tira o carimbo de mercadoria. A concepção benjaminiana de infância nos oferece um rico material a ser utilizado nesse esforço de melhor compreender o olhar proposto ao espectador do teatro épico.” (Desgrandes, F. p.113)

Wendell Bezerra e Vicente de Luca

CENA VI

(Luz volta acender no ambiente onde estão Neto e o Avô)

Neto – Vovô! E a fotografia do seu quintal?

Avô – *(vira uma página do álbum)* É essa, Neto!

Neto – Que quintal grande!

Avô – Tá vendo essa mangueira? Debaixo dela eu fazia rio, floresta, cidade...

Neto – Tudo debaixo da mangueira, Vovô?

Avô – Tudo debaixo da mangueira...

(Entram em cena alguns atores, vestidos como crianças, brincando e encenando a narração do avô)

Avô – E com palitos de sorvete eu fazia cerquinha pra guardar os bichos de frutas. Depois vinham os meninos com seus caminhõezinhos de madeira, correndo pelas estradas de lama, passando por pontes, montanhas, até chegar lá na cidade. E as meninas, Neto? Vinham brincar com a gente, com suas bonecas de panos, bonecas de espigas de milho. E num galho da mangueira eu pendurava um balanço. Ele balançava tão alto que parecia que chegava nas nuvens... A gente brincava o dia inteiro e nem via o tempo passar...

Avô – É um espantalho, Neto!

Neto – Espantalho???

Avô – É ! Pra espantar passarinho do milharal, mas não adiantava nada. Ele atraía tudo quanto é passarinho, rolinha, periquito, bem-te-vi, tico tico, sanhaço! Todo ano eu plantava uma roça de milho. Depois de um dia de chuva, assim como hoje, o cheiro da terra molhada e o verde do milharal era uma festa. O milho ia crescendo, dava cada espiga graúda, verdinha. Cheio de cabelo dourado ...

(música)

*Boneca de milho
no meu quintal
cabelos de ouro
fitas no varal...*

*Fios de prata
antes da chuva
cabelos de ouro
depois do sol ...*

*Menina de trança
e laço de fita
vestida de chita...*

Duas canções temas deste espetáculo: *Tatu Bolinha* e *Boneca de Milho*, letras de minha autoria, foram gravadas no CD RODA GIGANTE – Canções de Gustavo Kurlat, produzidas pela Escola Viva em março de 1996, recebendo o Prêmio Sharp de Música Infantil. O texto *Velho Retrato Novo*, recebeu o prêmio Governador do Estado do ano de 1987.

2. LABIRINTO DE FILO

(Escrito em 2012 e encenado em 2012 e 2013)

“Tanto a prosa como o verso para criança tem que ter ritmo, tem que saber brincar, encaixar as frases uma nas outras, tem de despertar na criança, o desejo criativo”
Sidônio Muralha

Realização:

Patrocínio:

BASF

FATON
Paving Systems Worldwide

Apoio:

AD

Cartaz do espetáculo

A POÉTICA DO PASÁRGADA – Poesia e Filosofia para Crianças

A dramaturgia, a música e a sonoridade da palavra nos espetáculos, como processo de trabalho do Grupo, parte sempre de um tema central que vai se ampliando até adquirir sua forma final. O ponto de partida é um roteiro desenvolvido pelo elenco, num processo de criação conjunta com o dramaturgo, o encenador, a cenógrafa, a figurinista, o compositor e o diretor musical.

“O desenvolvimento da escuta e, conseqüentemente, da capacidade de jogo, (...) deverão conduzir a uma experiência estética partilhada.” (Léxico de Pedagogia do Teatro, p.97)³

A poética do Pasárgada como característica de linguagem aparece em praticamente todos os espetáculos. No *Labirinto de Filó*, o texto traz um olhar contemporâneo partindo de um fio de novelo de linha que entrelaça as histórias e percorre um labirinto cheio de entradas e saídas. A narrativa busca elementos das lendas gregas, nos fios de Ariadne e no enigma da Esfinge, para construir a jornada das personagens. O espetáculo abre-se com o prólogo, tendo gesto e fala de uma atriz/narradora desenrolando um novelo de fios e passando para os outros atores/narradores:

Atriz 1 – Eu bordo o conto com ponto corrente e deixo o fio inventar o caminho...

Ator 2 – Eu faço o desenho do avesso e corro atrás dos pontos. Ponto lançado, ponto cheio...

Atriz 1 – Ponto cruz. Pé de flor. Ponto matiz. Ponto areia. Ponto final! Com um ponto eu ponho limite pra história não fugir ...

Atriz 1 – E vou bordando cenas e mais cenas entre pontos!

O texto expressa um jogo de poesia e filosofia como forma, linguagem e conteúdo para o diálogo infantil e a curiosidade que envolve toda criança em

³ In Koudela I.D. e Almeida Jr., J.S. (org). *Léxico de Pedagogia do Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2015

formação. Os temas abordados surgem como representação simbólica do labirinto a ser descoberto e explorado, revelando dúvidas, segredos, medos, frustrações e recompensas, como respostas para o desenvolvimento do raciocínio e da aprendizagem.

“Essa é a história da Menina da Rua de Cima e do Menino da Rua de Baixo que estudam na Escola do Meio da Rua. Os dois se encontram para viver um conto e a história da minhoca Filó, uma minhoca curiosa e perguntadeira com um monte de dúvidas na cabeça e que de tanto pensar, se perde num labirinto de buracos e túneis.” (Sinopse da peça)

O modelo de referência para o trabalho com o elenco também foi extraído de quatro livros infantis de minha autoria para o ensino fundamental, distribuídos para milhares de crianças em vários estados brasileiros, como programa de alfabetização, inclusão e incentivo à leitura. Os livros *Do Lado de Cá, Do Lado de Lá, De Fora ou de Dentro?, Um Dia ... e Outro*, e *A Rua de Cima e a Rua de Baixo*, foram editados pela Fundação Cargill e atualmente pela Editora Letras e Letras.

A filosofia infantil aparece como complemento, levando a narrativa para uma viagem lúdica pelas dúvidas e indagações das crianças. A curiosidade da personagem *Minhoca Filó* são respondidas ao longo da história, não de maneira precisa e científica, mas divertida e poética, mantendo acesa a imaginação, provocando o desenvolvimento criativo. As indagações e perguntas que as crianças pequenas fazem permitiram inventar um “*jogo de perguntação*”:

A noite é um véu que engole o dia?

A lua é uma tigela que cabe na panela?

A ideia é um pensamento que nasceu?

Quem pôs sal na água do mar?

Quem pôs doce na água do rio?

“ (...) a experiência demonstra que as crianças compreendem, tão bem quanto os adultos, tudo o que merece ser compreendido.” (Brecht, B. 1977, p.217, em referência a dar ênfase à faixa etária no teatro daquilo que se mostra a criança e ao jovem, apud IDK)

Esse contexto de muitas perguntas em busca de respostas foi conduzido pela personagem *Minhoca Filó* em exercícios de improvisação com base nos jogos teatrais, utilizando o método de Spolin (p.39).

“ O jogo teatral passa necessariamente pelo estabelecimento do acordo de grupo, por meio de regras livremente consentidas entre os parceiros. O jogo teatral é um ‘jogo de construção’ (Piaget) com a linguagem artística. Na prática com o jogo teatral, o jogo de regras é princípio organizador do grupo de jogadores para a atividade teatral. O trabalho com a linguagem desempenha a função de construção de conteúdos, por intermédio da forma estética. ” (Léxico de Pedagogia do Teatro, p.110)

Na sequência, o jogo evolui para um conflito aparente de indagação e uma pausa para a personagem *“brincar de filosofar”* com o grande dilema shakespeariano:

*A água
é dura quando se veste de gelo
ou um pingo mole
que tanto bate
até que fura...*

*O ar
está em todo lugar
e ninguém vê,
é forte como o vento
quando empurra a canoa
ou um balão de ar...*

*É fraco quando está preso
num saco de pipoca
ou na goma de mascar..*

*Ai de mim
que não consigo entender!*

*Em algum lugar
eu sou um pontinho
que ninguém vê...*

*Ai de mim
que nada sei.
Ai de mim que tenho dúvida.*

*Quem sou eu nesse mundo todo?
Ser ou não ser, na minha cabeça
deu um nó!!!*

Atrizes Livia La Gato e Priscila Galvão, como Filó (2012, 2013)

O elemento lúdico aparece em praticamente todas as cenas, sendo mais destacado na “crise” da personagem *Filó*, com a solução do enigma edipiano da esfinge: *decifra-me ou te devoro*: quando a *Minhoca Filó* e o *Minhoco* têm que

enfrentar o *Guardião do Labirinto* para responder. O *Minhoco* como é muito esperto, já se perdeu outras vezes no labirinto, inverte o jogo porque sabe a resposta do enigma:

Guardião – Daqui vocês não passam!

Minhoco – Quem é você?

Guardião – O Guardião do Labirinto

Minhoco – Eu não conheço nenhum Guardião do Labirinto.

Guardião – Tá conhecendo agora ! Voltem antes que seja tarde.

Filó – Minhoco ! Eu não quero mais saber as repostas de nada. Prometo não perguntar mais...

Minhoco – (*chamando-a à parte*) Filó! Ele não é de verdade.

Filó – Você não falou que tinha guardião, gavião, lençol portátil, abismo... Eu quero voltar pro meu buraco de minhoca.

Minhoco – Filó! Confie em mim, nós vamos conseguir...

Guardião – O que é que vocês dois estão cochichando aí? (*Prende os dois num grande saco de tule. Ri muito*) Ah! Ah Ah ! Vou devorar vocês dois.

Minhoco – Me solte seu monstro fajuto!

Filó – (*tremendo de medo*) É isso mesmo, me solte que eu prometo nunca mais aparecer por aqui.

Guardião – Agora não tem mais saída minhoquinha. Você vai virar minhoca frita.

Minhoco – Pera! Pera! Pera! Antes de devorar a gente você tem que fazer a gente adivinhar o enigma.

Guardião – Enigma, que enigma???

Minhoco – O Enigma do Labirinto, você não conhece não?

Guardião – Não!

Minhoco – Então sai pra lá seu monstro burro! Quem mandou faltar na aula de mitologia grega.

Guardião – (*solta os dois*) Mitologia grega??? Desculpa aí hein? Podem passar! Mas como é mesmo essa história do enigma?

Minhoco – Vai procurar na biblioteca que você encontra. Vem, Filó vamos andando.

Guardião – (*Sai resmungando*) Bem que meu pai falou que eu não devia fugir da escola...

(*Guardião desaparece*)

Filó – Demais, Minhoco! Como é que você descobriu que ele era de mentira?

Minhoco – Fácil! Ele não fez a pergunta correta. Ele devia ter perguntado: Decifra-me ou te devoro!

Filó – É. Ele falou “daqui vocês não passam”.

Minhoco – Ai, ele deveria pedir pra gente responder: Qual o bicho que de manhã caminha com quatro patas, à tarde com duas e à noite com três?

Filó – Nossa, Minhoco! Que difícil! Que bicho é esse?

MINHOCO – É o bicho-homem, Filó!

Filó – O bicho-homem ?

Minhoco – *(sai engatinhando do labirinto)* É, Filó. Quando ele é bebê ele engatinha, anda com quatro patas, *(fica de pé)* quando ele é adulto, ele anda com duas patas, *(imita um idoso com uma bengala)* e quando ele é velho anda com três patas. De bengala.

Filó – Nossa! Você é o Minhoco mais inteligente que eu conheço.

(Efeito de uma galinha cacarejando)

Filó – E agora, Minhoco, que barulho é esse?

Minhoco – Acho que é...??? Vamos fugir, Filó! Esse bicho come minhoca.

(Saem correndo e gritam)

Os Dois – Socorro !! É uma galinha!!!

(Luz apaga. Perdem-se no labirinto)

O material, utilizado como modelo de referência, trouxe implícito a possibilidade de várias abordagens do universo infantil; poética, musical, lúdica e o “jogo de filosofar” ou de perguntar “despropósitos”, palavra apropriada por Manuel de Barros, para traduzir simplicidades. Essa obra do poeta goiano marcou profundamente a construção da narrativa.

“(…)

O menino era ligado em despropósitos.

Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do que do cheio.

Falava que os vazios são maiores e até infinitos.

“(…)

*A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta.
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios com as suas peraltagens
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos.”
(Barros, Manoel de. Exercícios de ser criança, p.23)*

A MÚSICA NO ESPETÁCULO

A proposta de criação musical caminhou concomitante à construção da dramaturgia e da encenação. Nesse aspecto, é importante ressaltar o artista/compositor/diretor musical Thiago Vieira Rocha, meu filho e parceiro em outros trabalhos, como: *Até onde o vento levar*, *Próxima Parada* e *Peixe Vivo*. A sintonia na criação das canções começa na letra trabalhada e modificada conforme as exigências do conteúdo da cena e do seu diálogo com o elenco e o encenador. No *Labirinto de Filó*, as letras com cara de “despropósitos”, vieram dos livros infantis citados, se encaixando anteriormente nas melodias:

(música)

*Lá no alto do céu
o sol acordou de cara amarrada
e não quis amanhecer*

*A chuva que estava pronta pra cair
mudou de ideia e ficou parada ali
com cara de chuveiro*

*O vento levou susto
e ficou engasgado depois
que engoliu um avião*

*Aqui embaixo
a terra passou uma noite aflita*

com soluço e dor de barriga

(narração)

*Todos acordaram de mau humor
e cada um tinha um motivo pra resmungar.
O dia parecia que não queria começar...*

A direção musical utilizou as habilidades vocais e instrumentais do elenco para criar uma partitura, com arranjos de vozes equilibradas e em tonalidades adequadas para cada ator e atriz, levando em conta que cada um além de cantar, tocar um instrumento e atuar, deveria movimentar-se em cena, trocar de figurino, colocar adereços e manipular o cenário.

*Elenco atual (2016): Priscila Galvão, Thaís Oliveira, Tédi Rocha,
Wesley Soares e Daniel Langer*

Em um desses momentos musicais, que acontece em cima de um dos andaimes do cenário, como se fosse o quarto da *Menina Lia*, ela busca

inspiração para escrever poesia e frases que guarda numa gaveta velha. Também no quarto ela toca um instrumento e canta as canções que compõe:

(música)

*Choveu noite e dia
pela rua do sabão
entrou na ladeira
do escorrega lá vai um*

*Virou riacho
a viela do sorriso
levando embora
o meu pé de amora*

*E na rua de cima
e na rua de baixo
choveu sereno fininho
e o sol saiu de mansinho...*

A CENOGRAFIA, O FIGURINO, OS ADEREÇOS

Foram criados pela atriz, cenógrafa, figurinista e aderecista, Valnice Vieira Bolla, fundadora e integrante do Pasárgada e até hoje responsável por todas as encenações ao longo de 4 décadas. Todos esses elementos foram indispensáveis para solidificar a proposta de linguagem e estética do Grupo que aparecem nos espetáculos iniciais como; *Histórias do Baú Encantado*, *A Peça do Seu José*, *Panos e Lendas*, *Velhos Retratos*, *Moinhos e Carrosséis*, entre outros.

As montagens criadas para crianças sofreram modificações profundas, em relação autoritária entre palco/plateia. A preocupação com a embalagem do

produto cedeu lugar à aproximação com a plateia, através da exploração da linguagem do jogo simbólico, no qual materiais simples (sucata) podem ser livremente transformados – uma vassoura pode virar cavalo, avião etc. O ilusionismo da estória foi substituído pela magia da transformação do objeto. Nos melhores exemplos, esse princípio é explorado poeticamente no palco. (Koudela, I. D. Jogos Teatrais, p.97)

Cena da Inspiração

Para a cenografia do *Labirinto*, o espaço cênico foi concebido em dois planos. No primeiro plano, estruturas de andaimes como se fossem um brinquedo de trepa-trepa de um parquinho infantil, para a movimentação dos atores. Subir, descer, pendurar, equilibrar, fazer acrobacias e outros movimentos. Os três andaimes fixos em cena, também determinavam a Escola do Meio da Rua, A Casa da Menina e a Casa do Menino.

Concebido em segundo plano no chão, tatames cor de terra para a o espaço do “minhocário”, feito de uma gaveta velha, revestido com tecidos e adereços de tule e filó. Grandes cilindros de panos móveis e flexíveis para entradas e saídas dos buracos e túneis do labirinto.

O ENREDO

Como o texto foi construído partindo da narrativa contida nos quatro livros citados, o roteiro para o jogo e a improvisação com os atores/narradores foi recortado com a preocupação de juntar os elementos mais significativos para costurar a encenação. O texto desenvolve duas histórias paralelas que acabam se cruzando no final. A história da *Minhoca Filó*, que se perde no labirinto de túneis e a história da *Menina* e do *Menino*, dois adolescentes que têm hábitos e gostos bem diferentes. A narrativa desenvolve-se nos encontros dos dois. Enquanto a *Menina*, gosta de poesia e prefere ficar fechada no quarto lendo e fazendo versos, o *Menino* é rueiro, gosta de natureza, mexe com a terra e toca um instrumento. A *Menina* quando crescer quer ser escritora, jornalista, cantora ou professora de poesia. O *Menino*: cientista, jogador de futebol, músico ou detetive. O *Menino* tem uma coleção de minhocas. A *Menina* tem nojo de minhoca.

Debaixo de tecidos leves e transparentes, os atores/narradores do Pasárgada atuam, cantam e movimentam cena do espetáculo Labirinto de Filó como exercício de improvisação: envolvimento com a substância.

*Entre a Rua de Cima e a Rua de Baixo
tem a Escola do Meio da Rua.*

*Uma Escola com árvores, campinho de futebol,
pátio de recreio, uma horta com canteiros
e muitos desenhos dos alunos
sobre os muros caiados...*

*Na Escola do Meio da Rua
estudam o Menino da Rua de Cima
e a Menina da Rua de Baixo.*

*Também na Escola do Meio da Rua
acontecem os encontros e encantos
os contos e os cantos...*

*Os contos são as histórias que os dois se contam,
os cantos, os lugares onde eles plantam
segredos e sonhos...*

*Dos encontros na Escola do Meio da Rua
brotam planos de imaginarem juntos
o que serão no futuro...*

A intencionalidade das duas histórias se cruzarem foi cuidadosamente elaborada para um diálogo intertextual. Uma cena repercute na outra e tornam-se complementares. A poesia que a *Menina* escreve sobre raios, trovões e tempestades provoca a queima do mapa de orientação e, conseqüentemente, a desorientação do *Minhoco* e da *Minhoca Filó* no labirinto. As frases e poemas que a *Menina* escreve e guarda na gaveta são descobertas pela *Filó* e, na medida em que são interpretadas, sugerem o rito de passagem da criança para a adolescência, como processo de amadurecimento. Antes de entrar no labirinto, a personagem, até então cheia de medos e dúvidas, descobre que, com vontade e iniciativa, pode viver uma grande aventura e que outras acontecerão, bastando ter coragem para enfrentar o risco e o desafio.

Filó – Minhoco ! Que bom que eu te encontrei.

Minhoco – Você está bem?

Filó – Estou! Mas um rato roeu a nossa linha .

Minhoco – E um raio queimou o mapa. Estamos perdidos. *(fica apavorado)*

Filó – Não, Minhoco. Nós estamos juntos e vamos encontrar uma saída.

(Os dois caminham, de repente tropeçam na gaveta do minhocário, encontram várias coisas escritas)

Filó – Ai, tropecei em alguma coisa?

MINHOCO – Machucou?

Filó – Não! Só um raladinho de nada. O que é isso? Parece um baú.

Filó – Tem um monte de papéis escritos.

Minhoco – *(lê)*

*O sol é uma bola grande de cabeça quente
A terra é uma bola pequena de cabeça fria
O sol fica parado no céu
A terra fica girando no ar...*

Filó – Espera!

Minhoco – O que foi?

Filó – Tem um monte de pensamento relâmpago estalando aqui na minha cabeça e eles não querem ir embora.

Filó –Eureka! Entendi, Minhoco. É um jogo de pensar um pensamento de cada vez fazendo combinação.

Minhoco – Como assim?

Filó – Pensa alguma coisa, rápido! O que vier na sua cabeça.

(Vão tirando e lendo muitas tiras de papel da gaveta)

Minhoco – A lua é uma pizza gigante pendurada no céu.

Filó – A ideia é um pensamento que brotou.

Minhoco – Quem pôs sal na água do mar...

Filó – Também pôs doce na água do rio...

*A chuva cai da nuvem
Leva o rio e a cachoeira
Pra tomar banho de mar
A água sai da fonte
Cantando de mansinho...*

*Eu sou água de beber
Eu sou água de banhar
Eu sou água de fazer
A terra respirar...*

Minhoco – Eu posso entender toda essa afinação, Filó! Se a terra respira, ela tá viva. Ela mexe, tem movimento e não fica parada.

Filó – Minhoco, a terra é um imenso labirinto de buracos e túneis com milhares de entradas e saídas...

Minhoco – Isso mesmo, Filó! Nós não estamos perdidos.

Filó – Nós podemos entrar e sair em qualquer lugar que ainda vamos estar dentro dela.

Filó – Minhoco? Quem sou eu nesse mundo?

Minhoco – Ora, bollas! Você é uma minhoca filósofa.

Filó – Uma minhoca filó... (tosse) zófa??? Gostei! Minhoco, sabe o que eu descobri? Eu descobri que gosto mais das perguntas do que das respostas.

Filó – Diferente como?

Minhoco – Parece que você... cresceu!!!

Filó – Mesmo? Então feche os olhos e vamos entrar em outro labirinto.

(música)

Filosofar filosofar filosofar...

Minhoca que pensa demais

sonhando que pode voar...

De dia vive na terra

de noite vive no ar...

Não sabe quem ela é

já não consegue cavar...

Minhoca na sua cabeça

tem muita pergunta:

Filosofar filosofar filosofar...

3. QUE BICHO É ESSE???

(Texto de Ângela Lyra e José Geraldo Rocha, escrito em 2014 e encenado em 2014, 2015 e 2016)

“Quem conta um conto, aumenta um ponto”

Dito popular

20/05
10h e 15h
QUARTA-FEIRA

MUSICAL INFANTIL

Que Bicho é Esse???

APRESENTAÇÃO TEATRAL
Grupo Pasárgada

119 anos Valinhos

Museu e Acervo Municipal “Fotógrafo Haroldo Ângelo Pazinato”
Rua Doze de Outubro, s/n - Centro - Valinhos/SP

REALIZAÇÃO: **PREFEITURA DE VALINHOS**
TRABALHO SÉRIO, RESULTADO CERTO!
SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO

APOIO: **ProacSP**
Iniciativa e Cultura do Estado de São Paulo

PATROCÍNIO: **FAT-N**
Powering Business Worldwide

INFORMAÇÕES:
3871.3646
www.valinhos.gov.sp.br

Cartaz do espetáculo

INTERFACE DE POSSIBILIDADES PARA ENCENAÇÃO

(música de abertura)

*Era uma vez um Homem
que ouviu muitas histórias,
histórias de reis,
de princesas e plebeus*

*E todas as histórias que ele ouvia
saíam do baú da Vó,
do bolso da calça do pai
do porta-joia da mãe
e até do avental da sua pajem*

*E eram tantas histórias
que ocuparam todos
os cantos da casa*

*A sala, o quarto, o jardim,
a cozinha, a varanda e o porão
geladeira, a panela, a gaveta
o armário, o tapete, o fogão
o portão, a garagem, a sala de estar
que não tinha mais lugar pra guardar*

*E o homem começou sua coleção
de Era uma Vez ...*

Com essa breve introdução, o Pasárgada presta sua homenagem com dramaturgia e encenação cênica, a Luís da Câmara Cascudo, um dos maiores historiadores, escritores, poetas e antropólogos que nosso País já revelou. O Mestre Câmara Cascudo, em Contos Tradicionais do Brasil coletou mais de uma centena de contos e causos populares e produziu uma obra riquíssima sobre nossa memória cultural.

“Eu dei ao meu país uma bibliografia leal e legítima, porque não foi feita de imaginação e de livros, mas do contato direto com o povo. Com a legitimidade do apurado, com a confissão e a contribuição de um pesquisador direto, levando aos quadros brasileiros os elementos fundamentais da sua marcha para o progresso.”
(Cascudo, C. 1986)

No reencontro com a obra de Câmara Cascudo e seu entusiasmo e paixão pela nossa terra, recolhi fragmentos de uma de suas últimas entrevistas, feita pelo jornalista e pesquisador Assis Ângelo, em 8 de janeiro de 1979, no folhetim da Folha de São Paulo, com o título, “O Velho Que Sabe Tudo”. Alguns trechos:

“O brasileiro dá nó em pingo d'água. De maneira não tem jeito pra ele. Costumo dizer a todos que nesta terra não existe ladrão, especuladores ou mau-caráteres. É mentira, mas é gostoso de ouvir...” (Cascudo, C. 1986)

Um velho simples, cordial, brincalhão, irônico. Na cidade onde mora os meninos e muitos adultos dizem que "ele é o homem que sabe de tudo". O folclorista mais famoso do Brasil, e um dos mais importantes do mundo, aprendeu a ler, por esforço próprio, em vários idiomas: inglês, francês, alemão, espanhol, italiano, grego e latim. Já traduziu inúmeras obras. E diz que fala "muito mal" o português. Mentir é feio, mas é gostoso. E o velho dá risada.

“Me chamo Luís em homenagem a Luís, rei de França. Fui o terceiro filho e único sobrevivente. Meu pai era tenente da Polícia, que lutou contra cangaceiros. A rua onde nasci tinha nome lindo: rua das Virgens. Um dia, o prefeito resolveu mudar para rua Luís da Câmara Cascudo. Escrevi-lhe umas cartas desaforadas, até que ele trocou, ou melhor, acrescentou algo mais ao nome. Agora, a rua se chama "Luís da Câmara Cascudo, ex-rua das Virgens".
(Cascudo, C. 1986)

“Cultura popular é a que vivemos. É a cultura tradicional e milenar que nós aprendemos na convivência doméstica. A outra é a que estudamos nas escolas, na universidade e nas culturas convencionais pragmáticas da vida. Cultura popular é aquela que até certo ponto nós nascemos sabendo. Qualquer um de nós é mestre, que sabe contos, mitos, lendas, versos, superstições, que sabe fazer caretas, apertar mão, bater palmas e tudo quanto caracteriza a cultura anônima e coletiva.” (Cascudo, C. 1986

E para encerrar a entrevista, a frase com sua marca registrada: *“Vá baixar noutra terreiro”*. Esse breve material de referência funcionou como modelo de imitação durante a encenação para exercícios de jogos e improvisações com o elenco, tendo inclusive em uma das cenas um boneco estilizado de Câmara Cascudo. Outro elemento de pesquisa para utilização de texto/encenação foi a inclusão de versos coletados por Sílvio Romero, em *Cantos Populares do Brasil* (1954) que possibilitaram a criação de canções inéditas para serem cantadas e tocadas ao vivo pelo elenco.

O conto recolhido por Câmara Cascudo, *Couro de Piolho* e escolhido pelos dramaturgos (Ângela e eu) funcionou como roteiro para a criação do texto dramático e a narrativa permitiu descobrir novas possibilidades na história original. Na medida em que o trabalho de pesquisa se desenvolveu, foram exploradas outras formas de apropriação do conto popular e o projeto se concretizou com uma multiplicidade de linguagens como: conto, teatro e música, tendo os atores como personagens, narradores e músicos. Dessa forma, o conto adquiriu um caráter único e épico, interpretado com um misto de narrativa, dramatização, mímica, triangulação de *clown*, manipulação de bonecos e música. Encenada de forma lúdica, alegre e envolvente, permitiu um jogo constante de *gags*, movimentação cênica, encontros e desencontros no castelo, no reino e nos limites possíveis e improváveis da imaginação e do *“Era uma Vez...”*.

“Quando proposta como meio para a criação do espetáculo, a improvisação se torna instrumento de

exploração do imaginário para os atores e toda a equipe e promove a integração do grupo, alimenta a pesquisa. Vinculada a uma visão não cristalizada do texto, ela, no entanto, pode contribuir efetivamente para sua descoberta ou levar à criação de um texto paralelo.” (Léxico de Pedagogia do Teatro, p.96)

EXERCÍCIO DE ESCRITA

Intertextualidade com Literatura e Dramaturgia

Com a riqueza de duas linguagens distintas, a literatura e a dramaturgia possibilitaram uma interface de inúmeras possibilidades para a encenação. A narrativa foi traduzida em diálogos que se abriram para vários personagens e a estrutura teatral revelou outros contextos implícitos no texto cênico. O conto original foi usado como texto de imitação para um exercício de recortes de dramaturgia que resultou no espetáculo *Que Bicho é Esse???*

O conto permite a criação de vários personagens, além do *Rei*, da *Princesa*, da *Rainha*, dos *Súditos* e dos pretendentes à mão da *Princesa*. Para o texto cênico foram criadas 11 personagens: *Faxineiras*, *Narradores*, *Princesa*, *Aias*, *Cozinheiras*, *Rei*, *Arautos*, *Nobres*, *Rodolfo (Jovem)*, *Mãe de Rodolfo e Velho*.

DESCRIÇÃO DO PROCESSO

Sequência de cenas como modelo, recortadas do conto original

PRÓLOGO

A peça tem início com a entrada, pela plateia, de duas atrizes vestidas como faxineiras, com baldes, sacos de lixos, rodo, vassoura e outros objetos de limpeza. Varrem enquanto conversam com o público. Essa proposta de contato e jogo com a plateia irá se repetir em outros momentos, quebrando a “quarta parede”, colocando o público em sintonia com o espetáculo.

Karina Degaspari e Angela Lyra

“Improvisar implica formular e responder a atos cênicos mediante a construção física de ação, espaço, fala, entre outros elementos, construção essa que resulta das relações que o indivíduo produz aqui e agora com seus parceiros e com o ambiente, marcadas por uma intencionalidade, mas também atravessadas por fatores aleatórios.” (Léxico de Pedagogia do Teatro, p.97)

(Depois de um tempo, interrompem a limpeza. Sobem para o palco. Descobrem um bicho esquisito que voa, pula e muda de lugar a todo o momento. Colocam baldes nas cabeças e com rodo e vassoura perseguem o bicho. Até que uma das atrizes consegue pegar o bicho e o lança para a plateia. Cantam a música tema.)

*Era uma vez um homem
Que ouviu muitas histórias...
Histórias de reis,
de princesas e plebeus...*

CENA I

Esse é o primeiro momento aparente de “desconstrução” do conto original. O conto literário revela desde o início que o bicho encontrado na cabeça da Princesa é um piolho. Na linguagem teatral o bicho não é revelado, provocando a curiosidade e a dúvida sobre que bicho seria. E propositadamente ninguém fica sabendo, levando a criança imaginar que pode ser o que ela quiser, inclusive um piolho. Nesse aspecto alguns conceitos bastante úteis para a encenação foram pesquisados, como, “*contar e mostrar, fazer de conta e tornar real*” (Spolin, p.52) e o desdobramento na literatura e no teatro.

“Era uma vez uma princesa que estava sendo penteada pela ama quando esta encontrou um piolho no pente. A princesa ficou tão admirada com aquele achado que resolveu criar o piolho numa caixinha. O piolho cresceu tanto que, mudando de caixas, estava enorme. A princesa mostrou-o ao rei seu pai que mandou matar o bicho e tirar-lhe o couro para fazer o assento de uma cadeira para o seu salão. Ordenou que a princesa e a rainha guardassem todo segredo e disse que dava a mão da filha em casamento a quem adivinhasse de que era feita o forro da cadeira real. “ (Cascudo, C. 1986)

Nesse primeiro recorte, aparecem elementos implícitos que serão aproveitados para a encenação como: as características de cada personagem; princesa mimada, voluntariosa e “birrenta” que não quer casar, Rei mandão e tirano, Aias não tão obedientes, música em forma de jingle para anunciar a

almofada real e a encenação se apropriando de todos os objetos disponíveis, baldes, vassouras, panos de limpeza, escovas, rodos, desentupidor de pia, etc. para compor as personagens em cena. Abre-se também tema para o aparecimento da almofada real, em ritmo de jingle tipo, apresentação do produto.

(música)

*Essa almofada é surreal
Ela é mais que uma almofada
É sem igual
Parece uma almofada
É bem mais que uma almofada
Mas é mais que uma almofada real...*

(Letra e música de Joana Flor)

Como proposta de encenação, esse número de personagens foi interpretado por duas atrizes e um ator. A dramaturgia optou por deixar registrado no texto o nome de cada um dos atores/narradores do Grupo:

(Enquanto cantam e narram pegam de dentro de baldes, panos com histórias escritas e penduram no varal).

Angela – (Faxineira) Era uma vez...

Karina – (Faxineira) Em um reino muito distante...

Angela – *(apanha o mop de limpeza)* Uma princesa!!!! Uma princesa linda!! Com cabelos dourados, sedosos...

Karina – (Princesa): *(berrando)* Me solta!!!! Me põe no chão!!!

Angela – (Faxineira): Uma princesa... Estressada!!! E esta princesa tinha uma Aia!! Que fazia tudo por ela! Aonde a princesa ia a Aia, ia atrás!! Fazia todas as suas vontades...

Luian – *(entrando como Aia cantando tema)* Aiaiaiaiaiaia!!!!

Karina – (Princesa) Não, essa Aia!!! A outra !!! Chega!!! Eu quero a minha música!

Angela – *(Aia canta uma valsinha)* Princesa, princesa, princesa!!! Princesa... princesa... princesaaaaa...

Karina – (Princesa) Chega!! Cansei dessa música!!! Aia, vista o meu vestido! Cansei de ficar pelada!

Angela – (Aia) Pois não, princesa!!!

Karina – (Princesa) Aia, agora penteie os meus cabelos!!!

Angela – (Aia) Pois não princesa! *(Aia acha um bicho esquisito no cabelo da princesa. Sai).* Credo! Que bicho é esse?

Angela – (Princesa) Ele é tão bonitinho!!! Vou ficar com ele como meu “coisinho” de estimação! Aia, depressa! Eu quero alguma coisa pra eu guardar o meu coisinho!

Angela – (Aia) Sim Princesa!! Eu vou providenciar. Aqui está uma caixinha pra guardar o seu “coisinho”!

Angela – (Princesa) Não faz mais do que a sua obrigação! Pode se retirar! Não preciso mais dos seus serviços. Nossa meu bichinho você tá tão pequenininho, tão magrinho! Tá com fominha, tá?

Ângela – (Narradora) A princesa cuidou tão bem do seu novo bichinho que ele não parava de crescer.

(A outra Faxineira joga sacos de lixo de vários tamanhos em cena)

Angela – (Princesa) Que grande que você está, meu lindinho! Eu vou te levar pra conhecer todo o meu reino.

(Música – tema de passeio. Princesa passeando com o saco de lixo enorme na cabeça. Repete música tema)

Luian – (Vozes em off): Onde já se viu uma coisa dessa?

Angela – Cruz credo, que coisa mais esquisita!

Angela – Esquisitos são vocês, seus plebeus! Vamos, meu fofinho, não liga pra eles não! Eles estão com inveja da sua saúde. Como você está grande! Tá com fominha, tá? Eu vou te dar mais comidinha.

(Desfaz a personagem da princesa e volta a ser Narradora)

Karina – (Narradora) E o bichinho já estava tão grande que não cabia mais em nenhum lugar! E a princesa continuava dando comida pra ele. Até que um dia...

(Música – xote ou xaxado para entrada do Rei)

Angela – (Rei) Eu sou o rei o rei o rei! Eu sou o rei o rei o rei! Sou o pai da princesa! Minha filha, que bicho é esse??? Meu Deus!!! Um monstro!!! Que bicho esquisito!

Karina – (Princesa) Papai é o meu coisinho de estimação.

Angela – (Rei) Não tem coisinho, nem bichinho! Onde já se viu um capricho desses? Guardas! Cortem-lhe a cabeça!

Karina – (Princesa) Nãããããoooo! Papai! Não faça isso!

Angela – (Rei) Ele está tomando conta do meu reino. É uma crise de calamidade pública! Cortem-lhe a cabeça! Cortem-lhe a cabeça! Eu já sei o que eu vou fazer com o resto !

Karina – (*Princesa grita*) Nãããããooooo ! Papai, eu te odeio!

CENA II

“Como a princesa era muito bonita e rica, correram moços de todas as partes para a prova. Nenhum acertou. Os meses passavam e a princesa estava zangada com tanta demora no casamento.” (Cascudo, C. 1986)

Retomando o segundo recorte do conto original, temos a versão tradicional da princesa que quer casar e não encontra um príncipe como pretendente. A proposição para o texto teatral foi inverter essa versão para uma princesa diferente e cheia de vontades que não quer casar e recusa todos os pretendentes:

Luian – (Narrador) Vinha gente de todo o reino pra ver do que era feita aquela almofada real. Mas ninguém descobria. E a Princesa continuava reclamando!

Karina – (Princesa) Papai! Eu quero o meu coisinho de volta!

Angela – (Rei) Quieta, sua menina mimada! Da próxima vez arrume outro bicho de estimação. Um cachorro...

Karina – (Princesa) Não!

Angela – (Rei) Um gato...

Karina – (Princesa) Não!

Angela – (Rei) Um marido! É isso! Você precisa se casar! Eu vou te arrumar um marido!

Karina – Não, Papai! Esse bicho eu não quero! (*fazendo birra*) Eu não quero! Não quero! E não quero! Eu nunca vou me casar! Eu nunca vou me casar!

Angela – (Rei) Vai sim!!! Vou te arrumar um marido pra você parar de manha!

Elenco: Luian Borges, Angela Lyra e Karina Degaspari

CENA III

Nesse recorte entram versos recolhidos por Sílvia Romero em *Folclore Brasileiro - Cantos Tradicionais* que são musicados em trabalho coletivo de improvisação com os atores/músicos/narradores do elenco, o encenador e a compositora. O processo é altamente criativo e parte de uma série de instrumentos de percussão como caxixi, reco-reco, marimba, kalimba, apitos e outros. Praticamente, o ensaio se instaura como uma oficina musical de improviso que vai se reelaborando, até definir os sons e efeitos que mais combinam com a cena. O violão é a base, depois outros instrumentos são incorporados como o violino, o acordeom e a flauta. O domínio dos instrumentos

pelos atores é indispensável para que a música faça parte do conjunto. No caso específico do ator Luian, que faz as personagens *Narrador*, *Rodolfo* e *Arauto*, a possibilidade de improvisação se amplia, na medida em que ele toca vários instrumentos.

“Bem longe da cidade morava uma velha que tinha um filho chamado João, meio amalucado, mas esperto. João, sabendo da promessa do rei, resolveu tentar a fortuna. A mãe debalde aconselhou-o a desistir daquela loucura. João nem ouviu. A velha preparou a matalotagem e o rapaz pôs-se a caminho.” (Cascudo, C. 1986)

Angela – *(Narradora com um violão faz fundo musical para a cena)* A notícia de que o Rei queria arrumar um marido para a princesa foi se espalhando... Até que chegou num lugar muito distante. Lá na Vila Enxutinha.

Karina – *(Narradora)* Nesse lugar morava uma mulher muito pobre que trabalhava noite e dia, sem parar. Ela lavava, passava, cozinhava e ainda tinha tempo para cantar como um passarinho...

(Mãe de Rodolfo aparece em cena trabalhando)

(música)

*Andorinha pequenina
come fruta no jambeiro
eu quero dormir um sono
na trança do seu cabelo...*

*andorinha pequenina
bebe água no ribeiro.
eu quero sonhar de novo
na trança do seu cabelo...*

*Andorinha pequenina
voa sempre bem ligeiro*

*eu quero abrir os olhos
na trança do seu cabelo...*

Angela – (Narradora) Essa mulher tinha um filho muito esperto que se chamava Rodolfo, mas todos na Vila Enxutinha achavam que ele era meio avoado...

Luian – (Rodolfo) Mãe! Eu vou mudar nossa sorte!

Karina – (Mãe) De que jeito, meu filho?

Luian – (Rodolfo) O carteiro, falou pro leiteiro, que falou pro padeiro que falou pra vizinha que falou pra mim, que o Rei vai dar a mão da Princesa em casamento para quem descobrir do que é feita a almofada real.

Angela – (Mãe) Mas meu filho, o castelo é muito distante e o caminho é muito perigoso!

Luian – (Rodolfo) Não se preocupe!

Angela – (Mãe) Não, você não vai! Nem pensar. O Rei é malvado e se você não adivinhar, ele manda te cortarem a cabeça.

Luian – (Rodolfo) Eu sou esperto e não tenho medo de nada.

Karina – (Mãe) Não, meu filho! Não vá!

Luian – (Rodolfo) Não se preocupe, Mãe. Eu prometo que volto!

Karina – (Mãe) Então vá e que Deus te acompanhe, meu filho!

(sai tocando e cantando)

(Rodolfo) *Sou da Vila Enxutinha
pela estrada é que eu vou
casar com uma princesa
meu coração me mandou*

(Fofoqueiras) *Lá vai Rodolfo pela estrada
com sua cabeça amalucada
esse menino não bate bem
seu pensamento vai mais além...*

(Rodolfo) *Quem me dera ser a seda
depois da seda o cetim
pra andar de mão em mão
as moças pegando em mim ...*

(Fofoqueiras) *Lá vai Rodolfo pela estrada
com sua cabeça amalucada...*

- (Rodolfo) *Menina de saia branca
corpinho da mesma cor
peça a teu pai que te case
que eu quero o teu amor...*
- (Fofoqueiras) *Lá vai Rodolfo pela estrada...*
- (Rodolfo) *Não sou príncipe nem sou nobre
Mas tenho opinião
Vou casar com a princesa
Sem ter que pedir à mão...*
- (Fofoqueiras) *Lá vai Rodolfo...*

CENA IV

Nesse recorte, temos outra característica recorrente nos contos populares, personagens ingênuos, abobados, puros e bondosos de coração. O anti-herói de vida simples e pacata que quase sempre enfrenta batalhas inglórias. Mesmo sabendo o tamanho da jornada, vai em frente e enfrenta o desafio. Nesse recorte, chamaram a atenção, os fios mágicos da roupa do Velho que foram substituídos pelos botões que aparecem no casaco, como adereço com mais visibilidade cênica. Entretanto, durante o processo de construção, verificou-se que tanto os botões mágicos como os fios de roupa provocavam o

mesmo efeito, na medida em que ambos os adereços não precisavam aparecer na cena. A personagem do Menino recebe o botão ou fios mágicos, enfia no bolso e não mostra para a plateia, num jogo de *tornar real o objeto* (SPOLIN, p.53). O enfoque da cena é mostrar o coração puro e generoso da personagem e premiar sua virtude com a realização de três desejos.

“Andou, andou, e quando anoiteceu estava perto da cidade mas achou melhor dormir no mato. Amarrou a rede a uns galhos, fez o fogo, assou carne e ia comer quando apareceu um velhinho muito trêmulo, dizendo que estava morto de fome e de cansaço.

– Não faça cerimônia, homem de Deus, vá comendo e descanse. O velho sentou-se, comeu, bebeu água, descansou. Lá para as tantas, João com sono, e tendo apenas uma rede ofereceu ao velho.

– Deus lhe pague por tudo. Quero dar uma lembrança. Leve estes três fios da minha roupa. Quando se vir agoniado queime um deles e será válido. Disse essas palavras e meteu-se pelo mato. João dormiu a noite inteira e pela manhã desarranchou-se e botou o pé na estrada com vontade.

Chegando, procurou o palácio do rei e um lugar para pousada. Deram-lhe agasalho bem pertinho do palácio. João andou rondando a casa do rei, vendo o movimento da gente que subia e descia as escadas. No outro dia foi ao palácio e disse que queria adivinhar de que era feita a cadeira do rei. Mandaram-no subir, com outros rapazes. João, todo acanhado ia suando frio. Quando entraram no salão, estava o rei, a rainha, a princesa e muitos homens importantes e bem vestidos. Mostraram a cadeira bem no meio da sala, João foi olhando, de longe, e ouvindo as palavras dos outros:

– É couro de cobra!

- Não é!
- É couro de rato!
- Não é!
- É couro de lagartixa!
- Não é!”

(Cascudo, C. 1986)

CENA V

Angela – (Narradora) Quando chegou no palácio, Rodolfo ficou até sem jeito com aquele luxo todo, toda aquela gente bem vestida. No salão estavam o Rei, a Princesa, o Arauto, as Aias da princesa e mais uma porção de gente da corte.

Karina – (Narradora) Bem no meio da sala, estava a almofada real e uma fila de pretendentes. De longe Rodolfo só observava.

(Arauto entra. Rufo de caixa)

Luian – (Arauto) *(anuncia os pretendentes dedilhando no violão uma música da nacionalidade de cada personagem)* Mandarin Chingue-Lingue é um chinês – do Reino de Pastel de Flango!

Karina – *(Manipula um boneco com características de chinês e responde)* É coro de bareia!

Angela – (Rei) Cortem-lhe a cabeça!

(rufo)

Luian – (Arauto) *(dedilha a introdução da Marselhesa)* Messiê Jean-Paul Sartre de Lyon...

Karina – *(Manipula um boneco com características de francês e responde)* É couro de escargot.

Angela – (Rei) Cortem-lhe a cabeça

Karina – (Princesa) Que peninha, até que esse era bonitinho.

(rufo)

Luian – (Arauto) (*toca uma tarantela*) Don Federico Felini do Reino da Pizza de mussarela!

Karina – (*Manipula um boneco com características de italiano e responde*) Má quê!!!
Non é coro de bicho, eco! Non é couro nem pele! E massa de macarrone.

Angela – (Rei) Cortem-lhe a cabeça!

(*rufo*)

Luian – (Arauto) (*música árabe*) Sheik Agadir do Reino das esfihas de carne!

Karina – (*Manipula um boneco com características de árabe e responde*) É couro de

Angela – (Rei) Cortem-lhe a cabeça!

(*rufo*)

Luian – (Arauto) (*tema de Ó Minas Gerais*) Venerável Cavaleiro Doutor Fernando...
do Reino do Rio e do Reino das Minas da Vila de Três Pontas.

Karina – (*Manipula um boneco com características de mineiro e responde*) Uai! Isso
aí é couro de chupa cabra, sô!!!

(*rufo*)

Angela – (Rei) Cortem-lhe a cabeça!

Karina – (*Manipula um boneco com características de mineiro e responde*) Corta
nada, sô ! Eu vô é fugi pra terrinha!

Karina – (Princesa) (rindo) Ah! Ah! Ah! Bem feito! Bem feito! Bem feito, mas eu disse
e repito: eu nunca vou me casar.

Essa cena foi desenvolvida com as atrizes manipulando bonecos confeccionados de material descartável, como recipientes de produtos de limpeza de vários tamanhos e formatos para compor a cabeça, luvas de borracha para nariz e boca, esponjas de limpeza para ajustar barba e bigodes e panos de limpeza para as roupas. O resultado foi um conjunto de bonecos representativos dos pretendentes à mão da princesa de várias nacionalidades. Conforme cada um era eliminado e perdia a cabeça, uma haste móvel jogava a cabeça para o

alto por trás de uma cortina estilizada do castelo. A cena provocava um efeito cômico e divertido, e a manipulação era precisa para que cada um tivesse seu movimento e sotaque interligado. Os bonecos criados mantiveram a estética e a linguagem do Pasárgada na pesquisa e concepção de todos os objetos usados em uma faxina e suas possibilidades de transformação e aproveitamento cênico.

“Ponto culminante, a meu ver, são os bonecos de sucata criados também por Valnice Vieira Bolla. Quando a princesa protagonista, feita de vassoura, tem de escolher um pretendente, é muito divertida a sucessão de príncipes que vão surgindo por trás do muro, cada qual de uma nacionalidade (árabe, chinês e até um divertido mineirinho) e todos confeccionados com alta dose de criatividade e simplicidade.” (Dib Carneiro – recorte da crítica do espetáculo. Revista Crescer, 2015)

CENA VI

“O rapaz esgueirou-se para o vão de uma janela, puxou um dos fios, queimou-o dizendo – quero saber de que é feito o daquela cadeira – e imediatamente veio a ideia do piolho. Ficou alarmado com tamanho absurdo mas tendo confiança no velhinho, avançou para o meio da sala e esperou chegar a sua vez. Um criado chamou-o e o rei perguntou de que era feito o forro da cadeira.

– É couro de piolho!
– É mesmo. Acertaste!

Toda gente bateu palmas e abraçou o rapaz. A princesa não achou graça naquele moço mal-vestido, sujo e com ar desajeitado e palerma. Houve um jantar com todas as variedades de comidas. ” (Cascudo, C. 1986)

Angela – (Narradora) Lá chegando a vez de Rodolfo e ele não sabia o que ia dizer... De repente lembrou-se do botão que o Velho havia lhe dado.

(Declama)

*Botão botãozinho
 me diga no meu ouvido
 do que é feita a almofada
 senão eu estou perdido...*

Karina – (Narradora) Na mesma hora veio na cabeça de Rodolfo, a imagem do bicho mais esquisito que o juízo pode imaginar. Ele ficou surpreso com tamanho absurdo, mas confiou no que o velhinho havia dito.

Angela – (Arauto) Rodolfo, o plebeu da Vila Enxutinha!!!

Luian – (Rodolfo tocando e cantando)

(música)

O couro desse bicho
só eu posso ver
tamanho despropósito
só pro Rei posso dizer...

Angela – (Rei) Aproxime-se meu jovem!

Luian – (Rodolfo) Pois não, Majestade!

Angela – (Rei) Muito bem. Do que é feita a minha almofada real?

Luian – Ela é feita de... (*suspense*) Se eu errar, vossa Majestade promete que vai me dar mais uma chance?

Angela – (Rei) Prometo!

Luian – (Rodolfo) E promete também que não vai cortar a minha cabeça?

Angela – (Rei) Palavra de rei não volta atrás.

Luian – (Rodolfo) Vossa Majestade pode dar sua palavra real por escrito?

Angela – (Rei) Pare de enrolação e vamos logo com isso! Aproxime-se! (*fala em segredo para Rodolfo*) Fale do que é feita a minha almofada real que eu já não aguento mais essa teimosia da Princesa de não querer casar. Eu também não fui com a cara dos outros pretendentes. Todos eles eram muito cheios de nove-horas e salamaleques. Todos eles de olho no meu trono.

Luian – (Rodolfo) Eu não quero o seu trono, Majestade. Eu quero mesmo é casar com a Princesa.

Angela – (Rei) Eu gostei mesmo de você! Fale!

Luian – (Rodolfo) Majestade, o couro da almofada é feito de...

(*Arauto faz um rufo barulhento encobrindo a fala de Rodolfo*)

Angela – (Rei) Silêncio, Arauto. Nem mais um toque. Fale no meu ouvido.

Luian – (*Rodolfo fala no ouvido do rei*)

Angela – (Rei) Muito bem! Muito bem! É isso mesmo! Este rapaz acertou! Eu te concedo a mão da princesa.

Karina – (Princesa) Nem morta, Papai. A mão é minha e eu dou ela pra quem eu quiser. E tem mais, eu não vou casar com um pé rapado desses. Pode me trancar na torre da Rapunzel.

Angela – (Rei) Chega!!! Eu tenho mais o que fazer do que ficar aturando menina birrenta. (*para Rodolfo, à parte*) Agora é com você meu jovem! Faça de tudo para domar essa megera que eu te farei um homem rico. (*sai*)

Luian – (*Rodolfo pisca o olho para o Rei*) Combinado, Majestade!!! Até mais... Meu sogro. (*declama para a princesa*)

*Menina de saia branca
 corpinho da mesma cor
 pede a teu pai que te case
 que eu quero teu amor...*

Karina – (Princesa responde)

*A minhoca é bicho feio
 bicho que entra no chão
 você é muito feio
 não entrou no meu coração...*

CENA VII

“Depois, o rei chamou João e lhe disse: – Está tudo muito bem mas para você casar com a princesa deve cumprir outro preceito. Amanhã pela manhã, receberá cem coelhos e deve levá-los para o campo e voltar pela tardinha, sem faltar um só. João ficou certo de que guardar coelhos é o mesmo que juntar moscas. Não ficaria um só para exemplo. Mesmo assim aceitou e dormiu num quarto todo preparado. Pela manhã deram café e outras cousas e coelhos. Quando o rapaz saiu pelo portão do palácio não via mais um coelho que fosse. Tinham fugido todos. João andou até o campo, deitou-se debaixo de uma árvore e queimou o segundo fio que tivera de presente: – Quero um jeito para guardar esses coelhos! Palavras não eram ditas, apareceu uma gaita, pequenina. João pegou e soprou. Saiu um apito estridente. Imediatamente os coelhos vieram correndo como uns loucos e se enfileiraram como soldados diante do rapaz. João espantou-os para que fossem comer. Pela tardinha apitou

na gaitinha, juntou os cem coelhos e tocou-se para o palácio. Assim que chegou mandou dizer ao rei que contasse os bichos. Contaram. Estavam todos os cem.”
(Cascudo, C. 1986)

As narrativas orais permitem que a grande maioria de contos e lendas seja mesclada e incorporada à memória popular. Objetos com poderes mágicos enriquecem o universo dos contos populares e são encontrados em várias versões. No conto *Couro de Piolho*, recolhido por Câmara Cascudo, a gaita mágica que reúne os coelhos é a versão da gaita mágica alemã do Gaiteiro de Hamelin que livra a cidade da epidemia dos ratos e que também aparece na lenda australiana da Flauta Mágica que fazia homens e bichos dançarem até caírem exaustos.

O poder da música e da sonoridade de encantar e seduzir os coelhos na encenação do Pasárgada, vem acompanhado do desafio de como introduzir, cenicamente, dezenas de coelhos no palco. No exercício de jogo e improvisação grupal, o foco se manteve nos materiais de limpeza utilizados pelas faxineiras/narradoras e foram trazidos para a cena dezenas de rolos de papel higiênico embalados em sacos plásticos e amarrados como se fossem as orelhas. Os “coelhos” aparecem no palco, conforme o ator sopra a flauta mágica dada pelo Velho.

“(...) a trajetória tarimbada do Pasárgada permite que o grupo tire riqueza dos objetos mais simples, panos, cordas. O momento em que mil coelhos têm de aparecer em cena é impagável, pois os coelhos são simplesmente sugeridos por rolos de papel higiênico, cada qual envolto por um saco de plástico reciclável. Um efeito simples, barato, eficiente, engraçado e até bonito.” (Dib Carneiro – recorte da crítica do espetáculo. Revista Crescer, 2015)

Outro aspecto que aparece nesse conto popular é uma certa malandragem da personagem do jovem esperto e amalucado. Essa

característica de malícia e safadeza popular, aparece em outros contos, cantos populares, registrados por Sílvio Romero:

*Quem me dera ser a seda
depois da seda o cetim
pra andar de mão em mão
as moças pegando em mim ...*

*Teu anel de pedras finas
meu dinheiro me custou
de boquinhos e abraços
teu corpinho me pagou...*

(Romero, Sílvio. Contos Populares do Brasil, p.490)

Nos versos declamados e cantados, a *ciranda cirandinha*, brincadeira de roda cantada especialmente pelas meninas, tem versos pouco conhecidos que também revelam essas características:

*Ciranda cirandinha
vamos todos cirandar
vamos dar a meia volta
volta e meia vamos dar... (p.494)*

*Atirei um limãozinho
na mocinha da janela
deu no cravo, deu na rosa
bateu nos peitinhos dela... (p.495)*

Ressalta-se ainda o caráter jocoso e lúdico dos versos e das cantigas como brincadeira de roda para crianças e adultos:

*Rua abaixo, rua acima
Sempre com o chapéu na mão
Namorando as casadas,
Que as solteiras minhas são... (p.495)*

“No outro dia voltou com os cem coelhos porque a princesa estava maldando uma diabrura para não casar com João. Este chegou, deitou-se debaixo da árvore e os coelhos sumiram-se, pulando para todos os lados. No pino do meio dia apareceu uma das criadas da princesa, toda bonita e trajada. Vinha comprar um coelho por todo o dinheiro que fosse. O rapaz, desconfiado, teve um ideia. Disse que vendia o coelho por um beijo. Vai a criatura aceitou o preço, dando o beijo. João entregou o coelho e a moça segurou o bichinho nos braços e botou-se para casa, bem depressa. Logo que João a perdeu de vista soprou a gaita e o coelhinho debateu-se com tanta força que arranhou a moça e voltou como um raio para junto dos outros. A moça chegou triste e contou à princesa que não pudera trazer o coelho. A princesa disse que ela não tinha sabedoria e mandou outra. Aconteceu o mesmo, sendo que o preço subiu para dois beijos. A segunda voltou sem o coelho e a princesa veio ela mesma decidir a questão. Encontrou João na sombra e puxou conversa, com muito rodeio e acabou falando na compra de um coelho. – Só vendo se a princesa minha senhora me der a sua camisa. A princesa zangou-se, mas não tendo outro remédio foi para trás de uma árvore, tirou a camisa e a deu ao rapaz, recebendo o coelho. Enrolou o bichinho numa toalha e veio voando para o palácio. Nem passou o portão e já o coelho, ouvindo o apito da gaita, arrancava-se da toalha e voltava como uma flecha. A princesa nem olhou para trás, de furiosa.”
(Cascudo, C. 1986)

Angela – (Narradora) No dia seguinte, levaram Rodolfo para a floresta e soltaram os cem coelhos. Correu coelho para tudo quanto foi canto. Em pouco tempo, não se via mais nenhum. Tinham fugido todos. Aí, Rodolfo resolveu testar o botãozinho mágico.

*Botão botãozinho
não me pregue uma peça
como eu faço pra juntar
cem coelhos bem depressa?...*

Karina – (Narradora) Na mesma hora apareceu uma flauta mágica. Rodolfo começou a tocar e os coelhos foram se aproximando encantados com aquela música. Num instante os cem coelhos estavam ali.

Angela – *(aproxima-se como Aia, enquanto a Princesa observa atrás de uma árvore)*
Olá Rodolfo, como vai?

Luian – (Rodolfo) Vou indo, vou indo!

Angela – (Aia) Será que você me venderia um desses coelhos?

Luian – (Rodolfo) Não posso, esses coelhos não são meus.

Angela – (Aia) Sabe o que é... eu tenho um irmãozinho que tinha um coelhinho e o coelhinho fugiu. Ele ficou tão tristonho, coitado. Tá com um febrão! Por favor, Seu Rodolfo me vende umzinho só?

(A Princesa dá uma risadinha, de detrás da árvore)

Luian – (Rodolfo) Sinto muito Aia, mas eu não posso.

Angela – (Aia) Eu lhe pago quanto quiser!

(A Princesa dá outra risadinha. Rodolfo vai até onde ela está escondida. A Aia tenta impedir)

Luian – *(Rodolfo para a plateia)* Aí tem coisa... Tá bom, mas eu não quero dinheiro!

(música)

*Passarinho no capim
beija-flor na limeira
não há dinheiro que pague
beijo de moça solteira...*

(Aia dá um beijo em Rodolfo que lhe entrega um coelho. Quando vai saindo Rodolfo toca a flauta mágica. O coelho pula do colo dela e volta pra Rodolfo)

Luian – *(Rodolfo rindo)* Fica brava não, Aia. Volte aqui que eu devolvo teu beijo.

*Na troca de um coelho
roubei um beijo seu
posso devolver o beijo
o coelho não é meu...*

Angela – (Aia) Aiaiaiaiaiaiaiaiaiaia ! Você não perde por esperar, seu espertinho!

Karina – (Princesa) Vou precisar de alguém mais forte pra segurar o coelho. Já sei! A cozinheira real.

(aparece a cozinheira real)

Angela – (Cozinheira) Bom dia meu jovem, estou precisando de dois coelhos para o banquete real e não tenho tempo para comprá-los no mercado. Você me venderia? Eu pago muito bem.

Luian – (Rodolfo) Desculpe-me minha senhora, mas eles não estão à venda.

Angela – (Cozinheira) Mas se eu não fizer coelho ensopado hoje o Rei manda cortar o meu pescoço! Tem piedade.

Luian – (Rodolfo) Está bem! Eu não quero dinheiro. Eu lhe dou dois coelhos em troca de dois beijos!

Angela – (Cozinheira) Aceito o acordo!

(Dá os beijos em Rodolfo e pega os coelhos. Mal ela sai de perto, Rodolfo toca. A Cozinheira segura firme, mas os coelhos acabam escapando)

Angela – (Cozinheira) Oh!! Oh!! Segura!! Segura!!!

(Cai no chão e os coelhos voltam pra Rodolfo) Eu quero meus coelhos! Pega! Pega!

Luian – *(Rodolfo toca e canta)*

*Na troca de dois coelhos
roubei dois beijos seus
posso devolver os beijos
os coelhos não são meus...*

CENA VIII

*“De tarde o rapaz voltou e entregou os cem coelhos. O rei mandou-o chamar e disse: – Amanhã eu reúno a corte toda e quero que você traga um saco cheio de mentiras.”
(Cascudo, C. 1986)*

A continuidade da cena é retomada pela atriz/narradora/princesa que continua insistindo no firme propósito de não casar com o jovem Rodolfo e pede uma prova mais difícil ainda de ser cumprida. Nesse movimento, a encenação traz a lembrança das antigas serenatas românticas, cantadas em noite de lua. O verso escolhido é homenagem aos cantores sertanejos do passado que fizeram grande sucesso, explorando canções de raízes populares, entre eles Tonico e Tinoco, e Pedro Bento e Zé da Estrada, com a canção Seresteiro da Lua:

(música)

*“Abre a janela, ó querida,
venha ver o luar cor de prata
venha ouvir o som desse meu pinho
na canção de uma serenata...”*

Karina – (Princesa) Muito bem! Você cumpriu sua tarefa. Vá dormir que amanhã eu pensarei numa outra prova. Boa noite!

Luian – (Rodolfo) Boa noite, Princesa! *(faz uma mesura)* Tenha bons sonhos! Sonhe comigo.

Karina – (Princesa) Vá pentear macaco!!!

Luian – *(Rodolfo declama)*

*“Olhos pretos matadores
cara cheia de alegria
um beijo da sua boca
me sustenta todo dia”*

(Romero, Sílvio.. Contos Populares, 1954, p. 512)

Karina – *(Princesa responde)*

*“Lagartixa é bicho feio
eu não pego na mão
você é muito feio
não entrou no meu coração...”*

(Romero, Sílvio. Contos Populares, 1954, p. 512)

Angela – (Narradora) Quanto mais a Princesa embirrava em não querer casar, mais Rodolfo insistia. Nessa noite ele foi até a janela da Princesa e fez uma serenata pra ela.

Luian – (Rodolfo) *(Continua cantando)*

(A Princesa interrompe a serenata. Joga um balde de água na cabeça dele.)

Karina – (Princesa) Me deixa dormir. *Vá cantar em outro terreiro! (frase de Câmara Cascudo)*

"No outro dia, o salão estava apinhado de gente, o rei, a rainha, a princesa e todas as criadas, espelhando de bem vestidas. O rei chamou João, mandou entregar-lhe um saco e disse: – Vamos, encha esse saco de mentiras, na vista de todos que aqui estão. O rapaz pegou no saco, abriu-lhe a boca, segurando-a com a mão esquerda e estirando a direita, como se tirasse uma fruta do pé começou a falar: – Por um coelhinho fujão, a criada da princesa me deu um beijo. É mentira ou não? – É mentira, gritou a criada que dera o beijo. João fez que metia uma coisa dentro do saco e declarou: – O saco está enchendo! Por um coelhinho fujão, a outra criada da princesa me deu dois beijos. É mentira ou não? – É mentira! É mentira! gritava uma outra criada que dera dois beijos. – Saco meio! dizia o rapaz. E gritando: – Por um coelhinho fujão a princesa minha senhora me deu sua camisa. É mentira ou não? – É a mentira maior do mundo! gritou a princesa. – Saco cheio! Saco cheio, rei meu senhor. – É verdade, declarou o rei – o saco está cheio. Falta saber se a princesa quer mesmo casar com você. João olhou para a princesa e esta que já estava gostando dele, balançou a cabeça que sim." (Cascudo, C. 1986)

CENA IX

A mentira é outro elemento de humor que aparece nos contos populares do mundo inteiro. Na nossa cultura virou tema recorrente nas histórias de pescadores com seus “causos” de contar vantagem e manter a “prosa” para

enrolar os ouvintes. Outras vezes, a mentira aparece em concursos, onde o vencedor é o que conta a mentira mais fantasiosa. Na Inglaterra, por exemplo, conta-se que os mentirosos de uma aldeia competiam pela conquista de um troféu e, quando o bispo os viu, passou um tremendo sermão neles, concluindo: “– *Façam como eu, que nunca contei uma mentira em toda a minha vida*”. Imediatamente lhe deram o troféu. Um conto popular norueguês, conta que:

“Era uma vez um rei que tinha uma filha terrivelmente mentirosa. Um dia ele anunciou que quem conseguisse mentir mais que a princesa e no fim a fizesse dizer “Mentira!” ganharia sua mão e metade do reino... (Neil, Philip. 1998, p.62)

Karina – (Princesa) Hoje sua tarefa será encher este balde de mentiras. Cumprindo essa tarefinha eu vou começar a te achar bonitinho.

Luian – (Rodolfo) Encher um balde de mentiras? Eu nunca vou conseguir.

Karina – (Princesa) E tem mais, se você não conseguir eu vou mandar te prender no calabouço do castelo, jogo a chave fora e nunca mais quero ouvir falar de Rodolfo nenhum! (sa)

Luian – (Rodolfo) Agora eu tô perdido! Como é que eu vou conseguir encher um balde de mentiras? Essa Princesa já tá me cansando. Nem bonita ela é. Tô perdendo a vontade de casar!

(Senta-se num canto e fica pensativo. Ouve-se um assobio, depois um chamado)

Voz em Off – Ei, psiuuu !

Luian – (Rodolfo) Quem é?

Luian – (Rodolfo) Caramba! O meu botãozinho mágico, como é que eu me esqueci de você ? Estou salvo!

Voz em Off – Sou eu! Aqui no seu bolso.

*Meu botãozinho salvador
como eu faço pra encher
um balde de mentiras
sem nenhuma se perder...*

Karina – (Narradora) Na manhã seguinte todos estavam reunidos no grande salão para ver se Rodolfo tinha enchido o balde de mentiras.

(rufo)

Karina – (*Arauto anunciando*) O jovem Rodolfo da Vila Enxutinha e a prova do balde cheio de mentiras.

Luian – (*Rodolfo entra com um grande balde*). Quando eu estava na floresta tomando conta dos coelhos, aconteceu um caso muito curioso. A Aia da Princesa apareceu e me pediu para que eu lhe vendesse um dos coelhos. Eu disse que não podia mas a Aia toda assanhada me deu um beijo e levou um coelho.

Angela – (Aia) É mentira!!!!

Luian – (Rodolfo) Pouco depois veio a cozinheira e me pediu dois coelhos. Disse que precisava urgentemente deles para o banquete real e também me ofereceu dinheiro. De novo eu não aceitei, mas mesmo eu não querendo, ela me deu dois beijos em troca dos coelhos.

Angela – (Cozinheira) É mentira! É mentira das grandes!!

Luian – (Rodolfo) Naquela noite havia uma lua linda no céu e eu como sou um rapaz apaixonado resolvi fazer uma serenata para conquistar a Princesa de uma vez por todas. Ela abriu a janela para me ouvir cantar, disse que eu cantava muito bem...

Karina – (Princesa) É mentira!

Luian – (Rodolfo) Melhor se controlar que o balde já está quase cheio, Princesa.

Angela – (Rei) Silêncio! Deixe ele acabar a história.

Luian – (Rodolfo) Ela disse que eu cantava muito bem e que se eu continuasse cantando ela ia acabar se apaixonando por mim...

Karina – (Princesa) É mentira! É mentira!

Angela – (Rei) Fecha a matraca! Nem mais um pio! Deixe ele acabar a história!

Luian – (Rodolfo) Quando eu terminei a serenata ela me chamou de lindo, pediu que eu subisse aos seus aposentos, me ofereceu um jantar à luz de velas, me deu um beijo prolongado e disse que estava pronta pra casar comigo...

Karina – (*Princesa não se contém. Explode*) É mentira!!! É mentira! É mentira! Essa é a maior mentira que eu já ouvi.

Luian – (*Rodolfo fecha a tampa do balde*) Pronto! O balde está cheio,

Angela – (Rei) Meus parabéns! Você provou que é um jovem muito esperto e de muito valor.

Karina – (Princesa) Ainda tem mais uma prova!

Angela – (*Rei furioso*) Não tem prova, nem provinha. Ele não vai ter que provar mais nada e a senhorita vai casar com ele ou vai ficar solteirona e não casa com mais ninguém, pronto!

Karina – (Princesa) Eu não quero ficar solteirona.

Angela – (Rei) Então, case com ele de uma vez!

Karina – (Princesa) Não caso!

Angela – (Rei) Casa!

Karina – (Princesa) Não caso!

Luian – (Rodolfo *interrompendo*) Desculpe, Majestade. Posso dizer uma coisinha?

Angela – (Rei) Claro, meu jovem!

Luian – (Rodolfo) Estive pensando, mas agora sou eu que não quero casar. Eu sou muito jovem e quero conhecer o mundo. Quero cantar e tocar em outros reinos, conhecer outras pessoas. Não me leve a mal, mas você Princesa, é um purgante.

Karina – (Princesa) E você é o resultado! Grosso! Plebeu!

Luian – (*Rodolfo faz uma reverência*) Adeus, Majestade! Eu também gostei muito do senhor.

Angela – (Rei) Fique, meu jovem. Eu te ofereço muito dinheiro e quem sabe um dia você poderá ser rei.

Luian – (Rodolfo) Eu agradeço Majestade, mas eu não quero dinheiro e também não quero ser rei. Já tem muito rei nesse mundo, mas se quiser fazer alguma coisa por mim... (*fala no ouvido do Rei*)

Angela – (Rei) Eu atenderei o seu pedido.

Karina – (Narradora) E como palavra de rei não volta atrás, ele cumpriu a sua. Mandou buscar a mãe de Rodolfo e nomeou-a cozinheira real. Ela aceitou o convite e acabou conquistando o rei pelo estômago e ele nunca mais mandou cortar a cabeça de ninguém

Angela – (Narradora) Rodolfo despediu-se de sua Mãe e do Rei pra correr mundo, cantando e tocando para viver do seu jeito. Ele já ia pondo o pé na estrada quando...

Karina – (*Princesa humilde*) Posso ir com você?

Luian – (*Rodolfo surpreso*) Mas você é uma Princesa.

Karina – (Princesa) Vida de princesa é muito sem graça.

Luian – (Rodolfo) Você é filha de rei e pode ter tudo que quiser.

Karina – (Princesa) Cansei de ter tudo que eu quero e de ficar presa nesse castelo. Posso correr mundo com você?

Luian – (Rodolfo) Você sabe tocar?

Karina – (Princesa) Você me ensina.

(*os dois saem cantando e tocando*)

EPÍLOGO

Também em alguns contos, depois do final feliz aparece um desfecho que sugere a presença do narrador como é o caso de *Couro de Piolho* e a *Moura Torta*:

“Casaram e foi uma festa de arromba. Eu lá estive e comi de tudo e trouxe uma compoteira de doce para vocês, mas na ladeira do Concilis dei uma queda e quebrei o nariz...”

“Entrou por uma perna de pinto e saiu por uma de pato, mandou dizer El Rei Meu Senhor que me contassem quatro...”

E a mais clássica de todas:

“Acabou a história, morreu a Vitória, entrou por uma porta, saiu por outra, quem quiser, meu senhor, que conte outra...” (Cascudo, C. 1986)

“A natureza fundamental da narração viva de contos é justamente essa qualidade especial de encontro entre as pessoas. Tenho vontade de defini-la como uma troca de significações “à moda da eternidade”. Uso a palavra eternidade para falar de um tipo de situação que nunca sai de moda, por assim dizer. Como, por exemplo a contemplação do fogo. Imagino que, desde sempre, toda vez que um ser humano se senta à beira de uma fogueira numa noite escura e para de pensar em circunstâncias exteriores, deixando-se entreter pelo vaivém das labaredas, alguma coisa acontece. Não é por acaso que o momento de contar histórias está ligado na nossa memória com a presença de um tipo de fogo. Antigamente a fogueira, o fogão a lenha, o lampião aceso na porta da casa, ou as velas, reuniam as pessoas em torno do aconchego da semiescuridão. Momento propício para o descanso depois do trabalho, para vaguear pelas sombras e mistérios da noite, à vontade, deixando as palavras soltas passeando à toa pelos causos, pelos assombros,

*pelas perguntas sem respostas, pelos fatos engraçados,
pelas dificuldades da vida. (Machado, R. 2012, p.34).*

A versão composta para a encenação propõe um desfecho de continuidade, abrindo espaço para outras releituras, inclusive do modelo tradicional de final feliz:

*E se algum dia
você ouvirem por aí
alguém cantando e tocando*

*Ela vestida de princesa
ele vestido de plebeu
numa praça, num teatro
numa rua ou num parque
parem para escutar
essa história às avessas
de como tudo aconteceu...*

*Não viveram felizes para sempre
porque para sempre
a gente nem sabe como é
viver feliz já é um bom sinal*

*E em algum lugar
eles continuam cantando
tocando, contando, cantando,
tocando... contando...*

*Era uma vez uma princesa
e um plebeu que não quiseram casar
e resolveram correr mundo
pra sua história contar...*

(música final)

*Era uma vez um homem
que ouviu muitas histórias*

*histórias de reis, de princesas
e de plebeus...*

(Atores narrando)

Luian – (Narrador) Esse colecionador de histórias...

Karina – (Narradora) Chamava-se Luís da Câmara Cascudo

Angela – (Narradora) E era uma vez ... um Homem!

E finalizando o capítulo tomo emprestado frase do mestre Luís da Câmara Cascudo e insiro foto do elenco do espetáculo que participou do projeto de montagem e encenação:

“E como encontraram

Tal qual encontrei

Assim me contaram

Assim vos contei...”

(Cascudo, C. 1986)

Boneco de Câmara Cascudo – Valnivece Vieira Bolla

Câmara Cascudo - Acervo Ludovicus - Instituto Câmara Cascudo - uís da Câmara Cascudo, no início da década de 1970, na biblioteca de sua casa em Natal (RN)

CAPÍTULO III

COMPANHIA DO TRABALHO ALEGRE – UM EXPERIMENTO DE APRENDIZAGEM

Procedimentos Metodológicos

Nesse capítulo, volto meu olhar para um período de atuação junto ao grupo de estudo e pesquisa *Cia do Trabalho Alegre*, coordenado pela professora Ingrid Koudela, na Escola de Comunicação e Artes (ECA), em 2006, com alunos pesquisadores, tendo como enfoque a peça didática de Bertolt Brecht e os modelos de ação que foram exercitados com jogos teatrais, observando os seguintes procedimentos metodológicos:

“Ao encarar o texto como pré-texto, Brecht convida o jogador a um exercício de identificação e questionamento do texto. O texto perde o estatuto de verdade, não importando a fidelidade a ele. O texto da peça didática pode inclusive estar impresso, grafado, projetado na cena, valorizando-se a sua materialidade, tanto sonora como visual. O texto não mais limita a cena, mas delimita a superfície do mergulho no processo de sua apropriação. O texto é um objeto estético, estilístico, que sugere um universo de referências.”

“O conceito de modelo é neste sentido o texto como objeto de imitação crítica pelo atuante da peça didática. A estrutura dramática possibilita aos jogadores alterar o texto e inserir conteúdo próprio.”

“No jogo com o modelo de ação brechtiano, o autor/ator do processo de conhecimento é o atuante, que constrói os significantes através de gestos e atitudes experimentados no jogo teatral.”

“Objetivo principal do jogo com o modelo de ação não é levar o atuante a se confrontar com um conteúdo específico, mas sim ensinar/aprender o jogo dialético do

raciocínio, como participante de um processo de conhecimento sensório-corporal.”

“Brecht pretende induzir um processo de aprendizagem em que a relação entre indivíduo e coletivo seja submetida a exame.”

“Característica do modelo estético é sua reprodutibilidade, através da recepção ativa. É importante ressaltar ainda que ao imitar, o atuante imprime ao modelo características particulares, ampliando as possibilidades de leitura.”

“Através de outros materiais (imagens, intertextualidade) trazidos pelos atuantes através de um processo colaborativo, o modelo é transformado, ganha corpo e aproxima-se do universo e/ou cotidiano do grupo.”

“Esse jogo dialético se configura na medida em que o autor/ator ou ator/compositor, ou intérprete/criador passa a ser sujeito ativo e autônomo na proposição da criação teatral.”

“Toda transposição de um modelo textual e/ou imagético para o palco baseia-se na interpretação do encenador e do coletivo de todos os colaboradores artísticos. A análise do texto e/ou imagem escolhidos ou a pesquisa temática levam a uma concepção de encenação que necessita ser desenhada e traduzida cenicamente com o auxílio de signos e cenas teatrais.”

“A abertura do texto dramático ou imagem para o experimento cênico se orienta a partir da tematização do original. A tematização é aqui entendida como uma série de construções de sentido contraditórias que dialogam e que podem coexistir de forma que uma multiplicidade de sentidos potenciais possa ser instalada, articulando espaços de significação. O texto cênico nasce então, gerado pelo atrito entre dicção e oratória do texto ou da imagem original, penetrando e atualizando os discursos por eles produzidos.” (Koudela, I. D. Recortes teóricos in Texto e Jogo, 1996)

REFERÊNCIAS E PROPOSTA DE ESTUDO

Essa proposta de estudo foi estruturada, tomando como referências os seguintes recortes: *Sangue na Sapatilha*, de Heiner Müller para Pina Bausch, *Sobre um Desenho Japonês que Representa um Teatro de Bonecos onde Crianças se Apresentam diante de Crianças* de Bertolt Brecht, *Woyzeck* e *Leonce e Lena* de Georg Büchner, *Se os Tubarões Fossem Homens* de Bertolt Brecht, *Peixes Grandes Comem Peixes Pequenos* de William Shakespeare, *Cantigas de Roda*, *Brinquedos* e *Brincadeiras Infantis* da Cultura Popular Brasileira e dos protocolos dos encontros.

A proposta de trabalho da Cia do Trabalho Alegre, era fomentar um grupo de pesquisadores de várias áreas, para trabalhar com os fundamentos da peça didática e dos jogos teatrais fora dos muros da Universidade. O processo de envolvimento coletivo deveria ser o fator decisivo para que o grupo se fortalecesse e levasse essa proposta para outros espaços, agregando pessoas interessadas em ser parceiras para entrar na alegria do jogo que a companhia propunha. Espaços alternativos, escolas de teatro, escolas públicas e particulares eram o foco do grupo para mostrar o fazer teatral não convencional, utilizando o jogo teatral e o modelo de ação como instrumentos de inclusão e participação grupal, característicos da Pedagogia do Teatro.

O processo de atuação acontecia em vários espaços: dentro da sala de aula da ECA, no descampado ao lado da Teatro Laboratório, em meio a pedras e vegetação rasteira que permitiam uma brincadeira de esconde-esconde, com espaço de livre expressão e descontração, voltado ao jogo infantil, às cantigas e às brincadeiras de rua. Nesse momento estava instaurado um *onde* ideal para acontecer a *performance* do grupo. Em outro momento, o grupo se deslocava para o espaço cênico do Paco, um dos participantes do grupo e a ação dos atuantes mantinha a mesma intensidade e prontidão.

Nesse clima de atuação coletiva, o Grupo Cia do Trabalho Alegre, vivenciou uma experiência significativa com a pesquisa e o trabalho coletivo, para cada um dos seus membros. Os encontros semanais desse processo em fragmentos de modelos de ação, estão registrados nesse capítulo.

CONSTRUÇÃO DE MUITAS CIRANDAS EM FRAGMENTOS

Exercícios de atuação em coros caminhando por espaços nem sempre conhecidos. Construir e desconstruir como pensamento dialético. Movimentos e imagens que explodem dos textos não sufocados pelas intenções e gestos. Atores se movimentando pelo palco e não dominando mais a palavra, mas a pulsação viva e desafiadora implícita no modelo de ação. A palavra mal dita ou bem dita, reverbera em falas dissonantes e ecoam para além do espaço.

Fragmento I

“Ao contrário da obra dramática, uma obra épica se deixa recortar, como por uma tesoura, em partes capazes de continuar uma vida própria.” Bertolt Brecht

SANGUE NA SAPATILHA PARA PINA BAUSCH

Poema de Heiner Müller

*“De criança, brincávamos de esconde-esconde.
Ainda se lembra de nossos jogos?
Todos se escondem, um espera
O rosto contra uma árvore ou parede
As mãos sobre os olhos, até que o último
Encontre seu lugar, e quem for descoberto
Tem que correr do pegador.
Se chegar primeiro na árvore, está livre.
Senão fica parado no lugar
Como se bater a mão em uma árvore ou parede
O pregasse ao chão como pedra sepulcral
Ele não pode se mover até que o último
Seja encontrado. E às vezes, o último
Por estar bem escondido, não é encontrado.
Então todos esperam, petrificados*

Cada qual seu próprio monumento, pelo último.
 E às vezes acontece morrer um
 Seu esconderijo não é encontrado, não há
 Fome que o faça escapar de sua morte
 Aquela que o encontrou fora da fila
 Os mortos não têm mais fome.
 Então não há ressurreição. O pegador
 Revirou cada pedra quatro vezes.
 Agora só pode esperar, o rosto
 Contra a árvore ou parede
 As mãos sobre os olhos, até que o mundo
 Tenha passado por ele. Você percebeu seu andar.
 Ponha suas mãos sobre os olhos, até que o mundo
 Tenha passado por ele. Você percebeu seu andar.
 Ponha suas mãos sobre os olhos, irmão.
 Os outros, que o pegador pregou ao chão
 Ao bater a mão em uma árvore ou parede correram
 Depressa de seu esconderijo que não era bem seguro,
 Eles agora não têm mais sobre seus olhos as mãos,
 Não mais podem se mover
 E também os olhos não podem fechar
 De acordo com a regra do jogo.
 Como pedras no cemitério esperam eles
 Com os olhos abertos para o último olhar ...”
 (Heiner Müller⁴)

O poema foi exercitado, partindo de um recorte da cantiga de roda da cultura popular *Senhora Dona Sancha*:

(Os atores fazem uma roda, com um pegador de olhos vendados ao centro.)

(música)

Senhora dona Sancha
coberta de ouro e prata

⁴ Poema “Sangue na Sapatilha para Pina Bauch”, in Heiner Müller: O Espanto no Teatro, Ingrid Dormien Koudela, 2003, p. 59

*descubra seu rosto
queremos ver sua cara.*

*Que anjos são esses
que andam rodeando
de noite e de dia
Padre Nosso, Ave Maria.*

*Somos filhos de um conde
e netos de um visconde
seu rei mandou dizer
para todos se esconder.*

(Cantiga de roda)

(O grupo se divide em dois coros de jogadores e declama o poema. Em seguida os coros vão se agrupando aos poucos de mãos dadas e fecham a roda)

(música)

*Oi fecha a roda, tindo lê lê
oi fecha a roda, tindo lá lá
oi fecha a roda, tindo lê lê
oi tindo lê lê, ôi tindo lá lá*

*E acabou-se a história
morreu, a vitória
quem quiser que conte outra
fecha uma porta e abre outra ...*

(Cantiga de roda)

Fragmento II

*“As cenas são independentes e não se vinculam por uma relação de causa e consequência. Cada cena tem importância própria, tem começo, meio e fim, como várias peças dentro da peça.”
(Desgrandes, F. p.96)*

SOBRE UM DESENHO JAPONÊS QUE REPRESENTA UM TEATRO DE BONECOS ONDE CRIANÇAS SE APRESENTAM DIANTE DE CRIANÇAS

Poema de Bertolt Brecht

*“Ai!
Brincando em cima de mesas
Crianças mostram o que viram
Como o homem se comporta perante
O homem
Sendo lobo do homem*

*Ali,
Um deles se ajoelhou diante do outro*

*Quatro se esforçavam em mostrar o que viram
Apenas dois permaneceram
Os outros dois correram
Cheios de medo*

*Logo mais
Os infelizes jogadores
Terão perdido também o seu direito de cidadania.”⁵*

⁵ Texto de arquivo. Tradução Ingrid Dormien Koudela

(Um coro de atores/narradores abre uma dobradura de papel com recortes de crianças de mãos dadas. Cantam cantigas de ninar)

(música)

*Tutu Marambá
não venhas mais cá
que a mãe da criança
te manda matá...*

*Boi, boi, boi
boi da cara preta
pega esse menino
que tem medo de careta...*

(Cultura Popular)

(Os jogadores formam um semicírculo. Um narrador assume o centro da cena e declama o poema)

Fragmento III

O CONTO DA CRIANÇA POBRE

(Narrador junta-se ao coro. Formam uma ciranda e cantam canção tema do conto Chapeuzinho Vermelho dos Irmãos Grimm)

Coro 1

“Era uma vez uma menina que não tinha pai nem mãe. Era tão pobre que não tinha mais nem cama onde dormir. Nada mais tinha senão as roupas sobre o corpo e um pedacinho de pão que uma boa alma havia

lhe dado. Mas era boa e piedosa. E por estar tão abandonada por todo mundo, foi para a floresta confiando em Deus. Aí encontrou um pobre homem que disse: “Me dê alguma coisa para comer! Estou com tanta fome!” A menina lhe deu todo o seu pãozinho e falou: “Deus te abençoe”. Aí veio uma criança que chorava e disse: “Sinto frio na cabeça, me dê alguma coisa para cobri-la”. A menina tirou seu boné e o deu. E depois de ter andado mais ainda, veio uma criança que estava sem camisa e sentia frio. A menina deu-lhe a sua. E depois de mais um pouco uma outra pediu a sua saia e ela também deu. Finalmente chegou na floresta e já estava muito escuro. Veio mais uma criança e pediu a sua roupa de baixo e a menina pensou: “Já está escuro e ninguém vai me ver, posso dar também a minha roupa de baixo, e tirou toda a sua roupa. E quando não tinha mais nada, de repente caíram estrelas do céu que eram moedas brilhantes. Então, ela estava vestida com uma nova roupa de baixo que era do mais fino linho. A menina juntou as moedas e ficou rica para sempre...” (Irmãos Grim⁶)

Coro 1

*Pela estrada afora
eu vou bem sozinha
levar esses doces
para a vovozinha.
Ela mora longe
o caminho é deserto
e o lobo mau
caminha aqui por perto...*

Coro 2

*Eu sou o lobo mau
lobo mau
lobo mau
eu pego as criancinhas
pra fazer mingau.
Hoje estou contente*

⁶ As Moedas de Estrelas- in Büchner, Na Pena e na Cena. J. Guinsburg e Ingrid D. Koudela (Orgs), 2004 p.43

*vai haver festança
tenho um bom petisco
para encher a minha pança.*

(Cantiga popular)

(Os atores sentam-se de frente uns para os outros e combinam dois coros em um diálogo interpretativo com os fragmentos dos textos)

Coro 2

“Era uma vez uma criança pobre, que não tinha pai nem mãe... Tudo estava morto e não havia ninguém mais no mundo... E a criança andou e procurou noite e dia. Como não havia mais ninguém na Terra, quis ir para o céu... A lua tinha um olhar amável. Quando finalmente chegou na lua, viu que não passava de um pedaço de madeira podre. Então, a criança pobre, que não tinha pai nem mãe, foi para o sol. E quando chegou no sol, viu que era um girassol murcho. Então ela foi para as estrelas. E quando chegou nas estrelas, viu que eram mosquitos dourados que estavam espetados como vagalumes nos pinheiros. E quando quis voltar para a Terra, viu que a Terra era uma panela de cabeça pra baixo. A criança descobriu que estava só. Então... ela sentou e chorou. E até hoje está ali, sentada e completamente sozinha.” (Georg Büchner⁷)

O diálogo entre os dois textos, abriu espaço de reverberação para os conceitos de parábolas e cenas em contradição. De um lado uma característica usualmente encontrada nos contos dos Irmãos Grimm, sobre o final feliz no desfecho da história, uma visão também de altruísmo e desapego e conceito de bem e mal implícito no conceito do *é dando que se recebe*. Em contraposição, a contradição se estabelece com o texto de Büchner que propõe uma visão dura, impiedosa e cruel da realidade, sem saída e sem final feliz. Um fragmento de texto popular veio bem a calhar, *“se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.”*

⁷ A Menina e as Moedas - in Büchner, Na Pena e na Cena. J. Guinsburg e Ingrid D. Koudela (Orgs), 2004 p.45

Fragmento IV

A MENINA NA JANELA

Montagem de cena de *Woyzeck*, de Georg Büchner

(Coro entra marchando e cantando, cada um imitando o som de vários instrumentos)

(música)

Bundão, bundão, bundão (bumbo)

Caralhinho, caralhão (repique)

Quero cagar não posso (caixa)

O pai, a mãe, a tia, foram pro mato fazer porcaria (corneta)

Toma limonada pra cagá de madrugada (caixa)

Toma leite azedo pra cagá de manhã cedo (caixa)

Toma cerejinha pra caga de manhãzinha (caixa)

(Cantiga popular)

(Os atores dramatizam fragmentos de Büchner⁸)

“Mãe – *(ninando a boneca nos braços)* Ei, meu menino! Você está ouvindo? *(canta o ‘marcha soldado’ em boca que use ou tá-tá-tá-tá)* Acorde! Aí vêm eles!

(Um dos atores vem a frente como tocador de tambor/repique)

Vizinha – Que homem, parece uma árvore!

Mãe – Firme nos pés como um leão.

(Um dos soldados faz um cumprimento)

Vizinha – Ora, que olhos mais alegres, senhora vizinha. Não estamos acostumados a vê-la assim.

⁸ A Menina na Janela - in Büchner, Na Pena e na Cena. J. Guinsburg e Ingrid D. Koudela (Orgs), 2004 p.241

Mãe – Soldados são belos rapazes (*canta*)

*Marcha soldado
cabeça de papel
se não marchar direito
vai preso pro quartel...*

(Cantiga popular)

Vizinha – (*rindo*) Seus olhos ainda estão brilhando.

Mãe – E daí? Leve os seus à feira, talvez ainda brilhem o bastante para que possam ser trocados por dois botões.

Vizinha – O que você disse? Eu sou uma pessoa honesta, mas você não passa de uma vadia... (*sai*)

Mãe – (*com raiva*) Sua desgraçada! (*acalenta a boneca como se ela começasse a chorar*) Não chora, meu Menino. O que essa gente pensa? Ainda que você seja um pobre filho da puta, sua cara safada dá alegria à sua mãe. Sai! Sai!”

(Canta poema de Bertolt Brecht)

*“No pomar uma ameixeira
Tão pequenina que ninguém dá fé
Em volta dela, uma cerca
Que é para ninguém botar o pé.*

*Uma ameixeira que ninguém dá fé!
Nunca deu uma ameixinha!
Mas que é uma ameixeira isto é.
Pelas folhas a gente adivinha!⁹”*

(O coro interrompe, cantando)

*Você senhora viúva
diga com quem quer casar
se é conde da beira
ou com o senhor General*

⁹ In obras de arquivo – tradução de Ingrid Dormien Koudela

*Eu não quero esses homens
porque não pertencem a mim
eu sou uma pobre viúva
ninguém tem pena de mim ...*

(Cantiga Popular)

Fragmento V

CRIANÇAS E BUFÕES

Montagem de cenas de Leonce e Lena, de Georg Büchner

(O coro arma uma corrente de braços dados para brincar de Banana Podre, uma brincadeira infantil recolhida por Sílvia Romero. Aquele que rompe o jogo será a Banana Podre)

Coro – Banana Podre! Banana Podre! Banana Podre!

Criança – *(fora da brincadeira)* Também não brinco mais!

Coro – Cocô na calça! Cocô na calça! Cocô na calça!

(Uma das crianças traça um risco no chão)

Criança – O que é isso?

Coro – Um risco!

Criança – *(coloca uma mão fechada sobre a outra pra frente)* E isso?

Coro – É chouriço. Pra comer no dia do serviço!

Criança – O que é o que é?

*A mãe é verde
a filha encarnada
a mãe é mansa
a filha é danada...*

(verso popular)

Coro – É pimenta! Essa todo mundo sabe, seu bocó!

Criança – Eu ia por um caminho...

Coro – Caminho de Deus.

Criança – Encontrei uma casa.

Coro – Casa de Deus.

Criança – Encontrei uma árvore.

Coro – Árvore de Deus.

Criança – Encontrei uma vaca.

Coro – Vaca de Deus.

Criança – Tirei leite da vaca.

(Todos ficam quietos. A criança que tinha ficado fora da brincadeira, fala empolgada)

Criança – Tirei leite de Deus!!!

Coro – Herege! Pecadora! Bruxa!

Criança – Isso é pecado! Quando você morrer você vai arder no fogo do inferno.

(O coro sai de cena deixando a criança sozinha, marchando e cantando “Bundão, caralhinho, caralhão”, em seguida todos entram portando estandartes com imagens de crianças. Formam uma procissão, entoando uma ladainha e convidam a plateia para caminhar juntos)

(Os atores dramatizam fragmentos de Büchner¹⁰)

Mestre de cerimônias – Atenção, pessoal, no programa está escrito: *(lê)* Todos os súditos deverão se postar de livre e espontânea vontade ao longo da estrada. Bem vestidos, bem alimentados e mostrando alegria no rosto. Não nos façam passar vergonha! Mantenham a compostura! Não cocem as orelhas, não assoem o nariz quando passar o casal real. Mostrem a devida comoção para que não tenhamos que usar métodos mais drásticos. Reconheçam o bem que está sendo feito por vocês. Sintam o cheiro de assado que vem da cozinha. Ainda sabem a lição? Hein? Vi!

Camponeses – Vi!

Mestre de cerimônias – Vat! Vi!

Camponeses – Vat!

¹⁰ Leonce e Lena - in Büchner, Na Pena e na Cena. J. Guinsburg e Ingrid D. Koudela (Orgs), 2004 p. 220, 224, 225

Mestre de cerimônias – Vivat!

Camponeses – Vivat!

Mestre de cerimônias – Senhor Conselheiro, como pode ver, a inteligência está crescendo. Deve levar em consideração que é Latim!

Coro – Quero anunciar a essa alta e seleta sociedade que aqui chegaram dois autômatos mundialmente famosos e que talvez seja o terceiro, o mais estranho, se eu apenas soubesse quem sou. Aliás, coisa sobre a qual não devem se admirar, já que nem mesmo eu sei do que estou falando e nem mesmo sei que não sei, de forma que é bem provável que me deixem apenas falar por falar e na realidade não são mais do que apitos e assobios que dizem tudo isto (*com tom estridente*). Vejam, minhas senhoras e meus senhores, duas pessoas de ambos os sexos, um homenzinho e uma mulherzinha, um senhor e uma senhora. Nada mais do que arte e mecanismo, apenas papelão e engrenagens de relógio. Cada um tem, sob a unha do mindinho do pé direito, uma delicadíssima mola de rubi. Pressiona-se um pouquinho e o mecanismo funciona durante cinquenta anos. Essas personagens foram tão bem construídas que não saberíamos diferenciá-las de outros seres humanos se não soubéssemos que são apenas de papelão. Na verdade, poderíamos transformá-las em membros da sociedade humana. Eles são muito nobres, já que usam bem o vernáculo, têm bons hábitos, pois levantam ao bater do sino, almoçam quando o sino bate meio-dia e vão para a cama ao bater do sino. Eles também têm uma boa digestão, o que prova que têm a consciência tranquila. São muito decentes, pois a senhora não tem uma palavra para o conceito de braguilha e para o senhor é impossível subir uma escada atrás de uma senhora ou descê-la à sua frente. São pessoas cultas: a senhora canta todas as óperas da última temporada e o senhor usa abotoaduras. E agora prestem atenção, meus senhores e minhas senhoras, eles se encontram nesse momento em um estágio interessante: o mecanismo do amor começa a se manifestar. O senhor já carregou algumas vezes o chalé da senhora e a senhora já revirou algumas vezes os olhos e os ergueu para o céu. Ambos já sussurraram alguma vez as palavras fé, amor, esperança. Já parecem estar inteiramente de acordo, falta apenas uma palavrinha: amém!

Bufão – (*encostando o dedo no nariz*) A imagem? A imagem? Presidente, se mandarmos enforcar a imagem de alguém, não é ao mesmo que enforcá-lo de verdade?

Mestre de cerimônias – Já sei, já sei! Vamos celebrar o casamento com imagens. (*apontando para Leonce e Lena*) Esta é a princesa, este é o príncipe. Cumprirei a decisão! Vamos ficar alegres! Toquem os sinos! Preparem as felicitações! Rápido, senhor Pregador da Corte! (*O Pregador da Corte vem para a frente, pigarreia, olha algumas vezes para o céu*). Pare de fazer essas suas malditas caretas e comece! Coragem!

Pregador da corte – (*todo atrapalhado*) Quando nós, ou melhor, mas...

Bufão – Porquanto e todavia...

Pregador da corte – Porque...

Coro – Era antes da criação do mundo...

Pregador da corte – Quando...

Coro – Deus se entediava! Seja breve, meu caro!

Pregador da corte – (*recompondo-se*) Vossa Alteza, Príncipe do Reino Popó, aceitais casar com Vossa Alteza, Princesa do Reino Pipi? Vossas Altezas dignam-se mutuamente conjuntamente juntos a querer-vos uns aos outros? Então pronunciai um alto e sonoro SIM!

Os dois – Sim!

Pregador da corte – Então digo AMÉM!

Coro – Muito bem, curto e grosso! E dessa forma foram criados o homenzinho e a mulherzinha e todos os animais do paraíso em torno deles.

Mestre de cerimônias – Vi!

Camponeses – Vi!

Mestre de cerimônias – Vat!

Camponeses – Vat!

Mestre de cerimônias – Vivat!

Camponeses – Vivat!

Fragmento VI

*“Bispo, eu sei voar
Disse ao bispo o alfaiate.
Olhe como eu faço, veja!
E com um par de coisas
Que bem pareciam asas
Subiu ao grande telhado da igreja.*

*O bispo não ligou.
Isso é um disparate
Voar é para os pássaros
O homem nunca voou*

Disse o bispo ao alfaiate.

O alfaiate faleceu

Disseram ao bispo as pessoas.

Era tudo uma farsa.

Sua asa partiu

E ele se destruí

Sobre o duro chão da praça.

Façam tocar os sinos

Aquilo foi invenção

Voar só para os pássaros

Disse o bispo aos meninos

Os homens nunca voarão.”

Bertolt Brecht¹¹

O MENINO E O BISPO

Adaptação de poema *O Alfaiate de Ulm*, de Bertolt Brecht a cantiga de roda *Fui no Itororó*.

(Coro canta e dramatiza)

Coro 1

O Menino disse ao Bispo
que sabia voar
do alto da torre
ele podia pular...

Coro 2

O Bispo respondeu

¹¹¹¹ O Alfaiate de Ulm, de Bertolt Brecht, in <http://marcoplacido.blogspot.com.br/>

que deixasse de tolice
menino não tem asa
não nasceu para voar...

Bispo

Ô Menino, eu digo
ô Menino, eu digo
gente não tem asa
nem pode voar...

Menino

Ô seu Bispo, eu posso
e vou te mostrar
com um par de asas
eu posso voar...

Coro 1

Juntou gente na praça
para ouvir a discussão
o Menino lá no alto
e o Bispo aqui no chão...

Bispo

Ô Menino, eu digo
ô Menino, eu digo
gente não tem asa
não pode voar...

Menino

Ô seu Bispo, eu posso
e vou te mostrar
com um par de asas
eu posso voar...

Narrador – Todo mundo ficou mudo, quando o Menino pulou. Foi um salto no escuro, um voo em queda livre sem rede de proteção, mas a asa não aguentou e o Menino se espatifou na praça... O Bispo mandou tocar os sinos e falou com voz de pregador: “Eu bem que avisei! Foi tudo teatro! Só os anjos podem voar”.

(O Coro entoa uma ladainha de procissão)

*Os anjos, todos os anjos
Louvam a Deus
Para sempre
Amém...*

(Canção popular)

Fragmento VII

SE OS TUBARÕES FOSSEM HOMENS

Poema de Bertolt Brecht

“Se os tubarões fossem homens seriam mais gentis com os peixes pequenos? Se os tubarões fossem homens fariam construir resistentes caixas no mar para os peixes pequenos e se um peixinho ferisse a barbatana, imediatamente lhe fariam uma atadura. Para que os peixinhos não ficassem tristonhos, dariam cá e lá uma festa aquática. Cada peixinho que na guerra matasse peixinhos inimigos, de outra língua, seria condecorado com a Ordem das Algas e receberia o título de herói. Se os tubarões fossem homens haveria arte entre os peixinhos. Belos quadros com dentes de tubarões bem vistosas cores. Os teatros do fundo do mar mostrariam peixinhos nadando e entusiasmados para as goelas dos tubarões. Se os tubarões fossem homens também haveria

uma religião entre os peixinhos. Ela ensinaria que só na barriga dos tubarões começa a verdadeira vida. Se os tubarões fossem homens também acabaria a igualdade que hoje existe entre os peixinhos. Alguns deles obteriam cargos e ocupariam postos acima dos outros. Os que fossem um pouquinho maiores poderiam comer os menores. Só então haveria civilização no mar. Se os tubarões fossem homens.”¹²

DESCRIÇÃO DOS PROTOCOLOS

(Dos encontros da Cia do Trabalho Alegre, acerca deste texto de Brecht)

O exercício com essa releitura de Brecht foi usado como modelo de ação, com os atores movimentando-se pelo espaço, realizando diálogo um com o outro. Os coros girando em movimentos espontâneos, circulares, em espirais e em gestos que explodem com sonoridade, música improvisada e partitura entre os jogadores. Espanto e perplexidade! O fantasma de Brecht volta a rondar. Dessa vez rindo às gargalhadas com milhares de peixes em águas rasas e profundas, fazendo cócegas no seu corpo e profanando sua sepultura. Peixes grandes e peixes pequenos, inquietos, desamparados, frágeis, tentando sobreviver às redes e armadilhas. Segundo Brecht, “*Estranhar é historicizar.*”

Os protocolos listados a seguir, escritos por mim, foram usados como texto (ou pré-textos) em exercício teatral com atores amadores.

- Exercícios em coros caminhando por estradas nem sempre conhecidas. Construir e desconstruir como pensamento dialético. Os movimentos e imagens que explodem do texto e não são sufocadas pela intenções e gestos. Os atores se movimentam pelo palco e não dominam mais a

¹² Recorte narrativo de Ingrid Dormien Koudela, a partir do poema “Se os Tubarões fossem Homens” de Bertolt Brecht (tradução da autora). Texto utilizado como *Modelo de Ação* para jogo teatral.

palavra, mas a pulsação viva e desafiadora implícita no modelo de ação. A palavra mal dita ou bem dita, reverbera em falas dissonantes e ecoam para além do espaço.

- Os alter-egos de Brecht aparecem há todo instante. Agora a personagem *Sr. Keunner* propõe aos atores amadores do seu teatro encenarem o seguinte enunciado: “*Se os tubarões fossem homens, eles seriam mais gentis com os peixes pequenos?*” E eles cumpriram a tarefa. O *Sr. K.* ficou intrigado quando para fugir das goelas dos tubarões, todos os peixes pequenos cometeram... suicídio! Os tubarões ficaram atônitos e desorientados. Um novo coro propõe uma outra resposta: e se os peixinhos se unissem e enfrentasse os tubarões? Então o *Sr.K* perguntou: e se alguns peixinhos que por algum motivo sobrevivessem ao suicídio coletivo, virassem tubarões, haveria civilização no fundo do mar?
- E de pergunta em pergunta estabeleceu-se uma nova regra entre o grupo: de se pensar sempre a partir de uma nova pergunta. E então todos os atores amadores acharam que as perguntas são sempre mais interessantes que as respostas.
- A sobrinha do *Sr. K.* ouviu atentamente a história dos tubarões até o fim. Ficou em silêncio por alguns instantes, depois contou a seguinte história: – “Era uma vez um cardume de peixinhos que estudava na escola do Sr. Leão Marinho. O Sr. Leão Marinho ensinava os peixinhos como escapar dos tubarões. Repitam comigo, dizia ele: – Todos juntos, batendo as nadadeiras compassadamente, em movimentos ritmados. Muito bem! Agora, cantando a música de distrair tubarões: Dorme neném, que a cuca vem pegar... mamãe foi na venda, papai foi trabalhar. Isso! Muito bem! Vocês aprendem rapidinho. Agora, lentamente, alongando o corpo, aquecendo as barbatanas, respirando devagar, abrindo as guelras e finalmente, sem heroísmo nem sacrifício desnecessário para nenhum peixinho do cardume, todos bem juntinhos nadando até ficar há poucos centímetros das costas do tubarão. Assim, o tubarão não vai poder enxergar o cardume e todos vão conseguir

sobreviver às goelas do tubarão. Vamos lá. Preparados?” Moral da história: Será que os peixinhos aprenderam a lição ensinada pelo Sr. Leão Marinho, que aprendeu com seu pai, seu avô e seus antepassados, que só nas costas dos tubarões é que existe salvação?

Fragmento VIII

MONTAGEM A PARTIR DE JOGOS INFANTIS

Exercício para uma cena de entreato

(Não tem mais brincadeira de roda, só o olhar fixo dos jogadores sobre a platéia. As palmas são inúteis, diante da expressão de incômodo e perplexidade. Um breve movimento, um gesto de impaciência, a sutil presença da ação, pode ser leve sussurro de esperança)

*“Hoje em dia não tem mais brincos infantis
não tem mais cantiga de roda...
nossos jogos estão esquecidos
no armário da memória
esperando que a eternidade
os sepulsem de uma vez por todas...*

*Ou talvez quem sabe
um breve suspiro de saudade
quebre a gaveta do passado
para despertar a criança
que fomos um dia
cantando versos mesmo que desafinado
brincando ciranda ainda que desengonçado
apertando as mãos sem parecer desconfiado...*

Inventando canções de bem querer

*com jogos de esconde-esconde
 num breve sussurro no ouvido
 um olhar de inocência
 um beijo sem atrevimento
 compartilhado e dividido
 entre muitos jogadores
 que acordem o afeto esquecido
 e a infância adormecida...*

Fragmento IX

*“Na Polônia, no ano de trinta e nove
 Houve uma luta cruel
 Que transformou cidades em cinzas
 Em cor de chumbo o azul do céu.*

*A mulher perdeu o marido
 A irmã despediu-se do irmão
 Os pais deram falta dos filhos
 Em meio ao fogo e a destruição.*

*Da Polônia nada veio
 Nem carta nem relatório
 Mas nos países vizinhos
 Corre uma estranha história.*

*A neve caía quando contaram
 Numa cidade do leste europeu
 Sobre uma cruzada de crianças
 Que na Polônia aconteceu.*

*Por lá vagavam meninos
 Famintos pelas calçadas
 E a elas juntavam-se outros
 Vindos de aldeias arrasadas.*

*Queriam escapar a chacina
A todo aquele pesadelo
E alcançar um dia um lugar
Onde a vida não fosse um flagelo...”*

(Brecht, B. A Cruzada das Crianças. 1990, p. 280)

A CIRANDA DAS CRIANÇAS

Intertextualidade com poema de Brecht

Por fim, concluo o experimento sobre o estudo de modelos de ação de Bertolt Brecht, exercitados com a Cia do Trabalho Alegre, compondo o texto a seguir:

Coro 1

No meu país, em um ano qualquer,
começou uma guerra que durou muitos anos.
o céu escureceu rapidamente
e o vento soprou fagulhas de morte e destruição.

Conta-se que os homens viraram feras
e expulsaram os bichos de suas tocas
para tomar-lhes o abrigo.

Coro 2

Um período de trevas caiu sobre o meu país,
instaurando o medo e a desconfiança.
De muitos lugares,
surgiram multidões de famintos

homens e mulheres em procissão
para saquear casas e edifícios...

Coro 1

De todos os cantos, uma estranha ciranda
veio rondar as grandes cidades
devastadas pela barbárie e o terror...
Uma ciranda de crianças
reféns do medo e do desespero
fugindo do pipocar de tiros
dos morros, das vielas e das ruas.
Tinham estampado no olhar
a marca da apatia e da resignação.

Coro 2

A estranha ciranda caminhava de mãos dadas
guiada pela lembrança dos bons tempos
dos brincos infantis, em hora de recreio...

Coro 1

Neste país, ainda hoje
conta-se a história
de uma estranha ciranda de crianças
que perambula nos becos
ruas, mercados e avenidas
guiadas por um cachorro magro
e eternamente faminto...

Coro 2

Neste país, ainda hoje
conta-se a história
de uma estranha ciranda de crianças

que se perdeu para sempre
no esconde-esconde
que a barbárie inventou...

A referência a este trabalho é fundamental pois foi, a partir dele, que nasceu o projeto de pesquisa *Ciranda das Crianças*, contextualizando forma e conteúdo como objeto de investigação, nesta Dissertação de Mestrado.

CAPÍTULO IV

A HISTORICIZAÇÃO DA CRUZADA DAS CRIANÇAS

Durante o processo de trabalho com o grupo de pesquisa Cia o Trabalho Alegre, ao investigar referências vinculadas ao poema *Cruzada das Crianças* de Brecht (1939), constatei a existência prévia de obra homônima sobre o mito da *Cruzada das Crianças*, escrita por Marcel Schwob (1867/1905), em que o escritor descreve de forma épica o percurso realizado, supostamente em 1212, por milhares de crianças.

O francês Marcel Schwob, poeta, paleógrafo, ator e estudioso da literatura grega, latina e anglo saxônica, escreveu um relato assustador e impiedoso sobre crianças que partiram da França e da Alemanha para resgatar o santo sepulcro do domínio dos muçulmanos em Jerusalém. Para compreender o relato de Schwob, foi necessário contextualizá-lo na época histórica desses acontecimentos. Em completo declínio e absoluto descrédito, as cruzadas chegaram ao fim, mas uma tentativa de revivê-las com uma cruzada de crianças, inocentes e ingênuas, teria reacendido a fé e o delírio coletivo das massas.

Nesse contexto histórico e mítico; reis, família e clero parecem não ter feito esforços para impedir a loucura dessa nova cruzada que, supostamente, pretendia pôr-se em marcha, atravessar o Mar Vermelho e salvar a Terra Santa das mãos dos infiéis. Todos tornaram-se cúmplices e patrocinadores dessa insanidade e as consequências foram inevitáveis, o mar não se abriu e centenas delas morreram afogadas, outras foram abandonadas na praia, vendidas como escravas, seviciadas, abusadas e abandonadas à própria sorte.

“No meu país, conta-se ainda hoje, a história de uma estranha ciranda de crianças que se perdeu para sempre na brincadeira de esconde-esconde que a barbárie inventou. Se a ciranda das crianças existiu ninguém pôde provar. Os ecos do passado não são nada mais do que o desejo dos homens de se verem perpetuados ...” (Breve recorte do texto Ciranda das Crianças, 2016)

A LITERATURA EM FRAGMENTOS DE MARCEL SCHWOB

Entre os anos de 1095 e 1291, homens, mulheres e crianças, cavaleiros, religiosos ou simples cidadãos, acreditavam que, por meio de cruzadas promovidas pelos reis e pela igreja católica, conseguiriam a purificação, além de serem perdoados pelos atos cometidos em sua vida terrena.

Com uma cruz estampada em seus mantos, os cruzados percorreram longas distâncias para combater os mulçumanos ‘infiéis’ e libertarem a Terra Santa de seus domínios. Seus ideais, sacrifícios e suas vontades eram vistos por todos como um ato de bravura e fidelização à Igreja Católica. Libertar Jerusalém era ver-se livre de seus pecados e ganhar a vida eterna.

Os reis, papas e cristãos viram nessas cruzadas possibilidades políticas e mercadológicas, apropriando-se da ignorância do povo para conquistas pessoais. Líderes católicos tornaram-se mentores de grandes peregrinações, desenvolvendo espetáculos religiosos para seduzir e cegar ainda mais os crentes e fiéis, encaminhando-os para o embrutecimento e a destruição. Todo esse fanatismo e obsessão, aliados a sede de poder e riqueza motivaram as mais cruéis e sangrentas guerras da história da cristandade.

Os cruzados, em suas inúmeras batalhas, não contavam com a força e o poder dos seus inimigos dominadores. Em trágicas e sucessivas investidas, perdas de território de ambos os lados, milhares de inocentes foram mortos, vendidos como escravos e abandonados à própria sorte, durante o longo e bárbaro caminho das trevas em que duraram as cruzadas.

De acordo com Schwob, nesse período há relatos sobre uma cruzada de crianças que mudou a história dessas peregrinações, com cerca de milhares delas vindas de vários países, dogmatizadas pela fé cristã, ouvindo a palavra de Deus, proferida pela Igreja Católica. A Cruzada das Crianças se pôs em movimento nesta aventura insana e, sem comida e nenhuma proteção, vagou sem rumo em busca do Mar Vermelho, acreditando que ele se abriria para que elas o atravessassem.

CRONOLOGIA SOBRE A CRUZADA DAS CRIANÇAS

“Em suas páginas solenes, a História nos informa que os cruzados não passavam de homens ignorantes e selvagens, que o que os movia era a intolerância absoluta e que seus caminhos eram feitos de sangue e lágrimas (...) por outro lado, ressalta a devoção e heroísmo dos cruzados, retratando em seus tons mais brilhantes e apaixonados sua virtude e magnanimidade, a honra indestrutível que eles conquistaram para si e os grandes serviços que prestaram à Cristandade. Mas qual foi o resultado de todas essas lutas? A Europa gastou milhões de seus tesouros e o sangue de dois milhões de seus homens; e uma porção de cavaleiros brigões manteve a posse da Palestina por cerca de cem anos! Diz a lenda que A Cruzada das Crianças começou em 1213, quando dois monges tiveram a ideia de formar exércitos de crianças na

Alemanha e na França e vendê-los para o Norte da África como escravas. Trinta mil crianças se apresentaram voluntariamente, achando que iriam para a Palestina. Eram, sem dúvida, crianças à toa e abandonadas que normalmente abundavam nas grandes cidades, criadas no vício e na criminalidade e prontas para tudo. O Papa Inocêncio Terceiro também pensou que eles iriam para a Palestina, e ficou empolgado com a ideia. A maioria das crianças embarcou em Marselha, e cerca da metade delas afogou-se em naufrágios. A outra metade chegou ao Norte da África, onde foi vendida.” (Mackay, Charles – in Vonnegut, K. 1965)

Em 1896, Marcel Schwob – 55 anos depois de Mackay retoma o diálogo com *A Cruzada das Crianças* para construir sua interpretação sobre o mesmo fato. Schwob provoca o leitor para mergulhar em oito pontos-de-vista diferentes sobre o mito, escreve uma obra literária caracterizada pela ruptura com as fronteiras tradicionais entre os gêneros, entrelaçando crônica histórica e ficção, conto e poema em prosa, mesclado de aforismos. Sua poética desponta como uma inovação radical na literatura do fim do século XIX e revela uma escrita que vai se desenvolver plenamente ao longo do século seguinte.

Em 1898, Brecht nasce na Alemanha. Publica *Poemas e Canções* por volta de 1939 entre eles *Cruzada das Crianças*, dialogando com o mesmo tema, dessa vez tendo como pano de fundo, a Polônia e a história de uma cruzada de 55 crianças, fugindo dos horrores da Segunda Guerra Mundial.

A intertextualidade entre Schwob e Brecht, que tratam do mesmo mito, em diferentes momentos históricos, remete-me aos ecos do passado, voltando ao mesmo tempo para uma reflexão sobre a realidade das crianças no século XXI. Como proposta de identificar novas formas de manifestação social e elaboração simbólica da questão da violência contra a criança no mundo contemporâneo, procuro dar voz a esse tema através do ofício como dramaturgo.

OS ECOS DO PASSADO

Os ecos do passado, revisitados, remetem-me a histórica invisibilidade que a criança vem ocupando nos últimos séculos, sendo vítima da mais completa indiferença e da mais cruel das exposições.

Em sua obra *A Cruzada das Crianças*, Schwob volta-se para o tema da infância perdida situado na Idade Média para refletir sobre o abandono à própria sorte de pequenos órfãos e indigentes, em busca de uma terra prometida. Nessa longa caminhada, as crianças são seduzidas por um impulso de acreditar que podem atravessar o mar, fugir dos perigos mais ameaçadores e confiar nos homens mais inescrupulosos. No entanto, essa peregrinação insana e cruel não aparenta causar nenhum sofrimento para essas crianças. Elas não lamentam o

infortúnio da caminhada e não tem tempo para pensar na fadiga. Seguem em frente, obcecadas pela crença de chegar em algum lugar, movidas por uma fé cega e sobre humana.

MARCEL SCHWOB E A DIMENSÃO DE SUA OBRA.

Marcel Schwob nasceu em Chavelle (França), em 23 de agosto de 1867 e morreu em Paris, em 26 de fevereiro de 1905, de uma doença pulmonar. Em 1900, casou-se com a atriz Marguerite Moreno, em Londres. Descendente de uma família de rabinos e médicos, criou-se em ambiente de culto à literatura e erudição. Seu pai, George Schwob, frequentava os círculos literários parisienses e era dono de um jornal, *Le Phare de La Loire*. Seu tio Léo Cahun, era romancista, historiador, orientalista, versado na tradição judaica, tradutor de clássicos gregos e latinos, diretor da Biblioteca Mazarine, a mais antiga biblioteca francesa, formada a partir do acervo pessoal do Cardeal Mazarin (1602-1661).

Schwob viveu por algum tempo na companhia do tio que o orientou a traduzir, além de Luciano Samosata, Catulo, Apuleio, Petrônio, Longo,

Anacreonte. Estudou filologia em Paris e aprendeu sânscrito com Ferdinand de Saussure. Sua obra revela uma integração única do aprendizado erudito e do exercício criador. A invenção narrativa é sua marca. A primeira edição da *Introdução ao Método de Leonardo Da Vinci*, de Paul Valéry, traz uma dedicatória a Schwob. Alfred Jarry lhe dedicou o *Ubu Rei* e Jorge Luís Borges (1935) escreveu *A História Universal da Infâmia*, inspirado em sua obra literária.

Foi responsável pela introdução na França de nomes como Daniel Defoe, Oscar Wilde, Thomas de Quincey, Georges Mewredith e Robert-Louis Stevenson, além de Shakespeare. Revelou para a França Walt Whitman, Paul Claudel, o teatro de Ibsen e a escultura de Camille Claudel.

A década de 1880 consolida o erudito, o literato e o homem fascinado pelo submundo, os marginais e o insólito. Várias faces emergem desse mundo de leituras e descobertas. O estudo das línguas, antigas e modernas, apaixona-o: sânscrito, grego e latim, inglês e alemão. É fascinado pelo estudo das gírias, sobretudo o estudo do *argot medieval* (1889), gírias e expressões que, segundo ele, nada tem de espontâneo, e são ao contrário artificiais e codificadas. Schwob¹³ toda a sua obra de ficção em 5 anos (1891 e 1896), mas não é bem visto pelos seus contemporâneos, em virtude da sua nova visão estética. Suas obras completas em dez volumes foram editadas entre 1927 e 1930.

Em *A Cruzada das Crianças* Schwob volta-se para temas como a recriação da Idade Média, a erudição como meio de reescritura e o tema da infância, utilizando fatos supostamente reais para criar um longo poema em

¹³ O *LIVRO DE MONELLE*, obra mais conhecida, adaptada para o teatro, inspiração para artistas plásticos, músicos e desenhistas é publicado no verão de 1894 e é uma espécie de evangelho místico de tom niilista, povoado por meninas enigmáticas. Nele, Schwob sublima a dor da perda de Louise, sua “pequena Vise”, jovem operária que foi sua amante por quase três anos. Não é apenas conhecido por ser o mais simbolista dos livros de Schwob, mas por ser o exemplo mais claro de romance impressionista: nenhuma trama ou cenário, mas depurada evocação de um luto. *VIDAS IMAGINÁRIAS* inaugura um gênero de biografia, alheio à história. “Uma obra de arte que deve retratar o particular do indivíduo, a arte opõe-se às ideias gerais, descreve apenas o individual, deseja somente o que é único” (Schwob, 1896). Nas vinte e duas vidas retratadas, mescla realidade e imaginação, personagens ilustres dividem o espaço com anônimos. Personagens que conquistaram a fama através de ações infames (...). O que une os contos é o caráter vertiginoso de vidas em que personalidade e destino se confundem.

prosa, no qual as diversas vozes narrativas são o arauto de um estilo mais depurado e límpido.

A narrativa dessa aventura é utilizada como modelo inspirador, tomando como referência o personagem Goliardo, menestrel da Idade Média, com sua vida errante e boemia que compunha e declamava, em troca de pão e vinho barato, poemas satíricos, denunciando os abusos e a corrupção da igreja

OS GOLIARDOS, CRÍTICA E CONTEXTO SOCIAL

“Os séculos XI e XII foram marcados pelas consequências do renascimento urbano e um grande aumento demográfico. Uma massa populacional que não se enquadrava mais na antiga estrutura da Alta Idade Média, onde o trânsito de pessoas desocupadas era insignificante. A Alta Idade Média esforçava-se para situar cada um no seu lugar, na sua ocupação, na sua ordem, na sua condição.

Nesse contexto histórico e social, os goliardos formam nas escolas urbanas, aqueles grupos de estudantes pobres que vivem de expediente, tornam-se domésticos ou vivem de mendicância. Alguns, para ganhar a vida, tornam-se jograis ou bufões.

De acordo com Le Goff (2003) em Paris a voz dos goliardos é peculiar. De origem urbana, camponesa ou nobre, antes de tudo são errantes, representantes típicos de uma época em que o desenvolvimento demográfico, o despertar do comércio e a construção das cidades lançam nas estradas e reunidos em suas encruzilhadas, os deslocados, audaciosos e infelizes, que excluídos das estruturas estabelecida representam o maior escândalo para os espíritos tradicionais (p. 48).

Os goliardos, geralmente clérigos pobres, estudantes expulsos das universidades por rebeldia e insurgência contra os dogmas religiosos, optam por levar uma vida devassa, zombando da igreja e dos camponeses além e

fazerem uma crítica profunda às castas dominantes. Assim, os goliardos promoveram uma crítica implacável à sociedade de seu tempo, mas não se engajaram em qualquer movimento de transformação social. Orgulhosos de sua marginalidade e independência, eles se diferenciam de eventuais porta-vozes trovadorescos dos injustiçados sociais. A crítica social dos goliardos não é da mesma ordem da crítica moralizadora.” (Leclerc, G. 2003)

*Se um rapaz e uma donzela
ficassem juntos na mesma cela...
Ó casal abençoado!
O amor tempera
este feliz noivado,*

*o tédio se oblitera.
Brincam juntos num só gesto
de bocas, pernas e o rosto!*

(Carmina Burana, 1994: p. 202-3)

Na verdade, pode-se associar a componente sócio-crítica à componente dionisíaca dos goliardos e assim se percebe que não estavam interessados na moralização dos costumes. Eles pretendiam combater a hipocrisia de seu tempo, no qual alguns dos altos dignitários da igreja acobertavam sua devassidão sob o discurso moralizador da sacristia ou no qual alguns aristocratas recobriam sua mediocridade com o pomposo manto da nobreza. Em uma palavra, os goliardos eram arrancadores de máscaras, destruidores de ídolos que pretendiam restituir o mundo a sua verdadeira essência.

Os ecos da poesia satírica, crítica a igreja e ao clero dos goliardos, nos remete ao poeta luso-brasileiro, Gregório de Matos, (1642) o nosso Boca do Inferno. Os goliardos eram os *bocas do inferno* da igreja e do clero na Idade Média.

CARMINA BURANA – AS CANÇÕES DE BEUREN

Os poemas musicais escritos por volta do século XII na Baviera foram compostos por um grupo social conhecido como goliardos. Essas canções lidam com temas como, a natureza, o jogo, o vinho e o amor, além de críticas a hierarquia social e a igreja

*A primavera já ostenta”:
(...) O rouxinol melodioso
nos dá um recital,
o prado verde, bem cheiroso,
exibe um luxo floral;
aves, sem cessar, gorjeiam
formando um coro mirim,*

*virgens mil a todos fraqueiam
prazer e gozo sem-fim.*

(Carmina Burana, 1994, p.69)

Na introdução escrita sobre a obra *Carmina Burana*, Segismundo Spina revela que os goliardos eram conhecedores de autores como Virgílio, Ovídio, caracterizando-se como um grupo letrado e itinerante que cantava temas quase sempre mal vistos pelas autoridades da época:

*Eu sou o abade de Cocanha
e o meu capítulo são monges bebedores
e meu conselho é a confraria dos jogadores,
e quem me procurar na taberna
ao cantar do galo,
sairá de noite, liso e sem roupa,
e cantará , despido, o seguinte lamento
Socorro! Socorro!
Quanto azar, dados malditos,
estamos fritos,
pobres e aflitos.*

(Carmina Burana, 1994, p. 192)

O latim medieval da canção dos viajantes eruditos é penetrado pela antiga concepção de que a vida humana está submetida aos caprichos da roda da fortuna, e que a Natureza, o Amor, a Beleza, o Vinho e a Exuberância da vida estão à mercê da eterna lei da mutabilidade. O homem é visto sob uma luz dura, não sentimental, como um brinquedo de forças impenetráveis e misteriosas. Conforme Van Woensel (2001) os poemas e canções reunidos no *Carmina Burana*, também são característicos do modo de vida dos goliardos e revelam sua rebeldia e devassidão.

Em 1935, Carl Orff fez uma seleção dos mais de 300 textos escritos e escolheu 22 poemas do canto dos goliardos para construir sua cantata cênica, agrupando-os em assunto para construir um tipo de enredo. Num prólogo, que

também será o epílogo, o texto fala dos caprichos da roda da fortuna. A primeira parte fala do despertar da natureza e do amor na primavera, sendo que, na segunda parte, com um clima mais sombrio, ele fala de uma noite de excessos gastronômicos e alcoólicos numa taberna. A terceira parte, fala de um amor que se torna mais vulgar, mostrando que tudo pode ser modificado pelos caprichos do destino. Na realidade, os poemas utilizados por Carl Orff, remontam ao século XIII, e muitos foram também musicados na época.

DIÁLOGO INTERTEXTUAL COM MARCEL SCHWOB

Na Cruzada das Crianças, Schwob dá vida aos diferentes personagens, apresentando seu ponto de vista sobre o assunto, descrevendo os acontecimentos de forma individual e emocional, um acontecimento histórico que se rompe em pequenos fragmentos de personagens que presenciaram o caminhar dos pequenos peregrinos. Esse relato compõe-se de oito sequências narrativas que apresentam oito pontos de vista diferentes sobre o mesmo assunto.

Schwob praticamente confunde o leitor com suas narrativas, não deixando claro o que é “história real” e o que é “ficção”. Mas sua proposta vai além de ser um simples contador de histórias, pois não há linearidade em seus textos, o que os torna fragmentários, episódicos e fecha cada cena em si mesma. Com o primeiro personagem do relato da Cruzada das Crianças, Goliardo, o autor, de forma sutil, confunde o espectador, fazendo-o pensar se está observando realmente os fatos ou se está diante de invenções imagéticas.

Aquelas crianças todas me parecem sem nome. E é certo que Nosso Senhor Jesus tem preferências por elas. Ocupavam a estrada qual enxame de abelhas brancas. Não sei de onde vinham. Eram peregrinos bem pequenos. Traziam a cruz ao ombro; e aquelas cruces todas eram de cores diversas. (SCHWOB, M. Relato de Goliardo, 1987, p. 14)

Para manter intertextualidade com a escritura de Schwob, pretendo adotar o mesmo procedimento de construção de cenas independentes e separadas,

criando semelhança com a fragmentação original e mantendo as várias personagens dialogando sobre o tema. A ideia inicial de uma cruzada de crianças sugere uma andança infantil que toma forma como uma *ciranda às avessas*, onde crianças não brincam de roda, mas perambulam pelas ruas, cidades e vilas, à procura de algo que pode ser uma loja de brinquedos, um parque de diversões, um *shopping center* ou um outro lugar que provoque sedução e fascínio, como metáfora da terra prometida da nossa modernidade.

A CIRANDA DAS CRIANÇAS – CENAS EM CONSTRUÇÃO

CENA - GOLIARDO

(No fundo palco atores representam crianças de mãos dadas. Marcel, o líder, Nícolas, a criança que leva um cachorro, magro e sarnento, Alan, a criança cega, Álice, sua irmã mais velha, Sara, a criança coxa, Joana, a menina da boneca e outras crianças da cruzada. As crianças saem de cena. Ouvem-se risos e cantoria. A luz abre lentamente sobre o cenário de uma taberna medieval. Homens e mulheres bebem e conversam. Entre eles, o Goliardo, um trovador.)

Goliardo – No meu país, em um ano qualquer, começou uma guerra que durou muito tempo. O céu escureceu rapidamente e o vento soprou fagulhas de morte e destruição. Conta-se que os homens viraram feras e expulsaram os bichos de suas tocas para tomar-lhes o abrigo. Um período de trevas caiu sobre o meu país, instaurando o medo e o desespero. De muitos lugares, surgiram multidões de famintos, mutilados, indigentes e andarilhos, fugindo das aldeias e dos campos de batalha. E uma estranha ciranda de crianças, saiu dos buracos e dos becos e veio rondar as cidades. Reféns do pavor e do abandono, traziam, estampadas no olhar, a marca da apatia e da resignação. Uns se apoiando nos outros, caminhando lentamente, com olhar perdido e fixo no horizonte, tropeçando em corpos abandonados em cemitérios de heróis anônimos. As crianças caminhavam de mãos dadas, guiadas pela lembrança dos brincos infantis. Uma, levava um estandarte nas mãos, outra, puxava uma criança cega, outra, um cachorro de estimação. Todas tinham uma cruz pintada no peito. E de vila em vila, cidade em cidade, outras crianças vinham em bandos se juntar a estranha ciranda e, em pouco tempo, milhares de crianças marchavam à procura da cidade do centro da Terra. Uma cidade, além do mar com suas luzes, festas e comida farta. Elas acreditavam que o mar iria se abrir para que elas o atravessassem. Durante o dia, caminhavam pelas estradas e, de

noite, adormeciam sonhando com pão, leite e mel. Mas de manhã o céu continuava cinzento e sobre os campos queimados, respiravam novamente o cheiro amargo da guerra, que vinha destruindo o meu país. E novamente a ciranda das crianças, de mãos dadas, enveredava por becos e vilas, fugindo do pânico e da destruição, seguidas por um cachorro magro e eternamente faminto...

1º Homem – Ei, Goliardo! Já ouvimos demais. Deixa essa história das crianças e toma mais um gole.

2º Homem – Deixa elas irem pra onde quiserem. Serão menos bocas para alimentar nesses tempos de miséria.

Goliardo – *(volta para junto dos aldeões)* Será que Deus sabe dessa aventura insana? Eu não tenho certeza. Eu tenho compaixão por elas e, desde que as vi, rezo para que elas continuem sonhando com a cidade prometida. *(Apanha uma caneca de vinho. Bebe e cospe)* Esse vinho azedou!!! *(Risos)* Ei, Taberneira? Mais vinho! Encha o copo desse vinho barato, que minhas moedas ainda dão pra mais uma rodada.

3º Homem – *(bate com a caneca na mesa)* Chega de latinório. Cante alguma coisa. Queremos música pra dançar e beber.

(A taberna se agita, o GOLIARDO canta versos do Carmina Burana)

*“Sou bruma leve,
levada pelo furacão
neve dançando no vento,
pássaro errante no tempo.*

*Na terra e no mar
não me prendem âncoras nem celas...*

*Em primeiro lugar canto
a beleza das mulheres que me atinge o peito.
as que não posso tocar, possuo com o coração.*

*Em segundo lugar jogo e trapaceio
e ainda que o jogo deixa meu corpo nu
e sem abrigo,
meu espírito se aquece com o abraço da musa
é então que componho as melhores canções.*

*Na terra e no mar
não me prendem âncoras nem celas...*

*Em terceiro lugar quero morrer na taberna,
onde os vinhos estão próximos da boca do moribundo.*

*E por fim, completamente embriagado
espero o sono final vendo coros de anjos
cantando em euforia
– Deus, seja clemente com este bom trovador.”*

CENA

O CAMINHO DA CIDADE PROMETIDA

(As crianças da cruzada estão sentadas em um semicírculo em uma espécie de forte abandonado. Marcel divide uma sacola de pão. As crianças apanham o pão e comem.)

Marcel – Só tem esse pouco de pão para repartir. Foi o que ganhamos na última aldeia em que passamos. É bem pouco até chegar na cidade prometida, mas lá poderemos comer à vontade tudo o que a gente quiser. Dizem que lá o mel jorra das fontes e o pão nasce em árvores. Lá, tudo é branco, as casas, as roupas das pessoas e até o rosto das mulheres é coberto por um véu branco.

Alan – *(A criança cega apoia-se em uma outra criança)* Eu não sei o que é branco.

Álice – O branco é lindo, Alan. Ele está em toda parte, em todas as flores, nos animais, nas nuvens....

Alan – Lá eu vou poder enxergar?

Álice – Eu prometo!

Alan – Álice, conte de novo como é a cidade do centro da terra.

Álice – É uma cidade muito grande que fica depois do mar...

Alan – O que é o mar, Álice?

Álice – Dizem que o mar é um grande rio que não tem começo e não tem fim. O mar é maior do que a terra, nunca acaba e quando está cansado, ele vem descansar na areias brancas da praia.

Marcel – *(assustando)* Faz muito barulho, tem uma boca gigante que engole tudo, terra, gente, barcos e montanhas...

Alan – *(querendo chorar)* Álice, eu tenho medo do mar.

Álice – Sai daqui, seu malvado!

Marcel – *(sai dando risada)*

Álice – Não chore, Alan. O Marcel é um mentiroso. Não precisa ter medo. Quando a gente chegar no mar, ele vai se abrir e sobre o seu leito seco, um homem bom vai espalhar conchinhas brancas para indicar o caminho que temos que seguir até a cidade.

Alan – Alice, você promete não soltar a minha mão?

Álice – Eu juro. Eu prometi aos nossos pais. Agora coma e descanse que amanhã continuaremos caminhando.

Alan – Álice?

Álice – O que foi?

Alan – Eu também prometo que vou ter sempre os pés grudados no caminho e não vou te atrapalhar. Álice?

Álice – O que foi, Alan?

Alan – O Marcel disse que eu nunca vou poder enxergar.

Álice – O Marcel não sabe de nada. Não dê ouvidos a ele. Você vai enxergar as luzes da cidade quando for noite, porque na entrada da cidade terá milhares de lanternas coloridas pra receber a nossa cruzada. E nessa hora você vai enxergar tudo à sua volta. Você vai me ver e finalmente verá todas as cores que existem.

Denis – *(aproxima-se assombrando as crianças com voz grossa)* Durmam crianças! Amanhã, vamos continuar andando nas trevas, nos caminhos mais desertos e silenciosos, dormir nos buracos, nas cavernas. Fiquem sempre de mãos dadas, as vozes disseram para tomar cuidado com os labirintos e desconfiar de todos que quiserem nos desviar do nosso caminho.

(Ouve-se um barulho que somente Alan percebe)

Alan – Escutem!

Álice – O que foi?

Alan – Tem alguém espiando.

Denis – Durma, Alan. Não tem ninguém aqui além de nós.

Álice – Tem sim, se ele ouviu eu acredito.

(Novamente o mesmo barulho)

Alan – Ouviram ? Fiquem quietos.

Bel – Tem alguém aí?

(De trás de um muro, aparece o Goliardo, disfarçado de cavaleiro cruzado, roto e maltrapilho.)

Goliardo – Quem são vocês?

Alan – Nós somos os valentes soldados da cruzada das crianças. E você quem é?

Goliardo – Eu não sei quem sou. Não lembro o meu nome. Pra onde vocês estão indo?

Marcel – Pra a cidade prometida.

Goliardo – A cidade do centro da Terra.

Bel – Você sabe onde fica?

Goliardo – Sei. Ela é governada por um rei poderoso. Do seu palácio de marfim, esse rei poderoso faz guerra a todos os exércitos que tentam invadir a sua cidade.

Ana – Você o conhece?

Goliardo – Fui prisioneiro dele durante muitos anos. Eu tinha um exército de valentes cavaleiros cruzados, marchando contra a cidade proibida. Um exército brilhante, bem armado, e lutamos durante dias, meses, anos e mesmo assim não conseguimos vencer, até que tivemos que depor as armas.

Marcel – Somos muitos e vamos derrotar esse rei.

Álice – Nós somos fortes!

Alan – E temos coragem!

Álice – Vamos encontrar a cidade do centro da Terra.

Leo – O mar vai se abrir e nós vamos atravessar.

(O Goliardo canta uma canção, enquanto as crianças adormecem. Afasta-se, senta-se e cobre-se com um pano roto. Uma figura espectral aparece. Bate palmas e ironiza)

Espectro – Bela tentativa de salvá-las, Goliardo! Quanto desperdício de verbo! Pobrezinhos! Nunca chegarão à terra prometida. Foram abandonadas à própria sorte, vindo de países devastados pela fome, a peste e a guerra. Não é você que vai atrapalhar os meus planos. Deixe a história das cruzadas repousar nos murais das igrejas, nos túmulos dos cavaleiros esquecidos e nos livros de aventura. Agora é a minha vez de levá-las para brincar de uma ciranda menos estúpida.

Goliardo – Você nunca está satisfeito?

Espectro – Nunca!

Goliardo – Deixe as crianças em paz. Você já teve seu banquete.

Espectro – Não posso. Minha fome é insaciável, especialmente nesses tempos de guerra. Sou implacável e executo com perfeição o meu papel.

Goliardo – Eu te proponho uma troca. Deixe uma das crianças seguir seu caminho. Eu troco a minha vida por ela.

Espectro – Ó que alma generosa! Quanto desprendimento! Você não tem vocação para virar mártir, Goliardo. Mas eu aceito !

Goliardo – *(tira uma faca da cintura)* Pode me levar, eu estou à sua disposição.

Espectro – Não se apresse! Eu tenho meus próprios métodos. Não costumo facilitar as coisas. Eu decido quando será a hora.

(As crianças levantam-se, formam uma grande ciranda, dançando e cantando de mãos dadas com o Espectro. Projeção da cena final do “Sétimo Selo” de Bergman, das personagens dançando com a Morte.)

Ingmar Bergman, o Sétimo Selo, 1956

CENA

PRAGA DE CRIANÇAS E RATOS

(Uma reunião de conselho de moradores de uma aldeia invadida pela ciranda das crianças. O Alcaide, o Bispo, o Policial, o Juiz, alguns cidadãos ilustres. Entre os membros do conselho, o Velho.)

Policial – São centenas de crianças. Temos que expulsá-las imediatamente. É uma questão de manter a segurança e a ordem.

Alcaide – Não temos condições de alimentar todas. Tivemos um inverno rigoroso. A terra está pobre e nossos cofres estão vazios.

Juiz – Temos que arranjar uma saída.

Bispo – Muita calma, Senhores. Não podemos agir com precipitação.

1º Cidadão – Como não, Eminência? É uma cruzada de mendigos. Eles vieram de muito longe e falam línguas estranhas.

2º Cidadão – Em alguns pontos da cidade já começaram saques e depredações.

Bispo – Senhores, temos que ser pacientes. Essa cruzada de crianças é um perigo para a fé e os bons costumes. A cada dia aumenta mais o número de inocentes que se deixam seduzir pelos preceitos de uma falsa religião.

3º Cidadão – Paciência? Não estamos preparados para enfrentar o vandalismo desses indigentes.

Policial – Devemos expulsá-los imediatamente.

1º Cidadão – Estamos sendo covardes e frouxos. Onde está a nossa coragem?

Alcaide – Não se trata de coragem ou covardia. Essa cruzada de crianças não pretende voltar para suas aldeias enquanto não atravessar o mar e chegar à tal terra prometida.

2º Cidadão – Elas estão enfeitiçadas e possuídas pelo demônio. Não existe nenhuma terra prometida.

3º Cidadão – Elas são um péssimo exemplo para os nossos filhos.

1º Cidadão – Elas se reúnem à noite e fazem estranhos rituais de adoração à Satanás. Colhem flores, pintam suas roupas com sangue, fazem cruzeiros de madeira e rezam em uma língua profana.

1º Cidadão – Muitas têm os cabelos ruivos e o rosto cheio de sardas.

3º Cidadão – Vieram de outras terras, são estrangeiros e têm costumes bárbaros e hábitos pagãos.

Policial – Chega! Tudo isso já foi longe demais. Vamos colocá-las nos barcos.

Alcaide – Como? Elas se recusam entrar.

Juiz – Estão esperando o mar se abrir para atravessarem.

1º Cidadão – Senhores! Não podemos participar dessa brincadeira infantil. Temos responsabilidades, compromissos. Os marinheiros que contratamos estão no porto prontos para zarpar.

Policial – Vou dar a ordem para meus homens obrigarem elas a entrar nos barcos, nem que tenham que usar a força bruta. Vamos expulsar de uma vez essa praga da nossa cidade.

Bispo – Que fique registrado para a posteridade que a santa madre igreja não compactuou com a existência desse exército de inocentes.

(O Goliardo que estava escondido num canto, intervém)

Goliardo – É mentira! Os Papas Inocêncio e Gregório sabiam dessa empreitada.

Bispo – (*alterando-se*) Isso é um absurdo! Eles não editaram nenhuma bula papal sobre uma cruzada de crianças e, portanto, não podem ser responsabilizados.

Goliardo – Eles também não fizeram nada para impedir, lavaram as mãos.

Bispo – Herege! Blasfemo! Quem é você para julgar as mais altas santidades eclesiásticas? Apenas um Goliardo, devasso e beerrão...

Alcaide – Senhores! Senhores! Tenham calma. Essa cruzada não é responsabilidade de ninguém.

Goliardo – É sim. Todos nós temos uma dívida com elas. Não fomos capazes de protegê-las e deixamos que elas fossem abandonadas à própria sorte, buscando uma terra que não existe. Tiramos o pouco que elas tinham e empurramos elas para as estradas, os becos e os campos devastados. Nós cometemos um crime bárbaro e cruel e, agora para completar nossa infâmia, colocamos elas em barcos abarrotados e as enviamos para morrer no mar. Tudo isso para nos vermos livres dessa guerra que é nossa e não delas. E nas guerras, senhores, Deus esquece os homens, os animais e as crianças. Essas que estão aqui foram seduzidas pelo fanatismo religioso, outras pela perversidade de homens inescrupulosos que as usam como escravas e as prostituem.

Bispo – Chega, Goliardo! Nem mais uma palavra! Você não tem dignidade, nem moral para julgar os outros.

1º Cidadão – Tirem ele daqui. Façam alguma coisa.

2º Cidadão – Não deixem ele falar.

(Armam um círculo para impedi-lo de continuar)

Goliardo – O desastre de séculos de sangue e destruição não pode ficar impune em nome de uma falsa decência, bons costumes hipócritas e cegueira conveniente. Estamos assistindo à peregrinação de milhares de famintos, órfãos, mendigos e indigentes, jogados nas estradas, vítimas da peste e da barbárie mais sangrenta.

(O Goliardo debate-se, mas finalmente conseguem agarrá-lo)

2º Cidadão – Fora! Chega! Expulsem ele daqui!

3º Cidadão – Prendam esse perturbador da ordem pública!

1º Cidadão – Tirem ele daqui. Vamos ao que interessa!

Goliardo – Eu me retiro dessa farsa grotesca. Vou me embribeitar em todas as tabernas daqui até Marselha.

Policial – (*cochichando*) Então, senhor Alcaide, quer que mande prender no calabouço por desacato?

Alcaide – Deixa ele ir embora. É um vagabundo! Beberrão. Ninguém se importa com o que ele diz . E então, alguém tem uma solução para convencer as crianças a embarcar?

(O Velho aproxima-se)

Velho – Senhores, se me permitem, eu quero falar.

Alcaide – Silêncio, vamos escutar!

Juiz – Deixem o Velho falar.

(Fazem silêncio)

Velho – Na minha cidade em Hamelin, no ano de mil duzentos e doze, aconteceu uma história parecida como esta que estou vendo aqui. Em Hamelin, houve uma grande praga de ratos...

(Vários cidadãos se exaltam. Falam ao mesmo tempo)

1º Cidadão – Ratos???

2º Cidadão – Nós estamos falando de crianças faminta!

3º Cidadão – Indigentes ! Mendigos !

4º Cidadão – Bandido! Malfeitores !

Juiz – Ordem! Silêncio! Deixem ele falar.

Alcaide – Silêncio! Queremos ouvir o Velho.

(Fazem silêncio)

Juiz – Continue!

Velho – Em Hamelin, a peste tomou conta das ruas, invadiu as casas, matou centenas de pessoas. O povo enfurecido cercou os membros do conselho ilustre da cidade e obrigou-os a dar um jeito naquela praga ou todos seriam punidos e sofreriam as consequências. Com todo o respeito às autoridades dessa cidade, todos os membros do conselho da cidade de Hamelin eram tolos e estúpidos. O Alcaide, por exemplo, uma figura esquelética e careca que não honrava o manto de arminho, nem os chapéus emplumados. O Bispo nanico, com uma barriga enorme, feia e torta, que só pensava em comer e vendia indulgências e perdões para alimentar sua pança de glutton.

Alcaide – Pule essa parte, Velho.

Bispo – Não estamos interessados em ouvir a história das almas impuras da sua cidade.

Velho – Como quiserem. Vou omitir os outros membros do conselho municipal. É uma pena. Faltaram o chefe da segurança, o juiz e os ditos cidadãos de bem.

Policial – Vamos. Estamos com pressa.

Juiz – Continue.

Velho – Todos estavam reunidos para encontrar a solução enquanto os ratos continuavam atacando os celeiros, as crianças indefesas, os camponeses, as damas da corte e seus vestidos brocados. Foi então que de repente, bateram na porta da sala do conselho. Todos ficaram assustados. “ – Entre, disse o Alcaide.” A porta se abriu lentamente e uma figura de aparência duvidosa, cabelos soltos, rosto sem barba, de casado amarelo e vermelho entra no imenso salão e se apresenta: “ – Sou o gaiteiro do manto malhado, um mestre nas artes musicais, com a minha gaita posso comandar tudo o que vive embaixo do céu, tudo que anda, nada, corre e voa. Eu posso resolver o infortúnio da peste dos ratos que tomou conta dessa cidade.”

Alcaide – Viva! Finalmente.

Policial – Eu não acredito!

1º Cidadão – Ele é um charlatão.

Alcaide – Esperem. Deixem ele continuar.

Velho – O Gaiteiro pediu que lhe pagassem 50 moedas de prata para livrar a cidade daquela praga. Os homens do conselho gritaram quase todos em conjunto. – 50 moedas? É muito pouco. Se conseguir, pagamos mil moedas para nos livrar desses malditos ratos. O homem do manto dourado foi para o centro da cidade e tocou a sua gaita, uma, duas vezes. Um som estridente e agudo penetrou no ar e aos poucos os ratos, obedientes enfileiraram-se seguindo o Gaiteiro para fora dos muros da minha cidade. Todos observaram o estranho cortejo chegar às margens do rio. O Gaiteiro entrou num barco que estava ancorado e remou até o meio do rio. Aos poucos e depois aos milhares, os ratos seguiram a melodia, até mergulharem e morrerem afogados. Na cidade, todos ficaram felizes, tocaram os sinos da igreja, acenderam fogueiras, dançaram, beberam e festejaram até o dia seguinte, aliviados por se verem livres daquela maldição. No outro dia, o Gaiteiro voltou para receber as 50 moedas de prata pelo pagamento do serviço combinado. “ – 50 moedas de prata?” Riram e zombaram dele . “ – Isso é um abuso! Vá receber do rei, de Deus, do papa. Uma moeda é a sua paga.” O Gaiteiro não disse nada. Saiu fora dos muros da cidade e tocou novamente sua gaita encantada. Dessa vez uma melodia suave e doce. Nesse instante, as crianças que estavam dormindo, foram despertadas pela música e foram se juntando as crianças que estavam acordadas formando uma grande ciranda. Um ciranda de crianças caminhando para fora das muralhas da cidade, seguindo a música do Gaiteiro. Uma ficou pra trás. Era uma pobre criança manca que ficou pelo caminho e não conseguiu acompanhar as outras. O que aconteceu, pra onde foram, que fim levaram, ninguém

nunca descobriu. Nunca mais foram vistas e na cidade de Hamelin no ano de 1284, só ficaram os abastados membros do conselho, com seus brocados e arminhos, seus celeiros abarrotados e os pobres mais empobrecidos. Todos trancados nas muralhas de uma cidade vazia, coberta por um manto de tristeza e saudade. Saudade das crianças que partiram, saudade da lembrança de suas brincadeiras e seus gritos de alegria.

Alcaide – É uma bela história, Velho. Mas não sei bem o que tem a ver com a nossa cidade. Aqui não temos ratos, nem homens tolos. Temos uma praga de crianças infestando nossa cidade.

(O Velho sai caminhando lentamente. Manca de uma perna. Ouve-se uma música suave e um barco se movimentando no mar. As crianças ouvem a música e aos poucos vão entrando nos barcos superlotados, fundindo com a projeção de crianças sírias fugindo da guerra.)

Barco de refugiados sírios no Mediterrâneo (Yannis Behrakis / Reuters)

CENA

DIÁLOGO CONTEMPORÂNEO

(Alice, a criança que conduzia o irmão, Alan, está sozinha, sentada na praia)

Álice – Alan? Alan? Onde você se perdeu? Eu não consigo te encontrar. Você deve ficar parado no mesmo lugar para que eu te encontre, Alan? Não tenha medo! Não se esconda, por favor, senão eu não posso te achar. Fale alguma coisa, Alan! Conte sobre as vozes que você ouvia para que eu também possa ouvir e saber onde você está. Eu não sei onde estamos, mas sei que aqui não é a terra que nos prometeram. Nós entramos juntos no mesmo barco, lembra-se? Você ficou agarrado em mim e eu não soltei suas mãos, como eu havia prometido. Eu não posso voltar pra casa enquanto não te encontrar. Eu também prometi que você voltaria, curado da sua cegueira e que veria o rosto de nossos pais e as montanhas do nosso país. Faz muito tempo que nós partimos e agora eu me perdi e não sei onde estou. Eu perdi você, Alan, e estou com medo. Vou ficar aqui nesse mesmo lugar até te encontrar. Não sei mais onde estão os outros. Todos estavam juntos, de mãos dadas, nós éramos a ciranda das crianças, lembra? Nós inventamos essa brincadeira, lembra? *(chama)* Alan, onde você se escondeu? Aparece, meu querido. Não quero mais brincar de esconde-esconde. Os outros foram por outro caminho, viajaram em outro barco. Eu não sei o que aconteceu com eles e não sei pra que lado nem pra que lugar eu estou indo. Vem, por favor, Alan! Você pode me guiar agora que eu também não enxergo. Eu juro que não soltei sua mão de propósito, Alan. Foi sem querer, a tempestade estava forte demais e eu tive que me agarrar com toda a minha força nas velas do barco para não cair no mar. Eu vim parar nessa praia e estou muito cansada, Alan. Deixa eu descansar um pouco, depois eu continuo te procurando. Fica parado no mesmo lugar, está bem? Eu prometo que vou te encontrar. Não se esconda, por favor. Confia em mim e espere só mais um pouco. Eu estou cansada, mas eu não vou te abandonar, meu irmãozinho. Eu estou muito cansada mas não vou deixar o mar te levar embora. Eu estou com muito sono. Eu vou dormir e quando eu acordar você vai estar do meu lado e nós iremos pra casa.

(O Goliardo aparece em cena. Ajoelha-se junto da criança desfalecida)

Goliardo – Descanse, pequena Álice. Descanse e durma. Um sono sem pesadelo nem horror. Descanse e se abandone nos braços de outro tempo. Solte seu corpo inocente no colo da tolerância e da compaixão e não pense mais em Alan. Ele encontrou a terra prometida e finalmente deixou de ser cego, consegue ver o branco e todas as outras

cores que existem. Neste país, conta-se ainda hoje, a história de uma estranha ciranda de crianças que se perdeu para sempre no esconde-esconde que a barbárie inventou.

(Pega a criança nos braços e sai cantando uma canção de ninar)

*Os ecos do passado
não são nada mais
do que o desejo dos homens
de se verem perpetuados ...*

(Um Ator entra em cena)

Denis – E o mar virou um vasto cemitério. No meio da noite um barco cheio navega sem rumo. A bordo centenas de crianças fogem dos horrores da guerra de um país que não existe mais, em busca de uma promessa sem esperança, de uma cidade no centro da terra que afundou no mar. O mesmo mar que não perdoou os inocentes e não se abriu para que eles pudessem atravessar. De acordo com as palavras pias e santas do descaso e do conformismo, eles teriam chegado, enfim à Terra Prometida, onde não existe sofrimento, nem servidão e onde a natureza é perfeita.

Joana – Sempre que houver uma guerra haverá uma cruzada de crianças procurando escapar da estupidez e da violência. As crianças continuam fugindo da guerra e ainda estão em marcha. Não param de crescer e não sei quantas cruzadas de crianças serão sacrificadas e perderão a inocência e a infância. Quanta barbárie teremos que assistir até que as guerras sejam varridas das bocas, das mentes e da memória.

Alan – Aqui jaz nosso pequeno Avlan, vítima da barbárie e dos horrores de todas as guerras que a brincadeira de esconde-esconde inventou de inventar...

Todos – Descansem em paz nesses campos de guerra.

Imagem do menino sírio, Avlan de 3 anos, morto numa praia em 2015 (Peter Boukaert)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de minha atuação profissional, como professor e pedagogo, descobri que o Teatro na Educação poderia fazer a grande diferença na minha forma de ensinar. Levei essa convicção para dentro das unidades da FEBEM (antiga Fundação para o Bem-Estar do Menor, atual Fundação Casa), para trabalhar com crianças e jovens, no final da década de setenta.

Na época, esse modelo de aprendizagem foi pioneiro nas grandes reformas educacionais que se iniciavam dentro da instituição, ao trabalhar a problemática da criança e do jovem carentes, abandonados e infratores, (*termos utilizados na época*) com teatro e outras linguagens artísticas, como a música e a dança popular. Essa metodologia instaura-se nas unidades da Fundação como uma pedagogia prática de ensino para uma educação menos punitiva e mais humanista, com foco na inclusão social das crianças e dos jovens internos. O teatro como instrumento de educação foi decisivo para essa mudança, mostrando a importância do seu caráter lúdico e pedagógico, como o grande diferencial para crianças e jovens em condições de risco e abandono familiar.

Somando-se a essa trajetória, a minha experiência como ator, escritor, dramaturgo e diretor teatral, me permitiu descobrir o que o teatro tem de mais significativo para o meu fazer que é o jogo teatral, ferramenta indispensável no processo de aprendizagem do teatro para crianças, jovens e adultos e seu desdobramento para preparação do ator, possibilitando a investigação do seu caráter coletivo e pedagógico.

Esse conhecimento do jogo teatral veio por meio dos estudos de Viola Spolin que, entre nós, artistas, educadores e profissionais de outras áreas, foram materializados pela Professora Ingrid Koudela. Em sua trajetória dentro e fora da Universidade, Ingrid imprimiu “*nossa cara*” (grifo meu) ao método de Spolin, tornando-o indispensável para entendermos os jogos tradicionais, os contos populares, as cantigas de roda e as brincadeiras infantis, revelando o vasto universo da cultura popular brasileira, utilizando-o como instrumento de jogo de aprendizagem. Sua contribuição para o teatro não convencional, feito em grupo

para crianças, jovens, adultos, atores e não atores, tornou-se presença obrigatória na História do Teatro Brasileiro e do estudo da Pedagogia do Teatro.

No final da década de setenta, artistas e educadores ousaram pesquisar, pensar e sonhar o teatro para crianças e jovens dos dias de hoje. Pesquisas, debates, seminários, experimentações, ensaios, acertos e erros, imprimiram qualidade, referência, estética e linguagem nos espetáculos produzidos nas últimas décadas. Cabe ressaltar o papel das pesquisas realizadas em nível de pós-graduação em Artes Cênicas na USP que incorporam a proposta do teatro didático de Bertolt Brecht, abrindo espaço para a área de Pedagogia do Teatro, como modelo de pesquisa. O longo processo de aprofundamento do exercício constante com a peça didática despertou o surgimento do ator pedagogo, não mais somente um professor de teatro, mas um profissional comprometido em revelar as infinitas possibilidades do teatro como linguagem de mudança educacional, social e política.

Mesmo tendo muito ainda muito a fazer, três décadas da existência dessa área de estudo na universidade demonstram o quanto avançamos. O caminho percorrido da produção prática e intelectual sobre o assunto demonstra sua importância e relevância. O uso do teatro como recurso de aprendizagem vem se ampliando ao longo das últimas décadas e seu campo de ação extrapola os limites das universidades e escolas, chegando a ser utilizado em outras áreas, para programas educacionais e sociais de inclusão, meio ambiente, cidadania e outros.

Também a pesquisa e campo de estudo oferecido sobre a Pedagogia do Teatro contribuiu para sistematizar uma significativa melhora na qualidade da produção do teatro feito para crianças e jovens, por parte de grupos e artistas profundamente comprometidos com o rigor que o tema exige.

Muitos desses grupos e artistas foram “*beber*” (grifo meu) nas universidades sua formação profissional. O resultado são espetáculos teatrais bem elaboradas com texto, música e atuação em permanente interação e em constante sintonia com o público.

Minha atuação como arte educador, dramaturgo, escritor e diretor, com o conhecimento teórico desse processo de aprendizagem, revela-se em

praticamente toda minha obra. O aprofundamento dessa prática, embasada no jogo teatral e em modelos de ação aparece explícito em meus textos e espetáculos encenados.

O mergulho na prática e nos estudos do modelo de ação com a peça didática, ampliou o meu procedimento do fazer teatro profissional, inclusive para a desconstrução do modelo tradicional de dramaturgia e abriu portas para novas possibilidades da minha escritura dramática.

Tendo trabalhado ao longo da minha carreira com grupos de teatro profissional na construção de textos para encenação de espetáculos, usei na maioria das vezes, como método, o modelo de ação brechtiano em oposição à criação isolada e solitária da dramaturgia convencional.

O texto como pré-texto foi uma experiência recorrente de amadurecimento, no princípio empírica e intuitiva, mas na medida em que fui descobrindo novas possibilidades e referências, o modelo de ação e o seu significado de gestos e atitudes se instaurou definitivamente no meu trabalho como dramaturgo, diretor e artista.

Esse processo de criação foi decisivo e fundamental na minha carreira, por provocar novos olhares e investigações sobre o teatro para crianças e jovens e os caminhos da criação teatral contemporânea.

A improvisação e o jogo teatral como estética e linguagem de grupo apontaram a necessidade do registro dessa prática artística e teórica na presente Dissertação de Mestrado, destacando a continuidade dessa investigação através de uma dramaturgia em processo.

Essa dramaturgia com cenas abertas, em *Ciranda das Crianças*, não importando sequência lógica de estrutura rígida e determinada, propõe a *historicização* sugerida por Brecht sobre crianças em tempos de guerra. As cenas permitem diálogo e reflexão sobre nossa contemporaneidade, visto que o tema nos leva a observar os fatos ocorridos no passado, registrando nossas lembranças, para não nos tornar vítimas do esquecimento.

A intertextualidade entre Marcel Schwob e Brecht, que tratam do mesmo mito em diferentes momentos históricos, remete-nos simultaneamente para uma

reflexão sobre a realidade das crianças no século XXI, como proposta de identificar novas formas de manifestação social e elaboração simbólica da questão da violência contra a criança no mundo contemporâneo dando voz a esse tema através de meu ofício de dramaturgo.

Os ecos do passado revisitados nessas cenas em construção, buscam revelar a invisibilidade que a criança vem ocupando nos últimos séculos, sendo vítima da mais completa indiferença e da mais cruel das exposições.

As cenas em construção nesta Dissertação são uma obra embasada em minha experiência com jogos infantis e jogos teatrais, possibilitando a desconstrução de um modelo tradicional de escrita que atinge um novo estágio de avaliação, sem o rigor e as limitações do teatro cênico convencional.

O enfoque do texto como pré-texto não está em analisar, ou avaliar a cena como estética, forma teatral, sequência de cenas e diálogos longos e falas definitivas, mas sobretudo o que a cena contém, como gestos e atitudes que possam modificar o ator/criador no processo de investigação grupal e coletivo.

Como minha trajetória se desdobra em alguns papéis, entre eles o de encenador, sugeri cenas de diálogos contemporâneos, para um grupo de atores, sobre a história de crianças em tempos de guerra, dialogando com a Cruzada das Crianças de Schwob e Brecht. Propositadamente, num jogo de metalinguagem, conduzi as falas finais do personagem Goliardo, testemunhando o horror das crianças em tempo de guerra com os atores/narradores contemporâneos, revelando o mesmo horror da trágica peregrinação do passado, acontecendo nos tempos atuais.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. *A criança, o brinquedo e a educação*. Tradução: Marcos Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora Duas Cidades Ed 34, 2002.

BENJAMIN, Walter. *A criança, o brinquedo e a educação*. Tradução: Marcos Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho / José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRECHT, Bertolt. *Poemas*. Seleção: Paulo César Souza. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. São Paulo: Editora Global, 2004.

DESGRANDES, Flávio. *A pedagogia do espectador*. São Paulo: Hucitec, 2003.

GUINSBURG, J. e KOUDELA, Ingrid Dormien (org). *Büchner na Pena e na Cena*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

KORCZAK, Janusz. *Quando eu voltar a ser criança*. São Paulo: Summus Editorial. 1981.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Brecht - Um Jogo de Aprendizagem*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

_____. *Jogos teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

_____. (org). Heiner Müller: *O Espanto no Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____ e ALMEIDA JR, José Simões (org). *Léxico de Pedagogia do Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

_____. *Texto e jogo*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 1996.

MACHADO, Regina. *Acordais. Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL,

MACKAY, Charles. *Ilusões Populares Extraordinárias e a Loucura das Massas*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S/A, 2001.

MAKARENKO, Anton Simyonovitch. *Poema Pedagógico*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. 3 volumes.

PHILIP, Neil. *Volta ao mundo em 52 histórias*. Ilustrações: Nilesh Mistry, tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letrinhas, 1998.

PUPO, Maria L. S. B. *No Reino da Desigualdade. Teatro Infantil em São Paulo nos anos setenta*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ROMERO, Sílvio. *Folclore Brasileiro. – Cantos Populares do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954.

ROMERO, Sílvio. *Contos Populares do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954.

SCHWOB, Marcel. *A Cruzada das Crianças*. Tradução: Milton Hatoum. São Paulo: Iluminuras, 1987.

SCHWOB, Marcel. *Vidas Imaginárias*. Tradução: Duda Machado. São Paulo: Editora 34, 1997.

SCHWOB, Marcel. *O Livro de Monelle*. Tradução: Claudia Borges de Faveri. São Paulo: Editora Hedra, 2011.

SLADE, Peter. *O jogo dramático infantil*. São Paulo: Editorial Summus, 1978.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o Teatro*. Tradução e revisão: Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

VONNEGUT, Kurt. *Matadouro 5*. São Paulo: Editora Coleção L&PM Pocket, 1969.

REFERÊNCIAS

Teses, Dissertações e Artigos

LARANJEIRAS, Luiz Carlos. *Jogos rapsódicos: A música e a dança popular na aprendizagem das artes cênicas*. São Paulo, 2016. Tese – Doutorado. ECA / USP.

LECLERC, Gesuína de Fátima Elias. Resenha: *Os Intelectuais na Idade Média*. in LE GOFF, Jacques: *Os Intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2003. Universidade Federal da Paraíba

MACHADO, Jivago Furlan. *A Crítica Social dos Goliardos em Carmina Burana*. Anais de Estudos Antigos e Medievais. Paraná, 2013.

SARMENTO, Manuel Jacinto. *Imaginário e Cultura da Infância - As Marcas dos Tempos: a Interculturalidade nas Culturas da infância*. Financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Universidade do Minho – Portugal, 2002.

SUPERBI, Fabio. *Panos e lendas: três décadas de história*. São Paulo: 2007 – 147 páginas. Dissertação – Mestrado. Instituto de Artes da UNESP - Universidade Paulista.

.

Músicas

AUTORES ANÔNIMOS: Cantigas de Roda – cultura popular brasileira.

CARMINA BURANA: *Canções de Beuern*. Apresentação: Segismundo Spina. Introdução e tradução: Maurice Van Woensel. São Paulo: Ars Poética, 1994.

SERESTEIROS DA LUA: Pedro Bento e Zé da Estrada.

Filmes

BABENCO, Hector. *Pixote, a Lei do Mais Fraco*. Brasil, 1980.

BERGMAN, Ingmar. *O Sétimo Selo*. Suécia, 1956

BUÑUEL, Luis. *Os Esquecidos*. México, 1950.

DE SICA, Vittorio. *Vítimas da Tormenta*. Itália, 1946.

HALLSTRÖM, Lasse. *Minha Vida de Cachorro*. Suécia, 1985.

KIAROSTAMI, Abbas. *Onde fica a Casa do Meu Amigo?* Irã, 1987.

MAJIDI, Majidi. *Filhos do Paraíso*. Irã, 1999.

MALLE, Louis. *Adeus, Meninos*. França, 1987.

MONICELLI, Mario. *O Incrível Exército de Brancaleone*. Itália, 1965.

_____ *Brancaleone nas Cruzadas*. Itália, 1970.

ROSSELLINI, Roberto. *Alemanha, Ano Zero*. Itália, 1946.

SAURA, Carlos. *Cria Cuervos*. Espanha, 1976.

TRUFFAUT, François. *Os Incompreendidos*. França, 1959.

ZHANG, Yimou. *Nenhum a Menos*. China, 1998.

ANEXOS

TEXTOS TEATRAIS

Velho Retrato Novo ou Velhos Retratos

Labirinto de Filó

Que Bicho é Esse???

VELHO RETRATO NOVO ou VELHOS RETRATOS

Musical

José Geraldo Rocha

PERSONAGENS:-
 AVÔ
 NETO
 PAI
 MÃE
 HOMEM
 MULHER
 MENINO
 DANGOLA
 BOIZINHO
 TATU BOLINHA

NOTA EXPLICATIVA

Este texto pode ser encenada com três atores e três atrizes dependendo da direção.

CENÁRIO

Espaço de um apartamento com móveis e objetos leves e de fácil manipulação. Um local no palco específico para o avô e seus objetos de "retratista", uma velha máquina de tirar fotografias (tipo lambe lambe) , alguns filmes e fotos pendurados. Os ambientes poderão ser desenhados pela iluminação evitando-se assim, fugir de um naturalismo desnecessário à encenação. Sugere-se palco nu e objetos móveis que permitam transformação e movimentação pelo espaço cênico.

FIGURINOS

Figurino básico que permita sobreposição de adereços e figurinos complementares conforme mudança de cenas.

RELEASE

VELHOS RETRATOS é a história de um Avô e seu Neto vivendo emoções e lembranças que vão surgindo de um álbum de fotografias. Uma história cheia de sonhos e fantasias com personagens do passado do Avô reveladas de novos e velhos retratos. As fotos das personagens aparecerão em flahs no decorrer das cenas num jogo constante de passado, presente, realidade e fantasia criados pelos atores e "sairão" do álbum para ilustrarem as lembranças do Avô.

PRÓLOGO

(UMA CANÇÃO DE FUNDO. FOCO DE LUZ SOBRE ATOR DIGITANDO NUM NOTE BOOK. O TEXTO APARECERÁ EM UM TELÃO)

“Na parede do meu quarto eu tenho um retrato em preto e branco do meu Avô. Companheiro inesquecível da minha infância. Com tempo e paciência, ouvia meus sonhos de aventura e desejo de descobrir a vida. E como grande contador de estórias, transformava meus sonhos em brincadeiras infantis que traziam para o meu mundo menino, grandes personagens e brinquedos inesquecíveis. Sua ternura e afeto abriram minha imaginação para sempre...” (NETO, 30 anos depois)

CENA I

(UMA TARDE DE DOMINGO. CHUVA FINA ESCORRE NA JANELA, UM RELÓGIO CUCO BATE TRÊS HORAS. O AVÔ ESTÁ SENTADO EM UMA CADEIRA DE BALANÇO FOLHEANDO UM GRANDE ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS. NETO ESTÁ SENTADO NO CHÃO JOGANDO UM JOGO NUM TABLETE. DEPOIS DE UM TEMPO DESISTE D JOGO E FICA OLHANDO A CHUVA PENSATIVO. O AVÔ PERCEBE)

AVÔ :- Que foi, Neto, você tá tão calado?
 NETO :- Não é nada não, Vovô.
 AVÔ :- Você tá triste?
 NETO :- (DEPOIS DE UM TEMPO) Num sei... tô com uma vontade num sei do quê.
 AVÔ :- (SONDANDO) É... uma dessas vontades esquisitas?
 NETO :- É...
 AVÔ :- Eu acho que sei como é.
 NETO :- Sabe?
 AVÔ :- Acho que sei. Quando eu era menino e batia essa vontade, não tinha parede nem chuva que me segurava, eu saía correndo.
 NETO :- Sério ? Pra onde, Vovô?
 AVÔ :- Prum canto que eu tinha no quintal.
 NETO :- E aí o que é que você fazia?
 AVÔ :- (DISFARÇANDO) Ih, faz tanto tempo, Neto... Num consigo me lembrar.
 NETO :- Lembra, Vovô !
 AVÔ :- Era tudo tão diferente de hoje. (TEMPO) Tinha cipó, passarinho, muita árvore... pé de mixirica, laranja, abacate... mangueira. Eu me lembro que nos dias de chuva, caía um monte de fruta verde no chão, então eu catava tudo pra fazer brinquedo...
 NETO :- (ESTRANHANDO) Brinquedo de fruta?
 AVÔ :- É ! Você nunca viu um boizinho feito de manga verde?
 NETO :- Não.
 AVÔ :- Então vai lá dentro, trás a cesta de frutas que a gente vai fazer

(NETO SAI. O AVÔ OLHA O ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS. CANTA UMA CANÇÃO)

SAUDADE
 MEU BOI SAUDADE
 DE QUANDO VOCÊ
 DE TANTO QUERER
 VIRAVA UM BOI
 DE VERDADE...

NETO :- (VOLTANDO COM UMA CESTA DE FRUTA) Ih, Vovô !
 Manga não tem.

AVÔ :- (PROCURA DENTRO DA CESTA) Tem chuchu! Vira boi do
 mesmo jeito.

NETO :- (SURPRESO) Boi de chuchu !

AVÔ :- Então ? Vamos fazer ?

(O AVÔ APANHA UM CHUCHU NA CESTA, TIRA DO BOLSO UMA CAIXA
 DE FÓSFOROS E COM PALITOS, COMEÇA A MONTAR O BOIZINHO)

AVÔ :- Pro boizinho nascer forte e valente eu cantava uma canção
 que era mais ou menos assim...

ARRIBA MEU BOI
 ARRIBA MEU BOI
 VEM COMIGO DANÇAR
 DE TUDO QUE É RODA
 TEU JEITO DE BOI
 CONSEGUIR INVENTAR...

Ê, MEU BOI
 Ê, MEU BOI
 É DE TUDO QUE É RODA
 É MEU BOI
 CONSEGUI INVENTAR...

AVÔ :- Tá pronto!!!

NETO :- Que bonito, Vovô !

AVÔ :- Agora é só levar pra brincar lá no fundo do quintal...

NETO :- Quintal??? Mas aqui não tem quintal.

AVÔ :- Ih, é mesmo! Deixa eu ver... Já sei ! Vamos achar um nome
 pro boizinho?

NETO :- Tem que achar?

AVÔ :- É ! O nome dele tá escondido em algum lugar...

NETO :- É um jogo, Vovô?

AVÔ :- Um jogo de procuração e adivinhação pra encontrar o nome
 do boi de chuchu.

NETO :- Vale pedir ajuda?

AVÔ :- Claro.

NETO :- Já sei ! Minha Mãe pode ajudar.

(SAI CONVERSANDO COM O BOIZINHO, ENTRA EM OUTRO AMBIENTE.
 ENCONTRA A MÃE DESENHANDO SOBRE UMA PRANCHETA)

NETO :- Mãe! Olha o meu boizinho de chuchu!

MÃE :- Agora não, meu filho. Eu tô muito ocupada.

NETO :- Será que você não podia me ajudar a...

MÃE :- Neto, agora não! Eu tenho que entregar esse projeto
 amanhã sem falta.

NETO :- Mas Mãe, é só um minutinho...

MÃE :- Neto! Eu já disse que tô trabalhando.
NETO :- *(APROXIMA-SE DA PRANCHETA COM UMA CERTA CURIOSIDADE, DEPOIS SE AFASTA E INVESTE COM O BOIZINHO. A MÃE SE ASSUSTA E DEIXA CAIR ALGUNS DESENHOS).*
MÃE :- *(IRRITADA)* Porcaria Neto! Olha só o que você fez. Vou ter que refazer tudo de novo. Droga!!!
NETO:- Desculpa, Mãe ! Foi o meu boi de chuchu que...
MÃE :- Era só o que faltava, Neto! Pegando legume pra estragar!
NETO :- Não, Mãe ! Ésó um brinquedo que o Vovô inventou...
MÃE :- Ah, só podia ser coisa do seu Avô mesmo. Pela última vez, Neto. Sai daqui e me deixa trabalhar!
NETO :- *(SAINDO)* Vamos indo, Boizinho. Acho que seu nome não tá aqui não.
(NETO VOLTA PARA O QUARTO)
AVÔ :- Achou Neto?
NETO :- Achei nada. Levei foi uma bronca da minha mãe. Toma o boizinho, Vovô. Eu não quero mais brincar.
AVÔ :- Que isso? Você vai deixar que a bronca da tua Mãe estrague o nosso jogo? Deixa pra lá. Nós ainda temos que encontrar um nome pra ele. Vai procurar, vai!
NETO :- *(ANIMANDO-SE DE NOVO)* Tá !Eu vou procurar em outro lugar.

(ENTRA EM OUTRO AMBIENTE. PROCURA EM VÁRIOS LUGARES, SEMPRE CONVERSANDO COM O BOIZINHO. DEPOIS DE UM TEMPO, O PAI, CHEGA TODO MOLHADO DA RUA)

PAI :- Droga de chuva!!!
NETO:- *(ALEGRE)* Pai, que bom que você chegou!
PAI :- Oi, filhão...
NETO:- Vamos brincar de boi comigo e o Vovô?
PAI :- Boi ??? Que boi ? Ah não, Neto! Num dá ! Eu tô muito cansado.
NETO :- Pai, será que a gente não podia morar numa casa que tivesse um quintal?
PAI :- Quintal ??? Neto!!! Não dá! Você tem bastante espaço aqui e depois apartamento é mais seguro.
NETO :- Tá bom, mas então você podia pelo menos me ajudar a encontrar o nome do boizinho.
PAI :- Neto! Eu tive um dia muito cheio, me deixa descansar um pouco, tá?

(O PAI SAI DE CENA, NETO VOLTA PARA JUNTO DO AVÔ)

NETO :- Num tem jeito, Vovô. O boizinho vai ficar sem nome e sem fundo de quintal. Minha mãe tá trabalhando ! Meu pai chegou cansado. Eu queria que eles pudessem brincar com a gente.
AVÔ :- Num fica triste não. Eu tenho bastante tempo pra brincar com você. Vamos?
NETO:- Uau !Valeu, Vovô!
AVÔ :- Se esconde e eu bato cara!

(NETO SE ESCONDE, O AVÔ ABRE UMA PÁGINA DO ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS. ASSOBIAM E COMO NUM PASSE DE MÁGICA ENTRAM EM CENA VÁRIOS ATORES COM PANOS COLORIDOS, FITAS E OBJETOS DE CENA, MONTAM UM GRANDE BOI EM CENA. O AVÔ

NETO :- Num tô pensando nada não, Dona. É que o meu Avô tinha uma galinha igual a essa, e daí eu pensei...

MULHER :- Pensou o quê, hein? Pensou que eu roubei a galinha dele?

NETO:- Não é isso, é que...

MULHER :- Pois fique sabendo que essa galinha eu comprei há muito tempo de um moleque bobo ... (*OLHA BEM PRA ELE*)

NETO:- (*COCHICHA COM O AVÔ*) É ela mesmo Vovô!

AVÔ :- Agora não tenho mais dúvida.

MULHER :- O que é que vocês dois estão cochichando aí, hein?

NETO :- Num é nada não, Dona. Escuta, a senhora não quer vender essa galinha?

MULHER :- De jeito nenhum. Não vendo por nada desse mundo.

NETO:- Ah, Dona... vende ela pra gente.

MULHER :- Ela num tá a venda!

(*O AVÔ SAI E VOLTA VESTINDO UM ADEREÇO DE BOI BUMBÁ. ENTRA DANÇANDO CIRANDA PELO PALCO. A MULHER SE AGITA*)

MULHER :- Nossa! Que boi mais lindo ! Como ele dança bonito ! (*GINGA COM O BOI DURANTE UM TEMPO, ATÉ QUE PARA DE REPENTE*) Troco ele pela galinha, Menino!

AVÔ/BOI :- (*NÃO SE CONTENDO, FALA ENTRE DENTES*) Sua bruxa danada, querendo me passar pra trás de novo, é?

MULHER :- (*SE ESPANTA*) O quê???

NETO :- (*APROXIMA-SE DO AVÔ*) Psiuuuu ! Quietos Vovô, senão ela desconfia! Dona... eu tenho um negócio bem melhor pra propor... se a senhora quiser eu troco as fitas do meu boi pela sua galinha.

MULHER :- Ah, cê tá achando que eu sou boba, Menino ? Onde já se viu me propor um negócio desses?

NETO :- Que isso ? A senhora é uma pessoa inteligente, esperta...

MULHER :- (*SENTE-SE ENVAIDECIDA E LISONJEADA*) Brigada ! Sou mesmo. Ninguém me passa pra trás.

NETO :- Então ? A senhora acha eu ia querer enganar a senhora ? De jeito nenhum ! (*COCHICHA COM A MULHER*) Vou contar um segredo mas promete não contar pra ninguém ?

MULHER :- Prometo! Eu adoro segredos !

NETO :- As fitas do meu Boi... (*SUSPENSE*)

MULHER:- O que que tem ? Fala logo !

NETO :- Elas são MÁGICAS, Dona !

MULHER :- Que isso, Menino? Tá pensando que eu nasci ontem?

NETO :- Fica vendo ! (*TIRA UMA FITA BRANCA DO BOIZINHO E AMARRA NO PESCOÇO DA DANGÓLA*).

DANGÓLA :- (*PERCEBE O JOGO E SE AGITA TODA. TEM UM SIRICUTICO E PÕE UM OVO. LEVA UM SUSTO E FAZ O MAIOR ESTARDALHAÇO*) Cócórócó! Cócórócó! Botei! Ai, eu botei. Eu não acredito! Eu botei !Eu botei de novo !Có! Tô fraco! Tôfraco! Qui quiri quiqui ! Que felicidade!

MULHER :- Para de cacarejar, sua galinha tonta! (*OLHA O OVO ADMIRADA*) Eu não acredito ! Minha nossa senhora da esparicota ! ! É um ovo mesmo! Num é que essa tal fita é mágica mesmo !

NETO:- Num falei?

MULHER :- Olha que pra fazer essa galinha choca botar de novo, só mesmo com mágica. (*TEMPO. CAI NO CONTO*) Passa essas

fita pra cá, Menino ! Eu vou amarrar no pescoço das minhas franguinhas e elas vão botá muito mais.

NETO :- *(TIRA AS FITAS DO BOIZINHO E ENTREGA PARA A MULHER)* Tá aqui, Dona!

(A MULHER APANHA AS FITAS VAI SAINDO DE CENA. PARA)

MULHER :- Ei, Menino ! *(FALA QUASE SUSSURRANDO)* Essas fitas mágicas também não faz milagres não ?

NETO :- *(TROCA OLHAR DE CUMPLICIDADE COM O AVÔ)* Depende ! Porque ?

MULHER :- É que, sabe ...eu ando precisando encontrar um marido pra me ajudar na lida do dia, será que essas fitas não dão jeito não ?

NETO :- *(RI)* Deixa eu perguntar pro meu boi.*(COCHICHA COM O AVÔ/BOIZINHO. OS DOIS RIEM. VOLTA-SE PARA A MULHER)* O meu Boi disse que essas fitas fazem qualquer milagre que a gente quiser. É só acreditar !

MULHER :- E como é que é isso, Menino ?

NETO :- A senhora trança três fitas coloridas, beija cada uma três vezes, depois amarra na perna do primeiro homem que encontrar que ele vai pedir a senhora em casamento na certa !

MULHER :- Não acredito ! Minha santa esparicota. É agora que eu desencalho de vez ! *(PEGA AS FITAS E SAI)* Brigado, Menino !

(NETO OBSERVA, BOIZINHO SE APROXIMA DA DANGÓLA)

BOIZINHO :- Dangóla???

DANGÓLA :- Hein???

BOIZINHO :- Sou eu ,Dangóla! Não se lembra mais de mim?

DANGÓLA :- Num sei... parece que... *(LEMBRANDO-SE)* Num pode ser! Boi,é você mesmo ?

BOIZINHO :- Você não mudou nada, continua cacaca carijó como antes...

DANGÓLA :- Quiquiqui nada . Você é que continua grande e forte como um touro.

BOIZINHO :- Que isso Dangóla. Tô leso, leso. Num lembro mais se rumino antes e como depois ou se como depois e rumino antes... Até do meu nome eu não consigo lembrar.

DANGÓLA :- Seu nome???Peraí! Eu acho que me lembro.

NETO :- *(ENTRANDO NO JOGO)* Então pensa Dangóla, que até agora a gente não conseguiu encontrar!

DANGÓLA :- Não era,Boizinho mesmo?

BOIZINHO :- Não. Era um nome diferente. Eu tenho tanta saudade de quando eu era...

DANGÓLA :- *(LEMBRANDO)* Saudade!!! Era esse o seu nome. Boi Saudade.

BOIZINHO :- Eitá nome danado de bonito. Meu nome é Boi Saudade viu? *(AVANÇA PRA DANGÓLA)* Muuuuu!

DANGÓLA :- Cócórocó ! Ôa Saudade! É , Boi ! É,Saudade !

BOIZINHO :-*(PARA)* Peraí, Dangóla! Tira essa fita branca do pescoço !

DANGÓLA :- *(VAIDOSA)* Ué, porque? Eu tô tão bonita assim.

BOIZINHO :- Claro que tá, mas a sua fita era azul e não branca

DANGÓLA :- É mesmo!!! Era uma fita azul. Azul da cor do céu.

BOIZINHO :- Lembrou??? *(TROCA A FITA BRANCA PELA AZUL)*

DANGÓLA :- Meus ovos!!! É isso ! Meus ovos eram azuis!

NETO :-*(QUEBRANDO O CLIMA)* Azuis, Vovô???

AVÔ :- Um monte de ovos azuis, Neto. Eu guardava como se fosse um tesouro...

(MÚSICA)

A GALINHA DANGÓLA
DE LAÇO DE FITA
PASSEAVA FACEIRA
NO MEU MUNDO CRIANÇA
NO MEU TEMPO MENINÔ
SEU OVO AZULADO
VIROU CLARA DE NEVE
NO MEU CORAÇÃO...

(DANGÓLA SAI DANÇANDO. AVÔ E NETO, DESFAZEM O JOGO E APANHAM O ALBÚM DE FOTOGRAFIAS)

NETO :- Legal Vovô! Vamos ver mais???

AVÔ :- Vamos!

NETO :- (VIRA MAIS UMA PÁGINA E DE DENTRO DO ÁLBUM CAI UMA FOTOGRAFIA) Olha Vovô! É a fotografia da Vovó!

(O AVÔ OLHA A FOTOGRAFIA. É UMA LEMBRANÇA DO PASSADO. UM BAILE. UMA VALSA ONDE ELE DANÇA COM A AVÓ. MÚSICOS TOCAM VIOLINO, CAVAQUINHO E VIOLÃO. NETO ASSISTE, COMO SE O RETRATO DO AVÔ E DA AVÓ, SE REVELASSE NO PRESENTE DIANTE DE SEUS OLHOS. SUGESTÃO DE VALSA: BRANCA DE ZEQUINHA DE ABREU OU EU SONHEI QUE TU ESTAVAS TÃO LINDA DE LAMARTINE BABO E FRANCISCO MATOSO)

AVÔ :- Nosso primeiro baile, Neto. Eu dei a ela um anel de presente. Eu ainda me lembro da música. (TEMPO) Mas isso foi há muito tempo...

NETO :- Ela era bonita, Vovô. Eu acho que a gente nunca devia se separar.

AVÔ :- É, Saudade naquele tempo, a gente nem sabia o que era.

(DESMONTA-SE O FLASH. AVÔ ESTÁ DANÇANDO SOZINHO NO MEIO DO PALCO. DEPOIS DE UM TEMPO PARA)

NETO :- Você ficou triste de lembrar da Vovó?

AVÔ :- (ENXUGA OS OLHOS E DISFARÇA) Não, é que ...entrou um cisco no meu olho. (VEM PRA JUNTO DO NETO, VIRA UMA OUTRA PÁGINA DO ÁLBUM) Olha ! Olha aqui ! Seu Pai quando era criança.

NETO :- Que roupa gozada, Vovô!

AVÔ :- Era uma roupa de marinheiro. Era moda naquele tempo. Sua Avó tinha muito orgulho do seu Pai e fazia questão de que ele sempre estivesse sempre muito bem arrumado. As vezes a gente até se desentendia, quando seu Pai chegava todo sujo em casa. Ela dizia:- Onde já se viu? Parece um porco de tanta sujeira ! Já de castigo e tira essa roupa nova ! Então eu interferia:- Deixa o menino ! Roupas sujas a gente lava e não quero saber do meu filho parecendo um boneco engomado !

(LUZ VAI SUMINDO EM RESISTÊNCIA, ACENDE EM OUTRO AMBIENTE ONDE ESTÁ O PAI, NO PRESENTE, DE ROUPÃO E COM UMA BOLSA DE GELO SOBRE A CABEÇA CONVERSANDO COM A MÃE)

CENA III

(EM CENA, RETRATOS RECENTES DO PAI E DA MÃE DE NETO, CHEIOS DE COMPROMISSOS, FALTA DE TEMPO E STRESS. ESSA CENA PODE SER MÚSICADA COMO UM DESAFIO ENTRE OS DOIS)

MÃE :- Você está cansado?
 PAI :- Um pouco...
 MÃE :- Como foi o seu dia?
 PAI :- Péssimo. Tô morrendo de dor de cabeça.
 MÃE :- Toma um remédio.
 PAI :- Você sabe que eu não gosto de tomar remédio.
 MÃE :- *(CONTINUA TRABALHANDO, DEPOIS DE UM TEMPO)* Você tá com fome?
 PAI :- Um pouco...
 MÃE :- Então é melhor você preparar o jantar, a empregada não veio essa semana e eu ainda tenho que terminar esse projeto pra amanhã de manhã.
 PAI :- Deixa. Eu vou tomar um banho e cair na cama.
 MÃE :- Seu pai e o Neto também não jantaram.
 PAI :- Eles podem se virar. Eu tô cansado demais.
 MÃE :- *(GRITANDO)* Neto!!! Seu Lau!!!
 PAI :- Ai, ai, ai minha cabeça! Não grita, Denise!
 MÃE :- Meu Deus, Cláudio! Como você é exagerado, eu não estou gritando!
 PAI :- Tá sim! Fale mais baixo, eu preciso de silêncio.
 MÃE :- E eu ainda preciso trabalhar, arrumar a casa, fazer o jantar...
 PAI :- Não vai começar de novo, pelo amor de Deus! Só porque a empregada não veio, não é motivo pra tanta falação.
 MÃE :- Será que não passa pela tua cabeça que eu me canso tanto quanto você?
 PAI :- Droga!!! Todo dia a mesma coisa. Eu só quero ficar quieto num canto. Descansando, dá pra entender !
 MÃE :- Não dá, Cláudio! Não dá ! Tudo tem limite !
 PAI :- O que você quer que eu faça? Você trabalha porque quer.
 MÃE :- Ah, não! Por aí a gente não vai se entender mesmo.
 PAI :- Então minha querida, o problema é seu. Trabalhe menos e se estresse menos
 MÃE :- Deixa de ser egoísta, Cláudio! Você tá sempre cansado, não tem tempo pra mim, pro seu pai, pro Neto. Só pensa em se lamentar, que teve um dia cheio, que tá com dor de cabeça, que a comida do restaurante te fez mal, que tá com dor de estômago, que precisa de férias. Chega em casa, só pensa em dormir !
 PAI :- *(EXPLODINDO)* Chega!!! *(TEMPO)* Eu vou dormir!
 MÃE :- Tá legal, meu querido! Como sempre, vamos adiar pra depois a nossa conversa. *(CHAMANDO)* Neto! Seu Lau!

(OS DOIS NÃO RESPONDEM. VAI ATÉ O QUARTO. NÃO ENCONTRA NINGUÉM. O QUARTO ESTÁ A MAIOR CONFUSÃO COM TUDO FORA DO LUGAR)

MÃE :- Cláudio, você viu seu pai e o Neto?

PAI :- Eles estavam no quarto.
MÃE :- Só que não estão mais e o quarto está um lixo, todo bagunçado.
PAI :- Você procurou direito?
MÃE :- Claro que sim.
PAI :- (*TENTANDO QUEBRAR O CLIMA*) Dentro do guarda roupa, debaixo da cama, na gaveta do armário...
MÃE :- Claudio !!! Não me irrita que eu vou explodir !
PA :- Tá bem ! Tá bem ! Fica calma, relaxa ! Namaste ! (*FALANDO PAUSADO*) Eles... devem... ter... saído !
MÃE :- Era só o que faltava, com uma chuva dessas? Isso só pode ser coisa do seu pai.
PAI :- Para com isso Denise. Deixa de implicar com o meu pai.
MÃE :- Eles podem pegar uma pneumonia, tá o maior toró lá fora !
PA :- Não se preocupe. Eles sabem se cuidar direito.
MÃE :- Eu estou vendo! Acho que o seu pai não tá regulando bem, sair de casa com uma chuva dessas!
PAI :- Ah, o problema agora é o meu pai?
MÃE :- Ele age como uma criança, Cláudio. O Neto tem mais juízo que ele. Imagina que outro dia ele queria trazer uma galinha pra dentro do apartamento. Foi um custo convencê-lo que é proibido ter animais no prédio e que isso aqui não é um zoológico, uma fazenda...
PAI :- Chega, Denise! Depois a gente conversa. Liga pro celular do Neto, o meu tá sem bateria.
MÃE :- (*CELULAR NÃO RESPONDE*) Tá desligado ! Eu não acredito ! Eu já falei centenas de vezes pro Neto não desligar o celular !
PAI :- Vamos sair e procurar. Eles não devem ter ido longe.
MÃE :- (*TRÁGICA*) Meu Deus, onde será que eles podem ter ido com esse tempo?
PAI :- Devem ter ido dar uma volta no quarteirão. Você sabe como meu pai gosta de andar na chuva...

(*OS DOIS SAEM. BARULHO DE CHUVA AUMENTA. LUZ VAI SUMINDO*)
CENA IV

(*NETO E AVÔ ENTRAM EM CENA COM ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS*)

NETO:- Vovô, que fotografia é essa?

AVÔ :- Deixa eu ver. Ah! Esses retratos! São de uma longa história.

NETO:- Conta, Vovô!

AVÔ :- Ah, Neto, eu não me lembro direito como era.

NETO:- Nem de alguns pedaços?

AVÔ :- Alguns pedaços eu lembro.

NETO :- Então? Os pedaços que você não lembrar a gente inventa.
“Era uma vez...”

AVÔ :- Não, não era... era uma vez. Era !“Um dia...

(*LUZ ACENDE EM OUTRO CANTO DO PALCO. DEITADO DE CABEÇA PRA BAIXO SOBRE UMA TÁBUA APOIADA EM UMA PEDRA, O HOMEM DORME E RONCA. VESTE PIJAMA E TOUCA NA CABEÇA. DEPOIS DE UM TEMPO, A MULHER DAS GALINHAS, ENTRA EM CENA, VÊ O HOMEM DEITADO. APROXIMA-SE EM SILÊNCIO E SEM QUE ELE PERCEBA. BEIJA A FITA TRÊS VEZES E AMARRA EM SUA PERNA. SAI*)

(*MÚSICA*)

*UM DIA UM HOMEM
QUE JÁ NASCEU CANSADO
VIVIA DEITADO
SOBRE UMA TÁBUA DE CEDRO...*

*DEBAIXO DA TÁBUA
TAMBÉM DORMINHOCO
VIVIA UM TATÚ
FELIZ DA VIDA SONHANDO...*

NETO :- (NARRANDO) ...” nesse dia, um menino de cara bem viva, de olhos espertos, chegou de mansinho, deu um susto no homem, tirou a tábua e saiu correndo pra fazer um balanço...

(ENQUANTO OS DOIS DESENVOLVEM A NARRATIVA, NO OUTRO LADO DO PALCO, OS ATORES VÃO DRAMATIZANDO AS SITUAÇÕES. OS MÚSICOS, O HOMEM, O TATÚ BOLINHA, SERÃO CRIADOS PELOS ATORES PARA DAR SEQUÊNCIA À AÇÃO. O PERSONAGEM DO MENINO É REPRESENTADO PELO ATOR QUE FAZ O NETO)

HOMEM :- Ei, Menino! Volte aqui seu peste, me devolve minha tábua de cedro! *(TENTA CORRER ATRÁS DO MENINO. LEVA UM TOMBO)* Ah, moleque eu te pego !Te pico, te jogo dentro do pinico ! *(SAI)*

NETO:- *(RETOMANDO)* E agora, Vovô !

AVÔ :- Olha lá !o Tatu?

NETO:- O tatuzinho ! O que ele vai fazer sem a casinha dele?

AVÔ :-Ora, vamos continuar inventando. O Tatu Bolinhase enrola todo por um instante depois sai caminhando á procura de um abrigo.

NETO:- VAI andando por um caminho muito perigoso e movimentado, porque por ali passa tudo quanto é bicho...

AVÔ :- Passa boi, passa boiada, passa gente apressada..

NETO:- Devagar, Tatu, você é muito pequeno !

(OS ATORES IMPROVISAM UMA GRANDE MOVIMENTAÇÃO PELO PALCO. PASSAM COM CARRINHOS DE LATA DE MARMELADA, PERNAS DE PAU, RODA DE ARCOS, BRINQUEDOS INFANTIS DOS MAIS VARIADOS; ENQUANTO O TATÚ VAI ATRAVESSANDO ENTRE ELES, ATÉ CONSEGUIR “SUMIR” POR TRÁS DOS PANOS DE UM IMPROVISADO TEATRINHO DE FANTOCHES)

NETO :- Cuidado Tatu! Lá vem uma galinha catando minhoca. Cuidado! Essa galinha é meio cega! Cuidado!

(NO PALQUINHO IMPROVISADO DO TEATRINHO DE FANTOCHES APARECE NUM CANTO, UMA GALINHA CISCANDO, E DO OUTRO UM TATÚ BOLINHA)

GALINHA :- *(CANTANDO)*

*EU VOU CISCANDO
TODO DIA, QUE ALEGRIA
A PROCURA DE MINHOCA
QUE AGONIA...*

GALINHA :- (*PERCEBE O TATUZINHO*) Ué, que gozado! Eu nunca vi minhoca dessa cor e desse tamanho.

TATUZINHO:- (*APAVORADO*) Calma, Dona Galinha, eu não sou minhoca não. Eu sou um Tatu !

GALINHA :- (*ASSUSTA-SE*) Vigí, Mãe! Tatu???

TATUZINHO:- Calma, calma, dona Galinha. Não é nem tatu Peba, nem tatu Bola... (*SE ENROLA*) é Tatu Bolinha!

GALINHA :- (*ALIVIADA*) Ainda bem que eu não sou surda. Muito prazer. Que que você tá fazendo por aqui?

TATUZINHO:- É que eu perdi minha casinha e agora eu tô procurando outra.

GALINHA :- Ave! Cruz credo! Sem casa nos dias de hoje? Coitado! Que judiação ! Cuidado por onde anda, quase que você vira meu almoço. É melhor ir por ali,beirando a cerca.

TATUZINHO:- Tá! “Brigado”, Dona Galinha.

GALINHA :- De nada! (*SAI CANTANDO*)

(*MÚSICA DURANTE A CAMINHADA DO TATUZINHO*)

UM TATÚ, UM TATÚ, UM TATÚ...
E BEM DEVAGAR
NO FUNDO DO QUNTAL
LÁ VAI O TATUZINHO
BEIRANDO A CERCA
PARA NÃO SE MACHUCAR...
LÁ VAI O TATÚZINHO!
O BICHO É PEQUENO
E PODE DEMORAR
PRA TÃO LONGE CHEGAR...
TEM POUCO COSTUME
DE TANTO ANDAR
E JÁ QUE ANDOU TANTO
PARA UM POUQUINHO
PRA DESCANSAR...
E DEPOIS DO DESCANSO
VEM A PREGUIÇA
E A PREGUIÇA VIRA SONO
E O TATUZINHO
ACABA POR COCHILAR...

AVÔ :- (*RETOMANDO A NARRATIVA*) Alí bem perto pastando gostoso um verde capim, um boi esganado, vai devorando tudo que encontra. É hora da bóia e boi que se preza, tá sempre com fome, comendo de dia e mascando de noite...

(*BOIZINHO APARECE NO TEATRINHO...*)

BOIZINHO:- (*COM MANIA DE CANTOR DE ÓPERA, CANTA O TOREADOR, DEPOIS FÍGARO*)

CADA BOCADA,
DO SEU REPASTO
É UMA DEVASTAÇÃO...

TATUZINHO:- (*ACORDANDO ASSUSTADO*) Ei, Boi! Cuidado comigo aqui em baixo!!!

BOIZINHO :- Ué, tô ouvindo alguém me chamar, mas não tô vendo ninguém.

TATUZINHO:- (*GRITANDO*) Sou eu Boi, o Tatu Bolinha! Olha eu aqui em baixo. Cuidado, você vai me pisar!

BOIZINHO :- Que estranho! Tô ouvindo vozes! (*CANTA*)

FÍGARO

FÍGARO

FÍGARO ...

TATUZINHO:- Ai, eu tô perdido! O Boi é surdo. (*ESGOELANDO*)

Boi ! Para! Olha eu aqui! Adeus mundo!

(*A GALINHA ENTRA GRITANDO*)

GALINHA :- Boi! Paraí!

BOIZINHO :- Parece que tem mesmo alguém me chamando.

GALINHA :-! Num dá mais nem um passo!

BOIZINHO :- Que foi??? Para de gritar que eu não sou surdo, sua... sua ... ah ! deixa pra lá. Onde já se viu interromper minha aula de ópera ? Que desrespeito !

GALINHA :- Será que você não tá enxergando não?

BOIZINHO :- Enxergando o quê?

GALINHA :- Você quase esmaga o Tatu Bolinha.

BOIZINHO :- (*FINALMENTE PERCEBE*) Ai, que desastre! Isso podia virar uma tragédia. Também quem manda ele ser tão pequeno...

GALINHA :- E quem manda você ser tão surdo?

BOIZINHO :- Você não se enxerga não? Você é mais cega que uma... que uma ... uma toupeira !

GALINHA :- Ah, vai plantar batatas, seu Boi babão...

BOIZINHO :- Sou babão mas não como minhoca !

GALINHA :- Eu como minhoca mas não rumino !

(*OS DOIS SAEM DISCUTINDO, ENQUANTO O TATUZINHO VAI CAMINHANDO APRESSADO*).

MENINO :- (*ENTRA CORRENDO, VÊ O TATUZINHO*) Ué, onde é que você vai com tanta pressa, Tatuzinho?

TATUZINHO:- Procurar um lugar pra eu morar.

MENINO :- Que aconteceu com a sua casa?

TATUZINHO:- Eu morava debaixo de uma tábuia...

MENINO :- E aí ?

TATUZINHO:- Aí, de repente ela sumiu.

MENINO :- Ihhhh ! Que mancada! Se eu soubesse que você morava debaixo daquela tábuia eu não tinha tirado pra fazer um balanço.

TATUZINHO:- (*MANHOSO*) Tem importância não !Deixa. Eu arranjo outra casinha.

MENINO :- De jeito nenhum. Eu é que vou arrumar uma casinha pra você.

TATUZINHO:- Jura ?

MENINO :- Claro! Vamos procurar?

TATUZINHO:- (*DESANDA A FALAR*) Mas eu quero uma casa bem bonita viu? Não pode ser casa de tijolo que esquenta muito, casa de madeira esfria demais. Pode ser com piscina, mas tem que ser piscina aquecida...

(MENINO PEGA O TATU BOLINHA NA MÃO)

MENINO :- Sabia que o senhor é muito exigente, seu Tatu Bolinha ?

TATUZINHO:- Que mão quentinha que você tem, menino!

MENINO :- É...

(MÚSICA)

CASA DE MADEIRA
EU NÃO QUERO
CASA DE TIJOLO
EU DETESTO
CASA COM PISCINA
DÁ MUITO TRABALHO
CASA SEM JARDIM
EU NÃO Tô AFIM ...
ASSIM NÃO DÁ...
ASSIM NÃO DÁ TATÚ
ASSIM NÃO DÁ TATÚ
ASSIM NÃO DÁ...
SE FOR SEM PAREDE
ELE FICA SEM A REDE
SE FOR CASA SEM TETO
ELE FICA DESCOBERTO
E SE NÃO TIVER VIZINHO
ELE SE SENTE TÃO SOZINHO
ASSIM NÃO DÁ TATÚ
ASSIM NÃO DÁ TATÚ
ASSIM NÃO DÁ...

MENINO :- Assim não dá, Tatu ! Casa de tijolo é muito fria. De madeira é muito quente. De pedra, você tem alergia. Assim não dá! Já tô cansado de procurar.

TATUZINHO:- Puxa, Menino! Você tem uma mão tão quentinha...

MENINO :- Eu sei. Você já falou isso um montão de vezes.

TATUZINHO:- Então, Menino!

MENINO :- Então, o quê?

TATUZINHO:- Você não tá percebendo ?

MENINO :- Percebendo o que ?

TATUZINHO:- (DENGOSO) Você tem a mão tão quentinha ...

MENINO :- (FALA PAUSADO) Você... já... falou... isso ... um... montão...de vezes !

TATUZINHO:- Então ? Será que eu não podia... morar na sua mão?

MENINO :- Ah, num dá, Tatu ! Eu não posso te segurar o tempo todo.

TATUZINHO:- Num é o tempo todo. Quando você tiver com a mão ocupada, você me põe dentro de uma caixinha de fósforos e daí, eu fico esperando você me segurar de novo.

(APARECE UMA CAIXINHA DE FÓSFOROS)

MENINO :- Sabidinho, hein? Você já pensou em tudo!

TATUZINHO:- Eu sou muito bem relacionado. Você tem uma mão tão quentinha...

MENINO :- (PEGA O TATUZINHO) É, vai ser bom ter um tatu bolinha de estimação...

(O HOMEM ENTRA EM CENA FURIOSO. AGARRA O MENINO)

HOMEM :- Ah, te peguei! Agora você tá frito, seu moleque!
 MENINO :- Me solta, moço. Eu não fiz nada.
 HOMEM :- Não vem com essa cara de santinho do pau oco, não!
 Você pegou a minha tábua de cedro e amarrou minha perna
 com essas fitas !
 MENINO :- Não foi eu não, Moço ! Me solta !
 HOMEM :- (*SEGURA O MENINO PELA MÃO*) Vô te amarrar no pé da
 mesa pra você aprender a não ser mentiroso. (*PERCEBE O
 MENINO COM A MÃO FECHADA*) O que é que você tá
 escondendo na mão? É uma pedra é ?

(*O MENINO TENTA SE DESVENCILHAR. ENTRE OS DOIS SE FORMA
 UMA RODA DE CAPOEIRA. A SEQUÊNCIA DA CENA É UMA DANÇA COM
 GINGADO, BERIMBAU, ATABAQUE, ETC.*)

HOMEM :- Mostra o que você tem na mão, vamos!
 MENINO :- Não mostro!
 HOMEM :- Abre essa mão !
 MENINO :- Não abro !
 HOMEM :- (*APERTA A MÃO DO MENINO COM FORÇA*) Ah, seu
 moleque é uma pedra que você tá escondendo aí, é? Cê vai
 tacar uma pedra ne mim, é? Mostra!
 MENINO :- Não mostro, não mostro e não mostro!

(*GALINHA E BOIZINHO, APARECEM NO TEATRINHO DE
 BONECOS*)

GALINHA :- Boi! Você tá ouvindo?
 BOIZINHO :- Eu não.
 GALINHA :- Você é surdo mesmo, hein? Num tá ouvindo o
 Menino gritando!
 BOIZINHO:- É mesmo! O Homem tá judiando dele, vamos lá!

(*BOI E GALINHA ENTRAM CHIFRANDO E BICANDO O HOMEM QUE
 FOGE APAVORADO*)

MENINO :- Que bom que vocês vieram. Ele queria abrir minha mão.
 Mas eu não deixei... (*ABRE A MÃO DEVAGAR, O TATU
 BOLINHA NÃO SE MEXE*) Tatu, Tatuzinho, você tá bem? Fala
 com a gente.
 BOIZINHO :- Ih, eu não tô gostando nada disso.
 DANGOLA :- Tatuzinho, para de brincadeira.

(*TATUZINHO NÃO SE MEXE*)

BOIZINHO :- Ele tá quieto demais.
 MENINO :- (*APROXIMA A MÃO DO OUVIDO*) Ele não tá respirando.
 Também o homem apertou minha mão com tanta força que eu
 acabei espremendo ele...
 GALINHA :- Num fica assim não, Menino.
 MENINO :-Ele tava tão feliz de morar na minha... eu tinha até arrumado
 uma casinha pra ele ficar.

(*MUSICA INSTRUMENTAL*)

DANGOLA :- E agora, o que é que a gente faz?
 BOIZINHO :- Eu vou buscar umas flores pra enfeitar a casinha dele.

DANGOLA:- E eu vou ciscar a terra pra ficar bem fofinha...
 (COLOCAM O TATU BOLINHA DENTRO DA CAIXINHA DE FÓSFOROS, ALGUMAS FLORES, UMA MÚSICA SUAVE... SAEM DE CENA. NETO E AVÔ ENTRAM DEPOIS DE UM TEMPO)

NETO:-Vovô, será que essa história não podia ser diferente?

AVÔ :- Diferente como, Neto?

NETO :- Assim, quando terminasse a briga, o Menino abria a mão, o Tatuzinho acordava, espreguiçava e dizia:- (*FALANDO EM FALSETE*) “Que barulheira toda foi essa, Menino? Não consegui dormir direito. Tive um sono agitado ! Aí, o Menino falava:- “ Sabe duma coisa, Tatu, acho melhor você ficar na sua casinha mesmo. Lá é mais seguro ! E assim, o Menino ficava com seu Tatu Bolinha de estimação, feliz pra sempre!

AVÔ :- Isso, Neto! Muito bem! Você conseguiu dar um outro final pra estória. (*APANHA UM LIVRO DE CAPA DURA E GROSSA*) Um presente para o mais novo contador de estórias...

NETO :- Legal, Vovô! (*ABRE O LIVRO*) Ué ! Mas não tem nada escrito!

AVÔ :- (*SORRI*) Mas um dia vai ter. É um livro em branco pra escrever as histórias que você for inventando.

NETO:- Que legal, Vovô...

(*LUZ CAI EM RESISTÊNCIA*)

CENA V

(*LUZ ACENDE EM OUTRO CANTO DO PALCO, O HOMEM ESTÁ EM CENA TODO MACHUCADO, GEMENDO*)

HOMEM :- Ai ! Ai! Eu juro que mato aquela galinha, eu juro que mato aquele boi ! Tô todo estropiado. Eu vou comprar uma cartucheira e vou passar fogo nos dois. (*SOPRA OS FERIMENTOS BEM MANHOSO*) Tadin de mim ! Nem sentar eu posso de tanta chifrada que eu levei na bunda. Bandidos! Eles me pagam! Ai ! Ai! Ai !

MULHER :- (*ENTRA FURIOSA TRAZENDO VÁRIAS GALINHAS COM FITAS AMARRADAS NO PESCOÇO*) Ah, cadê aqueles dois? Cadê? Moço!!! Será que o senhor não viu ? Deus do céu! Como o senhor tá machucado! O que foi que aconteceu, Moço?

HOMEM :- É uma longa história, Dona. Se eu contar a senhora nem vai acreditar. Só sei que eu apanhei tanto, mas tanto... tadindi mim

MULHER :- E que surra hein, Moço? Que pecado! Judiação! Quem foi que fez isso com o senhor?

HOMEM :- Foi um boi e uma galinha.

MULHER :- Num acredito!

HOMEM :- Num falei? Eu sabia que ninguém ia acreditar.

MULHER :- Num é isso, Moço, é que... era um Boi bem grande?

HOMEM :- Era!

MULHER :- E uma galinha choca?

HOMEM :- Isso mesmo!

MULHER :- Mas são eles! São eles, Moço! Aquela galinha é minha ! Eu fui tapeada! Fui roubada! Mas eu vou continuar atrás daqueles dois até encontrar...

HOMEM :- Dona, se eu fosse a senhora, tratava logo de arrumar uma outra galinha, porque aquela a senhora num vai ter de volta não.

MULHER :- Ué, e porque???

HOMEM :- Porque ela e o Boi não se separam de jeito nenhum. São unha e carne e quando ele fica nervoso, não tem santo que segura. Só se matar mesmo! (*TEMPO*) Ah, mas que cabeça a minha! A gente aqui proseando e eu nem pra oferecer um cafezinho pra senhora.

MULHER:- Ora, num precisa se incomodar não. Eu já ia andando mesmo.

HOMEM :- Que isso? A senhora não vai me fazer uma desfeita dessas, não é? Senta um pouco. Depois, tá escurecendo e no escuro a senhora não vai achar a sua galinha...

MULHER :- (*CEDE*) É verdade! Bem... já que o senhor insiste.

HOMEM :- Insisto e faço questão. (*VAI ATÉ O TEATRINHO DE MARIONETE*) Café! (*UM DOS ATORES APARECE VESTIDO DE GARÇOM COM UMA BULE E UMA XÍCARA DE CAFÉ*) Brigado! (*VOLTA E DÁ O CAFEZINHO PRA MULHER*)

MULHER :- (*EXPERIMENTA*) Hum ! Cafezinho bom !

HOMEM :- Ora, o que é isso, Dona. A gente faz o que pode.

MULHER :- O senhor já experimentou tomar chá de erva de santa maria pras suas machucaduras?

HOMEM :- Não senhora.

MULHER :- Pois é um santo remédio. Cura qualquer trôçoe eu conheço uma simpatia que é tiro e queda pra espantar olho gordo.

HOMEM :- Num diga! Mas a senhora me caiu do céu !

MULHER :- (*COQUETE*) Que isso !Deixa a senhora de lado. Pros amigos eu sou Lindalva.

HOMEM :- (*BEIJA-LHE A MÃO NUMA REVERÊNCIA DESAJEITADA*) Faz muito meu gosto !Ernesto Malhado Moroso, um seu criado ! (*TEMPO*) A senhora... é Lindalva ! Por acaso, a senhora num gostaria de conhecer a minha criação de passarinho?

MULHER :- Ô se quero!

HOMEM :- Tem de tudo quanto é qualidade. Sanhaço! Bicudo! Pica-pau!

MULHER :- Quero – quero, tem ?

HOMEM :- (*TIRA UM LENÇO DO BOLSO, AS FITAS COLORIDAS CAEM NO CHÃO*)Ôôô, se tem !

MULHER :- (*ESPANTA-SE*) Eu não acredito !!!

HOMEM :- A senhora gostou ?

MULHER :- Lindalva !

HOMEM :- É, desculpa. Lindalva ! Pode ficar com elas.

MULHER :- (*DÁ UM PISCADA PARA A PLATÉIA*) Faz muito o meu gosto !

(*ENTRA UMA MÚSICA ROMÂNTICA, OS DOIS ENTRAM PARA O ALBÚM DE FOTOGRAFIAS*)

CENA VI

(*LUZ VOLTA ACENDER NO AMBIENTE ONDE ESTÃO NETO E O AVÔ*)

NETO :- Que legal, Vovô. Então eles acabaram ficando juntos?

AVÔ :- Eles se casaram e a Dangóla ficou comigo por muitos e muitos anos...

NETO:- Vovô! E a fotografia do seu quintal?

AVÔ :- (*VIRA MAIS UMA PÁGINA DO ÁLBUM*) É essa, Neto!

NETO:- Que quintal grande!

AVÔ :- Tá vendo essa mangueira? Debaixo dela eu fazia rio, floresta, cidade...

NETO:- Tudo debaixo da mangueira, Vovô?

AVÔ :- Tudo debaixo da mangueira...

(*ENTRAM EM CENA ALGUNS ATORES, VESTIDOS COMO CRIANÇAS, BRINCAM E DRAMATIZAM A NARRAÇÃO DO AVÔ*)

AVÔ :- E com palitos de sorvete eu fazia cerquinha pra guardar os bichos de frutas. Depois vinham os meninos com seus caminhõezinhos de madeira, correndo pelas estradas de lama, passando por pontes, montanhas, até chegar lá na cidade. E as meninas, Neto? Vinham brincar com a gente, com suas bonecas de panos, bonecas feitas espigas de milho. E num galho da mangueira eu pendurava um balanço. Ele ia tão alto que parecia que chegava nas nuvens... A gente brincava o dia inteiro e nem via o tempo passar...

NETO :- (*APONTA UMA OUTRA FOTOGRAFIA*) Nossa Vovô, que boneco engraçado!

AVÔ :- É um espantalho, Neto!

NETO:- Espantalho???

AVÔ :- É ! Pra espantar passarinho do milharal, mas não adiantava nada. Ele atraía tudo quanto é passarinho, rolinha, periquito, bem-te-vi, tico tico ! Todo ano eu plantava uma roça de milho. Depois de um dia de chuva, assim como hoje, o cheiro da terra molhada e o verde do milharal era uma festa. O milho ia crescendo, dava cada espiga graúda, verdinha. Cheio de cabelo dourado ...

(*MÚSICA*)

*BONECA DE MILHO
NO MEU QUINTAL
CABELOS DE OURO
FITAS NO VARAL...*

*FIOS DE PRATA
ANTES DA CHUVA
CABELOS DE OURO
DEPOIS DO SOL ...*

*MENINA DE TRANÇA
OU LAÇO DE FITA
BONECA DE MILHO
VESTIDA DE CHITA...*

(*NO FINAL DA CANÇÃO OS ATORES SAEM DE CENA...*)

NETO:- Vovô, posso te mostrar um segredo?

AVÔ :- Pode.

NETO:- Promete que não conta pra ninguém?

AVÔ :- Prometo!

(NETO SAI DE PERTO DO AVÔ, VAI ATÉ O OUTRO CANTO DO PALCO, ONDE UMA MENINA JOGA AMARELINHA, ELE VEM POR TRÁS E TAPA SEUS OLHOS)

MENINA :- Neto?

NETO:- Acertou!

MENINA :- Eu ...tenho uma coisa pra te dar.

NETO:- O que é?

MENINA :- Adivinha!

NETO:- É doce ou salgado?

MENINA :- Não é de comer...

NETO:- Deixa eu ver...é de que cor?

MENINA :- Colorida!

NETO:- Mas pra que é que serve?

MENINA :- Pra guardar...

NETO:- É uma coisa grande ou pequena?

MENINA :- Pequena.

NETO:- Já sei! É a fotografia que te pedi.

MENINA :- Acertou! (ENTREGA-LHE A FOTOGRAFIA)

NETO:- (APANHA A FOTOGRAFIA)

MENINA :- Tem uma coisa escrita atrás.

NETO:- (VIRA A FOTOGRAFIA) Eu também te gosto muito...

(TEMPO, OS DOIS SE OLHAM EMBARAÇADOS)

MENINA :- É...

NETO:- Pois é...

MENINA :- Eu... acho que a minha mãe tá me chamando.Tiau!

NETO:- Tiau!

(A MENINA SAI DE CENA, LUZ SE APAGA, NETO VOLTA PARA JUNTO DO AVÔ)

NETO:- Meu segredo, Vovô.

AVÔ :- Quem é ela, Neto?

NETO:- Uma... amiga que eu tenho no colégio.

AVÔ :- Amiga...

NETO:- É, quer dizer...

AVÔ :- Ela é muito bonita, trás ela aqui pra eu conhecer?

NETO:- Trago. (BOCEJA)

AVÔ :- Você tá com sono?

NETO:- Um pouco.

AVÔ :- Deita aqui... vem! Não esquece de desligar seu joguinho.

NETO :- Não é um joguinho, Vovô. É um tablete !

AVÔ :- Sei !

NETO:- Eu vou te mostrar !

AVÔ :- Agora não, Neto. Uma outra hora.

NETO :- Tive uma idéia ! A gente pode colocar todas as fotografias do álbum aqui dentro ! Que tal ?

AVÔ :- Pode ser ! Você me ensina ?

NETO :- Claro, Vovô. É muito fácil. (DESLIGA O TABLETE, RECOSTA-SE NO COLO DO AVÔ) Vovô? Posso ficar com seu álbum de fotografias?

AVÔ :- Um dia, Neto. Ainda tem muitas páginas pra colocar novos retratos...

(MÚSICA)

*DORME MENINO
SONHA COM A MENINA
QUE NO SEU SONO VIRÁ
A PAZ E O SEGREDO
DE UM FUNDO DE QUINTAL...
DORME EM SILÊNCIO
DORME TRANQUILO
SONHA QUE AGORA
SEU TEMPO MENINO
NÃO VAI NUNCA PASSAR...
SONHA BEM ALTO
VOA BEM LIVRE
NÃO DEIXE SEUS SONHOS
MENINO
PARAR DE SONHAR...*

(NETO COLOCA A FOTOGRAFIA DA MENINA NO ÁLBUM E ADORMECE JUNTO COM O AVÔ. LUZ CAI EM RESISTÊNCIA. SOBE NUM OUTRO CANTO DO PALCO. PAI E MÃE EM CENA, MOLHADOS, PROCURANDO.)

MÃE :- (CHAMANDO) Neto! Seu Lau! Nada, Cláudio ! Nem sinal dos dois.

PAI :- Calma, Denise eles não devem ter ido muito longe.

MÃE :- Mas onde, Cláudio? Tá chovendo muito forte e eu já tô cansada de procurar.

PAI :- Eles devem ter entrado na casa de alguém.

MÃE :- Na casa de quem, Cláudio?

PAI :- Não sei. Vamos continuar procurando!

MÃE :- E continuar fazendo papel de bobos, perguntando pras pessoas se viram um menino chamado Neto e um velho maluco e irresponsável, debaixo de um toró desses?

PAI :- Eu acho que você se preocupa demais, Denise.

MÃE :- Ai, Cláudio, essa tua calma me irrita. Eu vou ligar pra minha mãe. (APANHA O CELULAR E LIGA)

PAI :- Sabe de uma coisa? Essa chuva me fez um bem danado...

MÃE :- (DESLIGA O CELULAR) Droga!!! Ta dando caixa postal ! (OUVE A CANÇÃO VINDO DO QUARTO) Cláudio? Você tá ouvindo?

PAI :- Devem ser eles...

*(OS DOIS ENTRAM NO QUARTO. ENCONTRAM O AVÔ E NETO DORMINDO. NO CHÃO, UM BOIZINHO DE CHUCHU, UM OVO AZUL, UMA CAIXINHA DE FÓSFOROS. O RELÓGIO CUÇO CANTA DEZ HORAS. FORA DE CENA CONTINUA CHOVENDO)
EPÍLOGO*

(LUZ ACENDE LENTAMENTE NO ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS.OS ATORES SE COLOCAM, NUMA GRANDE POSE. FLASH! BLACK-OUT!

FIM

Esta peça estreou no dia 08 de novembro de 1986, no Teatro Lua Nova
– Rua 13 de Maio, 161 – Bela Vista – São Paulo – SP, com o seguinte
elenco:-

Antonio Amadeu
Cássia Guindo
Janaina Rocha
Rosaly Grobman
Vicente de Lucca
Valnice Vieira Bolla
Wendell Bezerra

Músicos, Direção Musical e Músicas de:-

Gustavo Kurlat
Giba Maciel
Rogério Costa

Adereços, Bonecos, Cenários e Figurinos:-

Valnice Vieira Bolla

Direção do Autor

Produção:- Grupo “PASÁRGADA”

- recebeu, Prêmio Estímulo da Secretaria de Estado da Cultura
APETESP/86 - ator coadjuvante (Antonio Amadeu)
APETESP/86 - atriz revelação (Janaina Rocha)
PRÊMIO GOVERNADOR DO ESTADO – melhor texto

CD COM AS MÚSICAS DE

VELHO RETRATO NOVO ou VELHOS RETRATOS

de José Geraldo Rocha

LABIRINTO DE FILÓ

Musical

José Geraldo Rocha

Sinopse

Essa é a história da Menina da Rua de Cima e do Menino da Rua de Baixo que estudam na Escola do Meio da Rua. Os dois se encontram para viver um conto e a história da minhoca Filó, uma minhoca curiosa e perguntadeira com um monte de dúvidas na cabeça e que de tanto pensar, se perde num labirinto de buracos e tuneis.

PERSONAGENS: Vico, o Menino da Rua de Cima
Lia: a Menina da Rua de Baixo
A Minhoca Filó
O Minhoco
O Minhocoçu
Guardião do labirinto
As Minhocoques
A Narradora

NOTA EXPLICATIVA: Este texto pode ser encenado com 4 atores e 1 músico.

Maio 2012

CENA I

(Uma música de fundo. Um tecido grande pendurado onde os atores bordam desenhos com traços infantis)

ATRIZ I - Eu bordo o conto com ponto corrente e deixo o fio inventar o caminho...
 ATOR I - Eu faço o desenho do avesso e corro atrás dos pontos. Ponto lançado, ponto cheio...
 ATRIZ II - Ponto cruz. Pé de flor. Ponto matiz. Ponto areia. Ponto final ! Com um ponto eu ponho limite pra história não fugir ...
 ATRIZ I - E vou bordando cenas e mais cenas entre pontos !

*Entre a rua de cima e a rua de baixo
 tem a escola do meio da rua
 com árvores, campinho de futebol, pátio de recreio,
 e desenhos dos alunos nos muros caiados.*

*Na escola do meio da rua
 estuda a Menina da rua de cima
 e o Menino da rua de baixo.*

*Na escola do meio da rua
 Aconteceu o encontro que virou conto
 Nasceu o encanto que virou um canto...*

*O conto é a história que os dois se contam
 O canto é o lugar onde eles plantam
 Segredos e sonhos ...*

(Primeiro encontro)

MENINO - Oi ! Eu moro na rua de baixo.
 MENINA - Oi ! Eu moro na rua de cima.
 MENINO - Eu to na sexta.
 MENINA - Eu na quinta. Eu estudo de manhã.
 MENINO - Eu estudo de tarde.
 MENINA - A gente estuda na mesma escola.

(Música ou efeito sobre pantomima do recreio na escola)

CENA II

(Segundo encontro)

MENINO - Oi ! O que cê tá fazendo ?
 MENINA - Escrevendo uma poesia que o professor de português pediu.
 MENINO - Lê pra mim ?
 MENINA - Ainda tá sem sentido.
 MENINO - Como sem sentido ?
 MENINA - Parece um labirinto.
 MENINO - Pra escrever poesia precisa muito esforço ?
 MENINA - Depende.
 MENINO - Do quê ?
 MENINA - De inspiração.
 MENINO - Eu não gosto de poesia.
 MENINA - Eu não acredito que existe alguém que não gosta de poesia !
 MENINO - Eu acho poesia muito chato.
 MENINA - Fica quieto que você não sabe o que está falando.

(Menino sai, enquanto a Menina busca A INSPIRAÇÃO. Uma figura composta pela Atriz I)

MENINA - Vem inspiração ! Vem !
(declamando)

*Enquanto a chuva não vem
as nuvens bordam
figuras no céu...*

(Atriz I/Inspiração faz sinal de aprovação)

MENINA - (empolgada) *Ela disse que vinha
mas nem te ligo
farinha de trigo...*

(Atriz I/Inspiração faz sinal de mais ou menos)

MENINA - (continuando) *O sol não deu a cara
E foi fazer verão
Do lado de lá...*

do Japão...

*Quem está de cabeça quente
Devia usar chapéu...*

(Atriz I/Inspiração faz cara de quem não gostou e desaparece)

MENINA - (dramática) Não por favor, Inspiração ! Não vá embora. Eu não consigo viver sem você. Volte por favor.

(Música)

*Lá no alto do céu
O sol acordou de cara amarrada
E não quis amanhecer*

*A chuva que estava pronta pra cair
Mudou de idéia e ficou parada ali
Com cara de chuveiro*

*O vento levou um susto
E ficou engasgado depois
Que engoliu um avião*

*Aqui em embaixo
A terra passou uma noite aflita
Com soluço e dor de barriga*

CENA III

(Terceiro encontro)

MENINA - (continuando)

*Todos acordaram de mau humor
E cada um tinha um motivo pra resmungar
O dia parecia que não queria começar...*

(Menino entra em cena carregando um saco de terra)

MENINO - E o que mais ?
 MENINA - Por enquanto é só. Vou dar um breque na inspiração. E você o que cê tá fazendo?
 MENINO - Procurando uma caixa pra plantar as sementes que a professora de ciências pediu.
 MENINA - Eu tenho uma gaveta que eu não uso mais. Serve ?
 MENINO - Serve.
 MENINA - Eu vou pegar. (*chamando*) Manhêê ! Sabe aquela gaveta velha que eu não uso mais ?

VOZ EM OFF DA MÃE DA MENINA - Sei !

MENINA - Posso pegar ?
 VOZ - Pode !
 MENINA - (*entrega a gaveta para o MENINO*) Pode ficar.
 MENINO - Valeu !
 MENINA - Eu não gosto de ciências.
 MENINO - Eu não acredito que existe alguém que não gosta de ciências !
 MENINA - Eu gosto de desenhar, inventar frases, escrever histórias e guardar nas gavetas do armário. Quando eu crescer quero ser jornalista, poeta ou cantora. (*canta desafinado*)
 MENINO - (*Tapa os ouvidos*) Jornalista ! Jornalista é melhor !
 MENINA - Tudo bem. Até lá ainda tem muito tempo pra escolher. Eu só tenho 10 anos.
 MENINO - Quando eu crescer eu quero ser músico, jogador de futebol ou cientista. (*faz cara de maluco*) Por enquanto eu sou um pouco de cada coisa.
 MENINA - Quantos anos você tem ?
 MENINO - Onze.
 MENINA - Prazer ! Lia.
 MENINO - Nome legal.
 MENINA - Eu gosto do meu nome. E você ?
 MENINO - Que que tem ?
 MENINA - Como é seu nome ?
 MENINO - Vico !
 MENINA - Vico ?
 MENINO - É, de Ludovico, entende?
 MENINA - Legal ! Eu gosto.
 MENINO - Eu não. É muito comprido. Prefiro só Vico.
 MENINA - Sóvico ?
 MENINO - Vico !
 MENINA - Tá entendi. Tiau ! (*saí*)
 MENINO - Tiau ! (*saí*)

CENA III

(*Quarto encontro*)

MENINO - Você terminou a poesia ?
 MENINA - Num tô conseguindo. Minha cabeça deu um nó! Acho que vou escrever uma história em vez de poesia.
 MENINO - Mistura os dois.
 MENINA - Como assim ?
 MENINO - Escreve história e poesia misturado.
 MENINA - Boa idéia. Vou tentar. E você ? Terminou o trabalho que a professora de ciências pediu ?
 MENINO - Quase. Tô preparando um minhocário.

MENINA - Eca ! Eu tenho nojo de minhoca .
 MENINO - Bobagem. Eu vou pegar pra você ver.
 MENINA - Socorro. Sai pra lá, seu nojento ! (sai correndo)
 MENINO - Que frescura ! Menina boba. Minhoca não faz nada.

(Coloca uma placa no minhocário; Vila das Minhocas. Sai com um fone no ouvido)

CENA IV

(Um grande tecido de tule cobrindo o palco representando o minhocário. Um cartaz onde se lê: “Vila das Minhocas” – conforto – qualidade de vida e bons vizinhos. Um bom lugar para você e sua família viverem felizes. Música ou efeito tipo jingle. O DJ é o Minhocoçu, um boneco ou ator vestido de minhoca que apresenta um programa de radio)

MINHOCOÇU- Essa é a Radio Minhoca apresentando o programa PERGUNTAR NÃO OFENDE. Um programa com comentários, entrevistas, musicas e reportagens. Dúvidas e interrogações, mande sua carta, seu email, facebook ou twiter para, o dj.minhocoçu@minhocario.com . Nossos ouvintes perguntam:

- A noite é um véu que engole o dia ?
- A lua é uma tigela que cabe na panela ?
- A idéia é um pensamento que nasceu ?
- Quem pôs sal na água do mar ?
- Quem pôs doce na água do rio ?

MINHOCOÇU- Eu vou responder logo depois desse grande sucesso do momento:
 Ser ou não ser cabeça de minhoca, desse grande compositor,
 William Shakespiro.

(Sobe prefixo do programa com os atores debaixo do tecido os fazem movimentos como minhocas sob a terra)

(Cantam)

Ó dúvida !
 Ó dor de cabeça que dá,
 de tanto pensar,
 de tanto querer saber !.

A terra é feita de água...
 O sol é feito de fogo...
 O ar é quente...
 A água é fria

outra hora

O ar é frio
 A água é quente
 A terra esquenta
 O sol esfria ...

Ai de mim
 que não consigo entender !.
 Em algum lugar
 eu sou um pontinho
 que ninguém vê ...

*A água
é dura quando se veste de gelo
ou um pingo mole
que tanto bate
até que fura ...*

*O ar
está tem todo lugar
e ninguém vê
é forte como o vento
quando empurra a canoa
ou um balão de ar ...*

*É fraco quando está preso
num saco de pipoca
ou na goma de mascar..*

*Ai de mim
que não consigo entender !.
Em algum lugar
eu sou um pontinho
que ninguém vê ...*

*Ai de mim
Que nada sei
Ai de mim que tenho dúvida
E não sei pra onde vou !
O que será que eu faço ?
O que será que eu não faço ?
Não sei se vou por aqui ?
Não sei se vou por ali ?*

(Aparece a Minhoca Filó, perguntadeira e cheia de dúvidas)

FILÓ - Ser ou não ser
 Quem sou eu nesse mundo todo ?
 Na minha cabeça deu um nó.

(Ouvem-se vozes em off, vindo de vários lugares como se fossem das janelas de um prédio)

VOZES - Filóóó !!! Não acredito ! Chega de nhenhennhennnnnn !

- Acabei de mudar e tenho que colocar isopor na parede.

- Pssiiiiuuuuu ! Eu quero dormir. É muito cedo pra tanta perguntação.

- Filó. Será que você não pode ser uma minhoca normal como todas as outras ?

- Absurdo ! Onde já se viu ? Uma minhoca com crise de identidade !

FILÓ - Será que vocês não entendem ? Eu sou pequena ainda e tô na fase do porque ? Nunca foram criança não ?

VOZES -Fui ! Mas não tão chata como você.

- Ninguém merece essa vizinhança

FILÒ - Pois fiquem sabendo que eu não vou voltar pro meu buraco enquanto não entender um monte de coisas.

VOZES - Eu não acredito ! Já vai se enfiar em outro buraco ? Azar o seu vai acabar se perdendo. Tu vai levar um escorrega !
 FILO - *(fica emburrada)* Ninguém me entende !

(Aparece o MINHOCO e faz um monte de “minhoquice” para chamar atenção)

FILO - *(resmungando)* Hoje eu não tô com graça... todo mundo fica falando que eu sou chata.
 MINHOCO - Nossa Filó, porque cê tá tão brava ?
 FILÓ - Deixa pra lá Minhoco. Eu quero ficar sozinha. Ninguém me entende mesmo. Ninguém gosta de mim
 MINHOCO - Eu gosto de você, Filó.
 FILO - Ficam falando que eu não sou uma minhoca normal, que eu to com crise de idade, crise de universidade...
 MINHOCO - Eu te entendo, Filó
 FILO - Crise de obesidade...
 MINHOCO - Filó!!! Eu já passei por isso.
 FILÓ - Jura !
 MINHOCO - Juro. Vamos procurar as respostas ?
 FILO - Onde?
 MINHOCO - No labirinto.
 FILO - Ah não ! Lá é muito perigoso ! A gente pode se perder.
 MINHOCO - Desta vez eu estou preparado.
 FILO: - Você já se perdeu lá ?
 MINHOCO - Já. Quando me acharam eu tinha crescido de tanto cavar túneis.
 FILO - *(medrosa)* Sei não. Agora além de dúvida eu to com medo.
 MINHOCO - Ah !Não se preocupe, tolinha. Eu fiz um mapa de todas as passagens secretas.
 FILÓ - Um mapa ?
 MINHOCO - *(mostra)* Olhe só ! Nós entramos por aqui. Vamos por esse caminho e desviamos de todos os lugares perigosos.
 FILÓ - *(relutante)* Sei, não, Minhoco. Eu continuo com medo. Ouvi dizer que lá tem muito bichão.
 MINHOCO - Bobagem. Não existe nenhum bichão no labirinto. Acredita.
 FILÓ - E se a gente perder o mapa ?
 MINHOCO - Se a gente perder o mapa... Tchan tchan thcan ! Eu tenho um novelo de linha.
 FILÓ - Pra que a linha ?
 MINHOCO - Nós prendemos ela na entrada do labirinto e vamos soltando devagarinho quando a gente quiser voltar, vamos seguindo a linha até chegar de novo na entrada.
 FILO - Uau ! Boa idéia, Minhoco. Você é um gênio. Onde você aprendeu isso ?
 MINHOCO - Eu li muitos livros e guardei tudo na memória.
 FILO - Puxa, você tem a cabeça de minhoca mais inteligente que eu conheço
 MINHOCO - Então, vamos ? Eu levo o mapa e você vai esticando a linha.
 FILO - Vamos.

(Os dois vão cantando uma parlenda até chegar na entrada do labirinto)

*Andei... andei... andei
 Cansei...cansei...parei !
 Sentei...esperei.. esperei...dormi!
 Sonhei...sonhei ..sonhei... acordei !
 Levantei...andei...andei... andei !*

Cansei...cansei...parei!

(Chegam na entrada do labirinto. Aparecem cartazes: Afastem-se ! Perigo Cuidado ! Filó continua em dúvida se entra ou não)

MINHOCO - Vem, Filó!
 FILÓ - Num vou !
 MINHOCO - Cê vai desistir ?
 FILÓ - Antes eu tava com medinho, agora eu tô com medão !
 MINHOCO - Não seja medrosa. Eu vou na frente.

(Enquanto os dois falam, um boneco ou atriz vestida de minhoca observa os dois com um binóculo. Entram no labirinto, Minhoco segue na frente com o mapa e Filó atrás esticando o novelo de linha)

MINHOCO - Quatro passos pra esquerda ! Agachar ! Dois passos pra trás !
 Devagar ! Cuidado !
 (caem num buraco)
 OS DOIS - (eco) Vamos cair num buraaaaaaco !
 (Tempo)

(A repórter investigativa Mila Minhoca, tira um celular e liga para um furo de reportagem. Entra prefixo de várias estações de rádio misturadas, até sintonizar o prefixo de um programa. O DJ/Minhocoçu interrompe o programa para uma notícia extraordinária)

MINHOCOÇU- Interrompemos nossa programação para uma notícia de última hora. Acabo de saber que a minhoca Filó acompanhada do Minhoco entraram no labirinto. (falando ao celular) Eu estou com a nossa repórter investigativa, Mila Minhoca na outra ponta da linha. Fala daí, Mila.
 REPÓRTER - Olha Minhocoçu é isso mesmo. Eu vi os dois entrando no labirinto sem saída...
 MINHOCOÇU- Como assim, Mila ? O labirinto está fechado há muito tempo e é perigoso entrar lá. Eles levaram celular, gps...?
 REPORTER - Nada. O Minhoco tem cabeça mole e não acredita nessas modernidades...
 MINHOCOÇU- O que eles foram fazer lá, heim Mila ?
 REPÓRTER -Não sei, ninguém sabe mas eu vi !
 MINHOCOÇU- (Interferência na comunicação, zumbidos e chiados) Alô ? Alô, Mila? Perdemos o contato. Voltaremos em breve ! Manteremos nossos ouvintes informados sobre essa aventura.

(Novamente entra prefixo de várias estações de rádio misturadas. Minhoca repórter sai.)

CENA V

(Minhoco e Filó dentro do labirinto)

MINHOCO - Filó ? Você está bem ?
 FILÓ - Estou !
 MINHOCO - Me segue !
 (Caminham ajoelhados, efeito de água)
 FILÓ - Que é isso, Minhoco ?
 MINHOCO - Um lençol freático !
 FILÓ - Lençól fleumático ?

MINHOCO - Lençol freático, Filó. Um rio subterrâneo.
 FILÓ - Eu não quero virar minhoca de minhoca.
 MINHOCO - Vem por aqui. Mais dois passos para a direita.

(Som de um pássaro grasnando)

FILÓ - Que barulho é esse ?
 MINHOCO - Deve ser um gralha procurando comida.
 FILÓ - Eu não quero virar minhoca comida.
 MINHOCO - Será que gralha come minhoca ? Melhor a gente ir por outro caminho. Vamos ter que passar por esse abismo pendurados. Segure firme.

(Agarram-se em um cano pendurado. Aparece uma figura. É o guardião do labirinto)

GUARDIÃO - Aqui vocês não passam !
 MINHOCO - Quem é você ?
 GUARDIÃO - O guardião do labirinto
 MINHOCO - Eu não conheço nenhum guardião do labirinto.
 GUARDIÃO - Tá conhecendo agora ! Voltem antes que seja tarde.
 FILÓ - Minhoco ! Eu não quero mais saber as repostas de nada. Prometo não perguntar mais...
 MINHOCO - *(chamando-a a parte)* Filó ! Ele não é de verdade.
 FILÓ - Você não falou que tinha guardião, gavião, lençol portátil, abismo...
 Eu quero voltar pro meu buraco de minhoca.
 MINHOCO - Filó ! Confie em mim, nós vamos conseguir...
 GUARDIÃO - O que é que vocês dois estão cochichando aí ? *(Prende os dois, ri muito)* Ah ! Ah Ah ! Vou devorar mais dois.
 MINHOCO - Me solte seu monstro fajuto !
 FILÓ - É isso mesmo, me solte que eu prometo nunca mais aparecer por aqui.
 GUARDIÃO - Agora não tem mais chance, minhoquinha. Vocês vão virar minhoca frita.
 MINHOCO - Pera ! Pera ! Antes de devorar a gente você tem que fazer a gente adivinhar o enigma.
 GUARDIÃO - Enigma, que enigma ???
 MINHOCO - O enigma do labirinto, você não conhece não ?
 GUARDIÃO - Não !
 MINHOCO - Então sai pra lá seu monstro fajuto, quem mandou faltar na aula de mitologia grega.
 GUARDIÃO - *(solta os dois)* Mitologia grega ??? Desculpa aí heim ? Podem passar ! Mas como é mesmo essa história do enigma ?
 MINHOCO - Vai procurar na biblioteca que você encontra, seu monstro burro. Vem, Filó vamos andando.
 GUARDIÃO - *(Sai resmungando)* Bem que meu pai falou que eu não devia fugir da escola...

(Guardião desaparece)

FILÓ - Demais, Minhoco. Como é que você descobriu que ele era de mentira ?
 MINHOCO - Fácil ! Ele não falou as palavras corretas.
 FILÓ - Que palavras corretas ?
 MINHOCO - Ele devia ter dito: Decifra-me ou te devoro !
 FILÓ - E ele falou "aqui vocês não passam". E o que mais ?
 MINHOCO - Ai ele deveria pedir pra responder o enigma: qual o bicho que de manhã anda com quatro patas, a tarde com duas e a noite com três.

FILÓ - Nossa, Minhoco ! Que difícil ! Que bicho é esse ?
 MINHOCO - É o bicho homem, Filó !
 FILÓ - O bicho homem ?
 MINHOCO - *(sai engatinhando do labirinto)* É Filó. Quando ele é bebê ele engatinha, anda com quatro patas, *(fica de pé)* quando ele é adulto, ele anda com duas patas *(imita um idoso com uma bengala)* e quando ele é velho anda com três patas... de bengala.

(Som de uma galinha cacarejando)

FILÓ - Que barulho é esse ?
 MINHOCO - Acho que é...??? Vamos fugir, Filó ! Esse bicho come minhoca !

(Saem correndo)

OS DOIS - Socorro ! É uma galinha !!!

(Luz apaga. Perdem-se no labirinto)

CENA VI

(Luz de lanterna no quarto da Menina contrastando com o escuro do labirinto. Canta uma canção)

*Choveu noite e dia
 Pela rua do sabão
 Entrou na ladeira
 Do Escorrega Lá Vai Um...*

*Virou riacho
 A viela do sorriso
 Levou embora
 O meu pé de amora ...*

*E na rua de cima
 E na rua de baixo
 Choveu sereno fininho
 E o sol saiu de mansinho ...*

VOZ EM OFF- Lia, sai desse quarto. Tá um dia lindo lá fora. Chega de tanto ler escrever. Você precisa de sol, Menina !

MENINA - Agora não dá, Mãe. Tô inventando uma história e misturando com poesia pra ver se dá certo. *(lê o que escreveu)* O Menino da Rua de baixo, que gosta de minhoca... eca ! fechou os olhos e ouviu o barulho da chuva caindo no telhado. *(declama)*

*Pensou na Menina da rua de cima ...
 abriu os olhos, foi até a janela
 ficou vendo os pingos
 correndo na calçada...
 Fazia tempo que não chovia
 e o cheiro de terra molhada
 entrava por todas as frestas da casa,
 por debaixo da porta
 e até pelo buraco da fechadura.*

(Para de declamar e lê):

MENINA - O Menino da rua de baixo, saiu na rua para se molhar na chuva. Começou a gritar de alegria e chapinhar nas poças d água. De

repente, um relâmpago riscou o céu, um trovão explodiu, um raio queimou a árvore da rua de cima...

(Apaga a lanterna na barraca da Menina)

CENA VII

(O Minhoco e Filó estão separados e perdidos no labirinto. Cada um de um lado. De um lado, uma chama queima o mapa. Minhoco tenta apagar o fogo)

MINHOCO - Nããããão ! O mapa *(cena continua no escuro. Minhoco acende uma lanterna presa num capacete)* Calma ! Muita calma nessa hora, Minhoco. Você tem que encontrar a Filó e depois descobrir como sair do labirinto. Fácil ! Pensa, Minhoco ! Pensa ! Filó ??? Filóóóóó !

(De outro lado, Filó encontra o novelo de linha)

FILÓ - Ai, tô salva. Encontrei a linha. *(segura a linha e puxa)*

(Num outro canto do palco, aparece um boneco rato roendo a linha)

FILÓ - *(fica com o fio de linha solta nas mãos)* Não !!! Eu tô perdida ! *(eco)* perdida ... dida... dida ...

(Os dois caminham em câmara lenta na mesma direção e não se encontram. Depois em direção opostas repetindo o mesmo jogo)

FILÓ - Calma, Filó. Muita calma nessa hora. Respira ! *(faz um mantra)* Pensa ! Você tem que encontrar o Minhoco e depois descobrir como sair do labirinto. Fácil ! Fácilimo ! Socorro !!!

(Minhoco assovia de um lado do palco)

MINHOCO - Ei, tem alguém aí ? Respondam. Aqui é o Minhoco e eu estou perdido no labirinto.

(Filó ouve os assovios)

FILÓ - Ei, quem está aí ? Continue assoviando .

MINHOCO - É por aqui. Venha nessa direção.

(Encontram-se)

FILÓ - Minhoco ! Eba, que bom que eu te encontrei.

MINHOCO - Você está bem ?

FILÓ - Estou ! Um rato roeu a linha.

MINHOCO - E um raio queimou o mapa. *(fica apavorado)* Estamos perdidos.

FILÓ - Não, Minhoco. Nós estamos juntos e vamos encontrar uma saída.

(Os dois caminham, de repente tropeçam na gaveta do minhocário, encontram várias coisas escritas)

FILÓ - Ai, tropecei em alguma coisa ?

MINHOCO - Machucou ?

FILÓ - Não ! Só um raladinho de nada O que é isso ? Parece um baú.

MINHOCO - É uma gaveta velha.

FILÓ - Tem um monte de papéis escritos.

MINHOCO - (Lê)

*O sol é uma bola grande de cabeça quente
A terra é uma bola pequena de cabeça fria
O sol fica parado no céu
A terra fica girando no ar...*

FILO - Espera !

MINHOCO - O que foi ?

FILO - Tem um monte de pensamento relâmpago estalando aqui na minha cabeça e eles não querem ir embora.

MINHOCO - Então pensa devagar, Filó. Não deixa escapar.

FILO - Eureka! Entendi, Minhoco. É um jogo de pensar um pensamento de cada vez fazendo combinação.

MINHOCO - Como assim ?

FILO - Pensa alguma coisa, rápido ! O que vier na sua cabeça.

(Vão tirando e lendo muitas tiras de papel da gaveta)

MINHOCO - A lua é uma pizza gigante pendurada no céu.

FILO - A idéia é um pensamento que brotou.

MINHOCO - Quem pôs sal na água do mar...

FILÓ - Também pôs doce na água do rio...
(canta)

*A chuva cai da nuvem
Leva o rio e a cachoeira
Pra tomar banho de mar
A água sai da fonte
Cantando de mansinho...*

*Eu sou água de beber
Eu sou água de banhar
Eu sou água de fazer
A terra respirar...*

MINHOCO - Eu posso entender toda essa afinação, Filó ! Se a terra respira, ela tá viva. Ela mexe, tem movimento e não fica parada.

FILÓ - A terra é um imenso labirinto de buracos e túneis com milhares de entradas e saídas...

MINHOCO - Isso mesmo, Filó ! Nós não estamos perdidos. Podemos entrar e sair em qualquer lugar que ainda vamos estar dentro dela.

FILO - Minhoco ? Quem sou eu nesse mundo ?

MINHOCO - Ora, bollas ! Você é uma minhoca filósofa.

FILO - Uma minhoca filó *(tosse)* zófa ??? Gostei !

FILO - Minhoco, eu também descobri que gosto mais das perguntas do que das respostas.

MINHOCO - Nossa Filó, você tá diferente.

FILÓ - Diferente como ?

MINHOCO - Parece que você... cresceu !!!

FILÓ - Mesmo ? Então feche os olhos e vamos entrar em outro labirinto.

(música - cantam)

*filosofar filosofar
minhoca que pensa demais
sonhando que pode voar
vive de dia na terra*

de noite vive no ar...

*não sabe quem ela é
já não consegue cavar
minhoca na sua cabeça
tem muito pergunta...*

(Fecha luz)

CENA VIII

(Quinto encontro)

(Luz acende no quarto da Menina)

VOZ DA MÃE EM OFF - Lia, vem jantar.

MENINA - Tô indo, Mãe. Só mais um minutinho.

MÃE - Nem mais um minuto. Agora !

MENINA - Ai não. Só mais um pouquinho que eu to acabando a história. ...
(continuando) Duas nuvens pesadas deram um trombada de
arrebentar. O menino da rua de baixo, levou um susto, saiu da
chuva e entrou correndo pra dentro de casa. Pensou na Menina da rua
de cima e sentiu um frio na barriga. Tomou um banho rapidinho, passou
perfume, vestiu um agasalho, abriu um guarda chuva e saiu correndo...A
Menina acordou assustada com o barulho do trovão. Levantou
para fechar a janela e deu de cara com o Menino da rua de baixo...

*a chuva acordou inspirada
caiu de mansinho
e fez um verso na enxurrada:*

*um pingo d'água
vira lágrima salgada
na mão da namorada...*

MÃE - Lia !

MENINA - Já vai, Mãe.

MÃE - Tem um menino aqui querendo falar com você. Ele diz
que estuda na mesma escola que você. O nome dele é Vico...
Ludovico !

MENINA - Cheguei, Mãe !

(O Menino aparece na janela da Menina em cima de uma perna de pau)

CENA X

(Sexto encontro)

(musica de fundo)

*Eu vou descobrir o mundo
Pensando que tudo é novo, de novo
Eu vou descobrir onde você mora
Se é na rua de cima
Ou na rua de baixo
Ou na rua do meu coração...*

*Eu quero rir, ouvir história
Mas na escola
Você não me dá bola
Fica fazendo poesia
eu virando cambalhota
Na lama com as minhocas...*

(Menino e Menina brincam com alguns brinquedos não convencionais como câmara de ar, perna de pau, cama de gato, telefone de latinha, tecido trançado, bilboquê e outros. Depois de um tempo, cansados da brincar, sentam-se na câmara de ar)

- MENINO - Lia, sabia que vai ter festa junina na escola ?
MENINA - Sabia.
MENINO - Você quer dançar ... (fala bem rápido) ?
MENINA - O que ? Fala devagar que eu não tô entendendo nada.
MENINO - *(repete mais uma vez o mesmo jogo até falar pausado)* Você quer dançar quadrilha comigo ?
MENINA - *(faz charme, depois aceita)* Quero.
MENINO - Então tá. Amanhã tem ensaio.
MENINA - Eu te encontro lá.
MENINO - Leva aquela poesia que você tá escrevendo.
MENINA - Qual ?
MENINO - Aquela que fala: *(declama)*

*No dia seguinte
Lá no alto do céu
Amanheceu um dia
Contrário de ontem
o sol abriu um sorriso
com cara de guarda chuva de praia..*

*o vento soprou
um barquinho de papel
na rua de paralelepípedo...
O dia amanheceu cantando
E a terra acordou sorrindo
vestida de arco íris...*

- MENINA - Você gostou ?
MENINO - É... acho que eu tô começando a gostar de poesia.
MENINA - Sei... E a sua... *(cara de nojo)* Eca... coleção de minhocas ?
MENINO - Super ! Quer ver ?
MENINA - Eu acho que ainda tenho nojo de minhoca.
MENINO - *(pega uma minhoca)* Essa aqui é a Filó.
MENINA - Filó ?
MENINO - É a minha preferida. A Filó é uma minhoca muito especial. Ela é filósofa e tem até banda de rock.
MENINA - Duvido !
MENINO - Pega pra você ver.
MENINA - Sai pra lá. Eu nunca vou perder o nojo de minhoca. *(sai gritando)* Menino nojento. Vico Cara de Pinico.
MENINO - *(sai correndo atrás segurando uma minhoca)* Atrás dela Filó. Ela te chamou de nojenta !

(Luz cai)
CENA XI

(Atriz I aparece em cena com um guarda chuva bordado)

ATRIZ -

*E na festa junina
da escola do meio da rua
O noivo foi o Menino
da rua de baixo
a noiva a Menina
da rua de cima...*

(Sobre dois focos de luz simultâneos aparece um boneco de vara do Menino e da Menina vestidos com roupas de festa junina)

*O Menino
de botina velha
calça pula brejo
camisa listrada
gravata estampada
chapéu de palha ...*

*a Menina de sandália
de fivela dourada
vestido de chita cintado
laço de fita no cabelo
boca pintada de amora...*

ATRIZ - "Esse conto eu bordei com ponto entrelaçado. Deixei o fio livre para o Menino e a Menina inventarem o caminho de seus segredos e sonhos. Na escola do meio da rua eu encontrei os dois e bordei esses encontro que virou um conto... E com pontos trançados, elos e mais encontros, os dois vão continuar bordando uma outra história...

(Entra a canção final)

*Filosofar filosofar...
Minhoca que pensa demais
Sonhando que pode voar
Vive de dia na terra
De noite vive no ar...*

*Não sabe quem ela é
Já não consegue cavar
Minhoca na sua cabeça
Tem muito pergunta...*

Filosofar filosofar filosofar...

FIM

Nota: Esse espetáculo cumpriu temporada na capital, no Teatro Zanoni Ferrite e Teatro Heleny Guariba. Fez temporada em várias cidade do interior do estado de São Paulo, sendo contemplado com o Proac/ICMS da Secretaria de Estado da Cultura. Foi visto por um público aproximado de 10 mil pessoas, durante o ano de 2012/2013, com o seguinte elenco:

FICHA TÉCNICA

Elenco: LIVIA LA GATTO/PRISCILA GALVÃO
RENATA MACIEL/THAIS OLIVEIRA
THIAGO ROCHA
WESLEI SOARES
DANIEL LANGER

Músicas/ Direção Musical: Thiago Rocha

Cenários/figurinos/adereços: Valnice Vieira Bolla

Assistente de figurinos: Janaina Rocha

Criação de Luz: Luiz Alex Tasso

Projeto gráfico: Arte e design

Direção de palco: Daniel Langer

Contra regra: Rafael de Souza

Bonecos de vara: Fabio Caniatto e Maristela Tetzlaf

Administração e Produção executiva: Grupo Pasárgada

Texto e direção geral: JOSÉ GERALDO ROCHA

Produção executiva: VVB PRODUÇÕES ARTISTICAS E CULTURAIS

DVD COM TOMADAS DE CENAS
do espetáculo

LABIRINTO DE FILÓ

de José Geraldo Rocha

QUE BICHO É ESSE ???

Musical de

José Geraldo Rocha e Angela Lyra

(Livre adaptação de conto recolhido por Luís da Câmara Cascudo utilizado como Modelo de Ação para escritura de texto cênico. Versos recolhidos por Silvio Romero)

PERSONAGENS

ZEZÉ: FAXINEIRA – NARRADORA

DOROTÉIA: FAXINEIRA - NARRADORA

PRINCESA

AIA

COZINHEIRA

REI

ARAUTO

NOBRES

RODOLFO (PLEBEU)

MÃE DE RODOLFO

VELHO

CENA I

(Duas atrizes vestidas como faxineiras, entram em cena com baldes, sacos de lixos, rodo, vassoura e outros objetos de limpeza. Varrem enquanto cantam)

(Samba da Faxina)

- *Olha a faxina*
chegando aí, gente!
- *É o pano no chão !*
- *É o rodo na mão !*
- *É o balde no tanque*
- *É o samba e o fank...*
- *Segunda feira vou faxinar*
- *E na terça feira ?*
- *Eu também vou...*
faxinar cozinha
com sabão e vassourinha..
- *Na quarta feira é dia*
De faxina na pia ...

- E vamô que vamô

Mais faxina e correria...

- Na quinta o espanador

Limpa a sala e o corredor...

- Janela parede e porta

Hoje tem samba minha gente

Tá faltando detergente...

- Sexta feira vai chegando

Vou faxinar dobrado

Pra sambar no feriado...

(Depois de um tempo interrompem a limpeza. Descobrem um bicho esquisito que voa, pula e muda de lugar a todo o momento. Colocam baldes nas cabeças e com rodo e vassoura perseguem o bicho esquisito. Até que uma das atrizes consegue pegar o bicho e lança para a platéia. Cantam).

(Música Cantiga)

*Era uma vez um homem
Que ouviu muitas histórias
Histórias de reis, de princesas
e de plebeus...*

*E todas as histórias que ele ouvia
Saíam do baú da Vó
Do bolso da calça do pai
Do porta jóia da mãe
E até do avental da sua pajem...*

*E eram tantas histórias
Que ocuparam todos
os cantos da casa
a sala, o quarto, o jardim,
a cozinha, a varanda e o porão
geladeira, a panela, a gaveta
o armário, o tapete, o fogão
o portão, a garagem, a sala de estar
que não tinha mais lugar pra guardar*

*que o homem começou sua coleção
de ... era uma vez ...*

CENA II

(Enquanto cantam e narram pegam de dentro de baldes, panos com histórias escritas e penduram no varal).

ANGELA (Zezé): Era uma vez...

KARINA (Dorotéia): Em um reino muito distante...

ANGELA (Zezé): *(apanha o mop)* Uma princesa!!!! Uma princesa linda!! Com cabelos dourados, sedosos...

ANGELA (Princesa): *(berrando)* Me solta!!!! Me põe no chão!!!

ANGELA (Zezé): Uma princesa... Estressada!!! E esta princesa tinha uma Aia!! Que fazia tudo por ela! Aonde a princesa ia a AIA ia atrás!! Fazia todas as suas vontades...

LUIAN: *(entrando como Aia cantando tema)* Aiaiaiaiaiaia!!!!

ANGELA (Zezé): Não, Luian!!! A outra Aia!!!

ANGELA (Princesa): Chega!!! Eu quero a minha música!

KARINA (Aia): *(canta uma valsinha)* Princesa, princesa, princesa!!! Princesa princesa princesa!!

ANGELA (Princesa): Chega!! Cansei dessa música!!! Aia, vista o meu vestido! Cansei de ficar pelada!

KARINA (Aia): Pois não, princesa!!

ANGELA (Princesa): Aia, agora eu quero passear!!

KARINA (Aia): Pois não, princesa!

ANGELA (Princesa): Aia penteie o meu cabelo!!

KARINA (Aia): Pois não princesa! *(Aia acha um bicho esquisito no cabelo da princesa. Sai).*

ANGELA (Princesa): Ele é tão bonitinho!!! Vou ficar com ele como meu coisinho de estimação! Aia, depressa! Eu quero alguma coisa pra eu guardar o meu coisinho!

KARINA (Aia): Sim Princesa!! Eu vou providenciar. Aqui está uma caixinha pra guardar o seu coisinho!

ANGELA (Princesa): Não fez mais do que a sua obrigação! Pode se retirar! Não preciso mais dos seus serviços. Nossa meu bichinho você tá tão pequenininho, tão magrinho! Tá com fominha, tá? Eu vou te dar comidinha e vou te levar pra conhecer os jardins do palácio!

(Música gaita – tema de passeio. Princesa passeando com o bicho).

KARINA (Dorotéia): A princesa cuidou tão bem do seu novo amigo que o bicho foi crescendo, crescendo... Foi ficando cada vez maior!!

ANGELA (Princesa): Que grande que você está, meu lindinho! Tá com fominha, tá? Eu vou te dar mais comidinha! Hoje nós vamos conhecer todo o meu reino.

(Repete Musica gaita)

KARINA (Dorotéia): *(joga sacos de lixo de vários tamanhos em cena)* E o bicho não parava de crescer!!!

LUIAN (Vozes em off): Onde já se viu uma coisa dessas ?

KARINA (Dorotéia):- E foi ficando cada vez maior

KARINA (Vozes em off):- Cruz credo, que coisa mais esquisita !.

ANGELA (Princesa): *(princesa com um saco enorme passeando com o bicho na cabeça)* Esquisitos são vocês, seus plebeus! Vamos meu fofinho, não liga pra eles não!

Como você está grande! Tá com fominha tá? Eu vou te dar mais comidinha.

KARINA (Dorotéia): O bicho já estava tão grande que não cabia mais em nenhum lugar! E a princesa continuava dando comida pro tal bichinho. Até que um dia...

CENA III

(Música – xote ou xaxado para entrada do Rei).

ANGELA (Rei): Eu sou o rei o rei o rei! Eu sou o rei o rei o rei! Sou o pai da princesa! Que bicho é esse, minha filha? Meu Deus!! Um monstro!! Que bicho asqueroso!

KARINA (Princesa): *(como princesa)* Papai é o meu bichinho de estimação. O meu coisinho!

ANGELA (Rei): Não tem coisinho, nem bichinho! Onde já se viu um capricho desses? Guardas! Matem esta coisa nojenta!

KARINA (Princesa):- Nãããããoooo! Papai! Não faça isso!

ANGELA (Rei):- Ele está tomando conta do meu reino. É uma calamidade pública! Cortem a cabeça! Cortem a cabeça! Eu já sei o que eu vou fazer com o resto dessa... Coisa! Desse... Coiso!

KARINA (Princesa): (*grita*) Nãããããoooo ! Papai, eu te odeio!

(*Música – xote ou xaxado*)

LUIAN: A princesa ficou desolada! Triste e sem o seu coisinho de estimação!

(*Música para as carpideiras. As duas atrizes caminham com véus nas cabeças e velas nas mãos simulando um enterro. Cantam*).

*Ai mataram o meu bichinho
Ai cortaram todos os pés
Ai mataram o meu bichinho
Ai cortaram todos os pés
Não quero saber de nada
Quero meu bicho de pé ...*

ANGELA (Zezé): - O rei mandou tirar o couro do bicho esquisito e com ele mandou fazer uma almofada real para colocar os pés!

Jingle da Almofada#

(Os três Cantam)

“Uma almofada bonita, especial, macia e diferente de todas as almofadas reais”

LUIAN: Vinha gente de todo o reino pra ver do que ela era feita. Mas ninguém descobria. E a Princesa continuava reclamando!

KARINA (Princesa):- Papai! Eu quero de volta o meu coisinho!

ANGELA (Rei): - Quieta, sua menina mimada! Da próxima vez arrume um cachorro um gato, ou outro bicho... Um marido, por exemplo! Isso!!! Você precisa se casar!!

KARINA (Princesa):- (*fazendo birra*) Eu não quero! Não quero! E não quero! Eu nunca vou me casar! Eu nunca vou me casar! Eu quero o meu bichinho de estimação. Eu quero o meu coisinho! Eu nunca vou me casar!

ANGELA (Rei): - Vai sim!!! Vou te arrumar um marido pra você parar de manha!

(Rufo de caixa. Entra o Arauto com um balde na cabeça).

ANGELA (Arauto):- Hum! Hum! *(Abre um papiro de rolo de papel toalha)*. É da vontade do Rei Estopa!! *(pausa)* Do reino de Vassouras! *(Pausa)*. Que todos os cavalheiros deste reino e de todos os reinos da terra, sejam convocados para adivinhar do que é feita a almofada real..... Aquele que assim o fizer se casará com a Princesa.

(#Jingle da almofada#)

(Os três cantam)

(Novamente – rufo de caixa para o Arauto sair, tira o balde da cabeça).

LUIAN:- Vieram príncipes, nobres e cavalheiros de todos os lugares. Do reino de Vassouras, dos reinos vizinhos e dos reinos mais distantes. Todos tentavam, mas ninguém descobria.

KARINA (Princesa):- Bem feito! Eu não quero casar! Eu não quero! Eu nunca vou me casar!

ANGELA (Rei):- Vai sim! Sou eu que mando! Você vai ter que casar! Você não vai ficar pra titia!

KARINA (Princesa):- Eu não tô nem aí! Quem mandou você acabar com o meu coisinho de estimação!

ANGELA (Rei):- Chega de churumelas! Nem mais um pio. Eu já não aguento mais esse nhem nhem nhem. Pare de reclamar ou eu vou te trancar numa torre como fez a mãe da Rapunzel.

ANGELA (Zezé):- *(Com Violão)* A princesa até que estava gostando dessa ideia. Mas a notícia de que o rei queria arrumar um marido para a princesa foi se espalhando... Até que chegou num lugar muito distante. Lá na Vila Enxutinha. KARINA (Dorotéia): - Nesse lugar morava uma mulher muito pobre que trabalhava noite e dia, sem parar. Ela lavava, passava, cozinhava e ainda tinha tempo para cantar como passarinho...

(música + solo de Mímica Corporal Dramática - mãe do Rodolfo Trabalhando)

Andorinha pequenina

Come fruta no jambeiro

Eu quero dormir um sono

Na trança do seu cabelo...

Andorinha pequenina

Bebe água no ribeiro

Eu quero sonhar de novo

Na trança do seu cabelo...

Andorinha pequenina

Voa sempre bem ligeiro

Eu quero abrir os olhos

Na trança do seu cabelo...

ANGELA (Zezé):- Essa mulher tinha um filho muito esperto! Mas todos na Vila Enxutinha achavam que ele era meio amalucado...

LUIAN (Rodolfo):- Mãe! Eu vou mudar nossa sorte !

KARINA (Mãe): - De que jeito, meu filho ?

LUIAN (Rodolfo):- O carteiro, falou pro leiteiro, que falou pro padeiro que falou pra vizinha que falou pra mim, que o rei vai dar a mão da princesa em casamento para quem descobrir do que é feita a almofada real.

KARINA (Mãe):- Mas meu filho, o castelo é muito distante e o caminho é muito perigoso. !

LUIAN (Rodolfo):- Não se preocupe ! Eu sou esperto e não tenho medo de nada.

ATRIZ I:- Está bem, meu filho! Deus te acompanhe !

LUIAN (Rodolfo):- *(sai tocando e cantando)*

(música)

RODOLFO

Sou da Vila Enxutinha

Pela estrada é que eu vou

Casar com uma princesa

Meu coração me mandou

FOFOQUEIRAS

La vai Rodolfo pela estrada

Com sua cabeça amalucada

Esse menino não bate bem

Seu pensamento vai mais além...

RODOLFO

Quem me dera ser a seda

Depois da seda o cetim

Pra andar de mão em mão

As moças pegando em mim ...

FOFOQUEIRAS

La vai Rodolfo pela estrada

Com sua cabeça amalucada

Esse menino não bate bem

Seu pensamento vai mais além...

RODOLFO

Menina de saia branca

Corpinho da mesma cor

Pede ao rei que te case

Que eu quero o teu amor...

FOFOQUEIRAS

La vai Rodolfo pela estrada

Com sua cabeça amalucada

Esse menino não bate bem

Seu pensamento vai mais além...

RODOLFO *Não sou príncipe nem sou nobre*
 Mas tenho opinião
 Vou casar com a princesa
 Sem ter que pedir à mão...

La vai Rodolfo...

(Efeito de floresta. Ator I – Rodolfo caminha por um tempo, depois senta numa espécie de clareira, tira um embrulho, abre e come. Som diferente)

LUIAN (Rodolfo):- Quem está aí?

KARINA (Velho):- É de paz!

LUIAN (Rodolfo):- *(continua intrigado com o barulho)* Que barulho é esse, meu bom homem?

KARINA (Velho):- É o meu estômago roncando de fome!

LUIAN (Rodolfo):- Não faça cerimônia, homem de Deus. Venha comer comigo, onde come um comem dois.

KARINA (Velho):- *(aproxima e se serve)* Essa comida está muito boa.

LUIAN (Rodolfo):- Foi minha mãe que fez.

KARINA (Velho):- E o que você tá fazendo aqui, meu filho?

LUIAN (Rodolfo):- Eu parei pra descansar.

KARINA (Velho):- E pra onde você está indo?

LUIAN (Rodolfo):- O carteiro, falou pro leiteiro, que falou pro padeiro que falou pra vizinha que falou pra mim, que o rei vai dar a mão da princesa em casamento para quem descobrir do que é feita a almofada real.

KARINA (Velho):- Eu ouvi falar dessa almofada.

LUIAN (Rodolfo):- O senhor parece cansado. Descanse um pouco. Eu tenho uma rede, se o senhor quiser pode dormir nela que eu me ajeto com as folhas secas.

KARINA (Velho):- Muito obrigado, mas eu vou continuar caminhando. Obrigado pela comida. Você tem um bom coração. Eu vou te dar esse botão, quando

você precisar de ajuda, faça um pedido que ele irá te ajudar. (*entrega o botão*) Mas lembre-se ele poderá só poderá três pedidos

LUIAN (Rodolfo):- (*Rodolfo agradece*) Muito obrigado.

KARINA (Velho):- Siga seu caminho e boa sorte meu jovem.

LUIAN:- (*como Narrador*) O velho se despediu de Rodolfo e continuou caminhando até sumir na floresta. Rodolfo dormiu a noite inteira e pela manhã, botou os pés na estrada.

(*repete música tema*)

Sou da Vila Enxutinha

Pela estrada é que eu vou

Casar com uma princesa

Meu coração me mandou

Não sou príncipe nem nobre

Mas tenho opinião

Vou casar com a princesa

Sem nem pedir à mão...

CENA V

ANGELA (Zezé):- Quando chegou à cidade, Rodolfo entrou no palácio, ficou até sem jeito com aquele luxo todo, toda aquela gente bem vestida. No salão estavam: o rei, a princesa, o arauto, as aias da princesa e mais uma porção de gente da corte.

KARINA (Dorotéia):- Bem no meio da sala, estava a almofada real e uma fila de pretendentes. Um por um, todos se aproximavam olhavam para ela examinavam e arriscavam dizer do que era feita. De longe Rodolfo só observava.

(*Arauto entra. Rufo de caixa*)

LUIAN (Arauto): Mandarin Chin Chingue Lingue era um chinês – do Reino de Chinatow!

ANGELA (Chinês):- É coró de bareia!

KARINA (Princesa):- Errou! Bem feito !

ANGELA (Rei):- Cortem a cabeça!

(*rufo*)

LUIAN (Arauto): Dom Federico Feline do Reino de Cabíria.

KARINA (Italiano):- Má quê!!! Non é coró de bicho, eco! Non é couro nem pele!
E massa de caneloni.

KARINA (Princesa):- Errou de novo! Bem feito!

ANGELA (Rei):- Cortem a cabeça!

(*rufo*)

LUIAN (Arauto):- Messiê Sartre de Lyon.

ANGELA (Francês):- É couro de escargot.

ANGELA (Rei):- Cortem a cabeça

KARINA (Princesa):- Peninha. Até que ele era bonitinho.

(*rufo*)

LUIAN (Arauto):- Sheik Agadir do Reino das Arábias.

KARINA (Árabe):- É couro de camelo.

ANGELA (Rei):- Cortem a cabeça!

KARINA (Princesa):- Ai! Cansei!

(*rufo*)

LUIAN (Arauto): Venerável Cavaleiro Doutor Fernando... Do Reino do Rio e do Reino das Minas da Vila de Três Pontas.

ANGELA (Mineiro):- Uai! Isso ai é couro de chupa cabra sô!!!

(*rufo*)

ANGELA (Rei)- (*observa por um tempo*) Poupem a cabeça deste!

ANGELA (Mineiro):- Brigado, Majestade! Ô Princesa! Dá próxima vez eu trago um queijín da Canastra, viu?

KARINA (Princesa):- Fora! Eu odeio queijo! Eu sou vegana!

ANGELA (Zezé):- E nenhum dos pretendentes adivinhava. Ia chegando a vez de Rodolfo e ele não sabia o que ia dizer... De repente lembrou-se do botão que o Velho havia lhe presenteado. Pegou um deles e falou...

LUIAN (Rodolfo):- *(Rodolfo declamando)*

Botão botãozinho

Me diga no meu ouvido

Do que é feita a almofada

Senão eu estou perdido...

KARINA (Dorotéia):- Na mesma hora veio na cabeça de Rodolfo, a imagem do bicho mais esquisito que o juízo pode imaginar. Ele ficou surpreso com tamanho absurdo, mas confiou no que o velhinho havia dito.

ANGELA (Arauto): Rodolfo, o plebeu da vila Enxutinha!!!

LUIAN (Rodolfo):- *(Rodolfo tocando e cantando)*

O couro desse bicho

Só eu posso ver

Tamanho despropósito

Só pro Rei posso dizer...

ANGELA (Rei): - Aproxime-se meu jovem!

LUIAN (Rodolfo):- Pois não, Majestade!

ANGELA (Rei): - Muito bem. Do que é feita a minha almofada real?

LUIAN (Rodolfo): - Ela é feita de... *(suspense)* Se eu errar, vossa Majestade promete que vai me dar mais uma chance?

ANGELA (Rei): - Prometo!

LUIAN (Rodolfo): - E promete também que não vai cortar a minha cabeça?

ANGELA (Rei):- Palavra de rei não volta atrás.

LUIAN (Rodolfo): - Vossa Majestade pode dar sua palavra real por escrito?

ANGELA (Rei): - Pare de enrolação e vamos logo com isso! Aproxime-se *(fala em segredo para Rodolfo)* Fale do que é feito o couro da almofada real que eu já não aguento mais essa teimosia da princesa de não querer casar. Eu não fui

com a cara dos outros pretendentes. Todos eles eram muito cheios de nove horas e salamaleques. Eles estavam de olho no meu trono.

LUIAN (Rodolfo): - Eu não quero o seu trono, Majestade. Eu quero mesmo é casar com a princesa.

ANGELA (Rei): - Eu gostei de você! Acho que você vai ser o único que poderá dar um jeito nela.

LUIAN (Rodolfo): - Majestade, o couro da almofada é de...

KARINA (Arauto): *(rufo brusco interrompe a fala de Rodolfo)*

ANGELA (Rei): Silêncio Arauto. Nem mais um toque. Fale no meu ouvido.

LUIAN (Rodolfo): - *(Rodolfo fala no ouvido do rei)*

ANGELA (Rei): - Muito bem! Muito bem! É isso mesmo! Este rapaz acertou!! Eu te concedo a mão da princesa.

KARINA (Princesa):- Nem morta, Papai. A mão é minha e eu dou ela pra quem eu quiser. E tem mais, eu não vou casar com um pé rapado desses. Pode me trancar na torre da Rapunzel.

ANGELA (Rei): Chega!!! Eu desisto! Eu tenho mais o que fazer do que ficar aturando essa menina birrenta. *(Para Rodolfo à parte)* Agora é com você meu jovem! Faça de tudo para domar essa megera que eu te farei um homem rico. *(sai)*

LUIAN (Rodolfo): - *(pisca o olho para o Rei)* Combinado, Majestade!!! Até mais... Meu sogro.

(canta para a princesa)

Menina de saia branca

Corpinho da mesma cor

Pede a teu pai que te case

Que eu quero teu amor...

KARINA (Princesa):- *(responde)*

A minhoca é bicho feio

É bicho que entra no chão

Você é muito feio

Não entrou no meu coração...

KARINA (Princesa): A prova da almofada real foi apenas a primeira. Você ainda precisa passar por outro teste. Por dois dias você vai ter que tomar conta de cem animais soltos na floresta. No final do dia você vai ter que devolver os cem sem faltar nenhum.

LUIAN (Rodolfo): - Que animais são esses?

KARINA (Princesa): Cem coelhos.

LUIAN (Rodolfo): - Carambolas!!! Mas isso é o mesmo que juntar moscas!

KARINA (Princesa):- Se você preferir posso trocar. Cem moscas em vez de cem coelhos.

LUIAN (Rodolfo):- Juntar moscas é muito fácil. Junto 1.000 de uma vez, mas por favor, Princesa não me mande juntar coelhos. É muito mais difícil. Eles entram em buracos, se multiplicam muito rápido e eu tenho alergia de... (espirra) coelhos.

KARINA (Princesa):- Então a prova vai ser juntar coelhos mesmo. No final do dia todos os cem deverão ser devolvidos e sem faltar nenhum.

LUIAN (Rodolfo):- (*fazendo cara de bobo*) Ai, que eu tô perdido!!!

CENA VI

ANGELA (Zezé):- Naquela noite, Rodolfo passou muito bem, tomou um bom banho, deram-lhe comida, roupas novas e até a princesa achou que ele ficou bem bonitinho. No dia seguinte, levaram Rodolfo para a floresta e soltaram os cem coelhos. Correu coelho para tudo quanto foi canto. Em pouco tempo, não se via mais nenhum. Tinham fugido todos. Aí ele se lembrou dos botão

Botão botãozinho

Não me pregue uma peça

Como eu faço pra juntar

Cem coelhos bem depressa...

KARINA (Dorotéia): Na mesma hora apareceu uma flauta mágica. Rodolfo começou a tocar e os coelhos foram se aproximando encantados com aquela música. Num instante os cem coelhos estavam ali. Rodolfo parou de tocar para que eles pudessem comer à vontade e ficou sentado embaixo de uma árvore esperando.

ANGELA (Aia):- (*aproxima-se, enquanto a Princesa observa atrás de uma árvore*) Olá Rodolfo, como vai?

LUIAN (Rodolfo): Vou indo, vou indo!!!!

ANGELA (Aia): Será que você me venderia um desses coelhos?

LUIAN (Rodolfo): Não posso vender, não são meus!!

ANGELA (Aia): Sabe o que é... eu tenho um irmãozinho que tinha um coelhinho e o coelhinho fugiu. Ele ficou tão tristonho, coitado!! Por favor, Seu Rodolfo me vende unzinho só? *(A princesa dá uma risadinha)*

ANGELA (Aia): Eu lhe pago quanto quiser!! *(A princesa da outra risadinha. Rodolfo vai até onde ela está escondida. A Aia tenta impedir).*

LUIAN (Rodolfo): *(Para a platéia)* Aí tem coisa... Tá bom, mas eu não quero dinheiro! *(canta)*

Passarinho no capim

Beija flor na limeira

Não há dinheiro que pague

Beijo de moça solteira...

(Aia dá um beijo em Rodolfo que lhe entrega um coelho. Quando a Aia vai saindo Rodolfo começa a tocar a flauta mágica. O coelho pula do colo dela e volta pra Rodolfo. Ri.)

LUIAN (Rodolfo):- Fica brava não, Aia. Volte aqui que eu devolvo teu beijo.

Na troca de um coelho

Roubei um beijo seu

Posso devolver o beijo

O coelho não é meu...

ANGELA (Aia): - Aiaiaiaiaiaiaiaiaiaiaia ! Você não perde por esperar, seu espertinho!

KARINA (Princesa): Vou precisar de alguém mais forte pra segurar o coelho. Já sei! A cozinheira real.

(aparece a cozinheira real)

ANGELA (Cozinheira): Bom dia meu jovem, estou precisando de dois coelhos para o banquete real e não tenho tempo para comprá-los no mercado. Você me venderia? Eu pago muito bem.

LUIAN (Rodolfo): Desculpe-me minha senhora, mas eles não estão à venda.

ANGELA (Cozinheira): Mas se eu não fizer coelho ensopado hoje o rei manda cortar o meu pescoço!!

LUIAN (Rodolfo):- Isso me parece coisa da Princesa! Está bem! Eu lhe dou dois coelhos em troca de dois beijos!

ANGELA (Cozinheira): Aceito o acordo! *(Dá um beijo em Rodolfo e pega os coelhos. Mal ela sai de perto, Rodolfo toca. A Cozinheira segura firme, mas é puxada por todo o palco pelos coelhos).*

ANGELA (Cozinheira):- Oh!! Oh!! Segura!! Segura!!! *(Cai no chão e os coelhos voltam pra Rodolfo)* Eu quero meus coelhos! Pega! Pega!

LUIAN (Rodolfo):- *(toca e canta)*

Na troca de dois coelhos

Roubei dois beijos seus

Posso devolver os beijos

Os coelhos não são meus...

ANGELA (Cozinheira):- Você não perde por esperar, seu espertinho!

LUIAN (Narrador):- No fim da tarde, Rodolfo tocou a flauta mágica e voltou para o palácio com aquela coelhada toda aos pulos atrás dele.

KARINA (Princesa)- Vamos ver se você cumpriu sua tarefa!!! Arauto!!! Já contou??

ANGELA (Arauto) Noventa e sete, noventa e oito, noventa e nove. Cem!!! Não falta nenhum, Princesa.

KARINA (Princesa):- Muito bem! Você cumpriu sua tarefa. Vá dormir que amanhã eu pensarei numa outra prova. Boa noite!

LUIAN (Rodolfo):- Boa noite, Princesa! *(faz uma mesura)* Tenha bons sonhos! Sonhe comigo.

KARINA (Princesa):- Vá pentear macaco!!!

LUIAN (Rodolfo):- *(canta)*

Olhos pretos matadores

*Cara cheia de alegria
Um beijo da sua boca
Me sustenta todo dia ..*

KARINA (Princesa): *(canta)*

*Lagartixa é bicho feio
Eu não pego na mão
Você é muito feio
Não entrou no meu coração...*

ANGELA (Zezé):- Quanto mais a Princesa embirrava em não querer casar, mais Rodolfo insistia. Nessa noite ele foi até a janela da Princesa e fez uma serenata pra ela.

LUIAN (Rodolfo): *(cantando)*

*Abre a janela, ó querida,
Venha ver o luar cor de prata
Venha ouvir o som desse meu pinho
Na canção de uma serenata...*

LUIAN (Rodolfo):- Agora em inglês!

LUIAN (Rodolfo):- Agora em alemão!

(A Princesa interrompe a serenata. Joga um balde de água na cabeça dele.)

KARINA (Princesa):- Me deixa dormir, vá cantar em outra freguesia !

(Rodolfo fica todo molhado debaixo da janela. O Rei aparece).

ANGELA (Rei):- E então, meu jovem? Conseguiu conquistar a minha filha?

LUIAN (Rodolfo)- Tá difícil, Majestade. Ela é muito complicada.

ANGELA (Rei):- Parecida com a mãe dela, a Rainha.

LUIAN (Rodolfo):- Cada vez pede uma nova prova. Eu tô quase desistindo.

ANGELA (Rei):- Tente um pouco mais. Você vai conseguir dobrar a teimosia da Princesa. Eu gostei de você! Você é um jovem corajoso apesar de... Meio amalucado.

Continue tentando. Boa noite!

LUIAN (Rodolfo): Durma bem, Majestade!

KARINA (Dorotéia):- No dia seguinte...

KARINA (Princesa):- Hoje sua tarefa será encher este balde de mentiras. Cumprindo essa tarefinha eu vou começar a te achar mais bonitinho.

LUIAN (Rodolfo)- Encher um balde de mentiras? Eu nunca vou conseguir.

KARINA (Princesa): E tem mais. Você tem até amanhã para cumprir essa tarefa senão conseguir eu vou mandar te prender no calabouço do castelo, jogo a chave fora e nunca mais quero ouvir falar de você!

ANGELA (Zezé):- (*interferindo*) Menos Princesa, menos... Dito isso, a Princesa se retirou para os seus aposentos e deixou Rodolfo apavorado com a responsabilidade daquela tarefa impossível.

LUIAN (Rodolfo):- Agora eu tô perdido! Como é que eu vou conseguir encher um balde de mentiras, e quer saber de uma coisa, essa Princesa já está me cansando. Nem bonita ela é. Tô perdendo a vontade de casar! (*senta-se num canto e fica pensativo*).

ANGELA (Rei):- (*voz em off*) Não desiste não, meu jovem. Você vai conseguir!

CENA VII

ANGELA (Zezé):- Todos acharam que seria impossível passar por aquela prova. Ainda mais porque a corte toda sabia que o balde não era mágico. Rodolfo foi para a floresta pra ver se conseguia pensar direito, deitou debaixo de uma árvore e de tanto pensar acabou adormecendo.

(*Ouve-se um assobio, depois um chamado*)

VOZ EM OFF:- Ei, psiuuu !

LUIAN (Rodolfo):- (*acorda*) Quem é?

VOZ EM OFF:- Sou eu ! Aqui no seu bolso.

LUIAN (Rodolfo):- Caramba! O botão mágico, como é que eu me esqueci de você. Estou salvo!

Meu botãozinho salvador

Como eu faço pra encher

Um balde de mentiras

Sem nenhuma se perder...

KARINA (Dorotéia):- Na manhã seguinte todos estavam reunidos no grande salão para ver se Rodolfo tinha enchido o balde de mentiras. A corte, o rei, a Princesa e todos os empregados do palácio. Então o Arauto anunciou.

(rufo)

ANGELA (Rei):- Chega desse barulho horrível e vamos logo ao que interessa!

(rufo para)

KARINA (Arauto):- O jovem Rodolfo da Vila Enxutinha e a prova do balde cheio de mentiras.

LUIAN (Rodolfo): (*Entra com o balde*). Conforme a Princesa ordenou vou encher este balde com mentiras. Quando eu estava na floresta tomando conta dos coelhos aconteceu um caso muito curioso. A Aia da princesa apareceu e me pediu para que eu lhe vendesse um dos coelhos. Como eu não estava interessado em dinheiro não aceitei, mas aí, a Aia toda assanhada me deu um beijo em troca de um coelho. É verdade ou mentira? ANGELA (Aia): É mentira!!!! LUIAN (Rodolfo):- Pouco depois uma senhora, que me parecia distinta, procurou-me para comprar dois coelhos. Disse-me que precisava urgentemente deles para o banquete real e também me ofereceu dinheiro. De novo eu não aceitei, mas propus que me desse dois beijos em troca dos coelhos. E não é que ela topou! É verdade ou mentira?

ANGELA (Cozinheira): É mentira! É mentira das grandes!!

LUIAN (Rodolfo): Olha como o balde tá enchendo. Naquela noite tinha uma lua linda no céu e eu como sou um rapaz apaixonado resolvi fazer uma serenata para conquistar a Princesa de uma vez por todas. Ela abriu a janela para me ouvir cantar...

KARINA (Princesa):- É mentira!

LUIAN (Rodolfo):- Melhor se controlar que o balde já está quase cheio, Princesa.

ANGELA (Rei):- Silêncio! Deixe ele acabar a história.

LUIAN (Rodolfo):- Ela disse que eu cantava muito bem e que se eu continuasse cantando ela ia acabar se apaixonando por mim...

KARINA (Princesa): É...

ANGELA (Rei):- Fecha a matraca! Nem mais um pio!

LUIAN (Rodolfo):- Quando eu terminei a serenata ela me chamou de lindo, pediu que eu subisse aos seus aposentos, me ofereceu um jantar à luz de velas, me deu um beijo prolongado e disse que estava pronta pra casar comigo...

KARINA (Princesa):- *(não se contendo a ponto de ter uma síncope. Explode)* É mentira!!! É mentira! É mentira! Essa é a maior mentira que eu já ouvi.

LUIAN (Rodolfo):- *(fecha a tampa do balde)* Pronto! O balde está cheio, Princesa.

ANGELA (Rei):- Meus parabéns! Você provou que é um jovem muito esperto e de muito valor.

KARINA (Princesa):- Ainda tem mais uma prova. !

ANGELA (Rei):- Ele não vai ter que provar mais nada e a senhorita vai casar com ele ou vai ficar solteirona e não vai casar com mais ninguém, pronto!

KARINA (Princesa):- Eu não quero ficar solteirona.

ANGELA (Rei):- Então, case com ele de uma vez!

KARINA (Princesa):- Eu não caso!

ANGELA (Rei):- Casa!

KARINA (Princesa):- Não caso!

LUIAN (Rodolfo):- *(interrompendo)* Desculpe Majestade. Posso dizer uma coisinha?

ANGELA (Rei):- Claro, meu jovem!

LUIAN (Rodolfo):- Estive pensando, mas agora sou eu que não quero casar. Eu sou muito novo e quero conhecer o mundo, cantar e tocar em outros reinos, conhecer outras pessoas. Não me leve a mal, mas você Princesa, é um purgante.

KARINA (Princesa):- E você é o resultado! Grosso! Plebeu!

LUIAN (Rodolfo):- *(faz uma reverência)* Adeus, Majestade! Eu também gostei muito do senhor.

ANGELA (Rei):- Fique, meu jovem. Eu te ofereço muito dinheiro e quem sabe um dia você poderá ser rei.

LUIAN (Rodolfo):- Eu agradeço Majestade, mas eu não quero dinheiro e também não quero ser rei. Já tem muito rei nesse mundo, mas se quiser fazer alguma coisa por mim... *(fala no ouvido do Rei)*

ANGELA (Rei):- Eu atenderei o seu desejo.

CENA VIII

KARINA (Princesa): E como palavra de rei não volta atrás, ele cumpriu sua palavra. Mandou buscar a mãe de Rodolfo e nomeou-a cozinheira real. Ela aceitou o convite e acabou conquistando o rei pelo estômago e ele nunca mais mandou cortar a cabeça de ninguém

KARINA (Mãe): Majestade, eu fiz o seu prato preferido.

ANGELA (Rei):- Hum, que delícia! Obrigado, minha rainha da cozinha.

ANGELA (Zezé):- Rodolfo despediu de sua Mãe e do Rei pra correr mundo, cantando e tocando para viver do seu jeito. Ele já ia pondo o pé na estrada quando...

KARINA (Princesa):- (*humilde*) Posso ir com você?

LUIAN (Rodolfo):- Mas você é uma princesa.

KARINA (Princesa):- Vida de princesa é muito sem graça.

LUIAN (Rodolfo):- Você é filha de rei e uma princesa pode ter tudo que quiser.

KARINA (Princesa):- Por isso mesmo! Cansei de ter tudo que eu quero. Ter muita coisa enjoa.

LUIAN (Rodolfo):- Eu tenho pouca coisa.

KARINA (Princesa):- Deve ser bom viver com pouca coisa. Posso correr mundo com você?

LUIAN (Rodolfo):- Você sabe cantar?

KARINA (Princesa):- Eu aprendo.

LUIAN (Rodolfo):- Eu te ensino

(*os dois saem cantando e tocando*)

E se algum dia

vocês ouvirem alguém

Cantando por aí

Ela vestida de princesa

Ele vestido de plebeu

Numa praça, num teatro

Numa rua ou num parque

Parem para escutar

Essa história às avessas

De como tudo aconteceu...

Não viveram felizes para sempre

porque para sempre

*a gente nem sabe como é
Viver feliz já é um bom sinal
E em algum lugar
eles continuam cantando
tocando, contando, cantando,
tocando... contando...*

*Era uma vez uma princesa
e um plebeu que não quiseram casar
E resolveram correr mundo
Pra sua história contar...*

(Voltam a cantar a música do início)

*Era uma vez um homem
Que ouviu muitas histórias
Histórias de reis, de princesas
e de plebeus...*

(Atores narrando)

LUIAN:- Esse colecionador de histórias...

KARINA:- Chamava-se Luis da Câmara Cascudo

ANGELA:- E era uma vez ... um Homem !

FIM

Nota explicativa: Este texto foi encenado e cumpriu temporada em unidades dos SESIs (Serviço Social da Indústria) em 9 cidades do interior do Estado, fazendo parte do Projeto Arte Educação

- Teatro Distrital Leopoldo Fróes, (Capital)

- Virada Cultural (Sorocaba) e

- Projeto Repertório do Pasárgada em Valinhos, Porto Feliz e São José dos Campos para um público de 3 mil pessoas, entre crianças, jovens e adultos.

- Apresentou-se em vários Festivais entre eles o de Ponta Grossa, no Paraná, recebendo várias indicações e premiação para atriz e figurinos.

- Apresentou-se em Araçatuba no Projeto Teatro nos Parques

FICHA TÉCNICA

Texto: José Geraldo Rocha e Angela Lyra

Elenco: Angela Lyra

Kaka Degaspari

Luian Borges

Cenários/bonecos e figurinos: Valnice Vieira Bolla

Fotos: Vitor Vieira

Preparação corporal: Kaka Degaspari

Músicas e direção musical: Joana Flor

Costureira: Jane Costa e Ione Pereira Silva

Projeto gráfico: Kleber Góes | Comunica.Ações

Ilustração: Amauri Ribeiro

Direção geral: JOSÉ GERALDO ROCHA

DVD COM TOMADAS DE CENAS
do espetáculo

LABIRINTO DE FILÓ

de José Geraldo Rocha